

WILLIAM
HJORTSBERG
**CORAÇÃO
SATÂNICO**
DARKSIDE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

WILLIAM HJORTSBERG

**CORAÇÃO
SATÂNICO**

Tradução de SÉRGIO HENRIQUE POMPEU



EDITORA BEST SELLER

Título original: *Falling Angel*

Copyright © William Hjortsberg Publicado sob licença de
Harcourt

Brace Jovanovich, Inc.

Direitos exclusivos da edição em língua portuguesa adquiridos
por EDITORA NOVA CULTURAL LTDA., que se reserva a propriedade
desta tradução.

EDITORA. BEST SELLER uma empresa da Editora Nova
Cultural Ltda.

Av. Brig. Faria Lima, 2000 — CEP 01452 — Caixa Postal 9442
São Paulo, SP

ISBN 85-85091-66-5

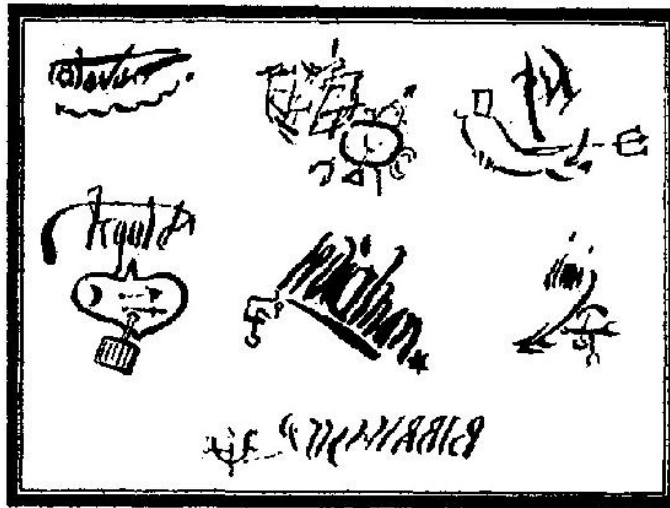
10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

Para Bruce, Jada, Ellen e Nick,
"meninos e meninas juntos... nas calçadas de Nova York".
E para Bob,
que viajou na luz fantástica.

– Ah, quão terrível é a sabedoria quando não traz benefício
algum ao homem que é sábio!

SÓFOCLES

Édipo Rei



1

ERA UMA SEXTA-FEIRA 13, e um palmo de neve derretida, resquício do dia anterior, ainda cobria as ruas. Do outro lado da Sétima Avenida as manchetes se sucediam no luminoso ao redor da fachada de terracota da Torre Times: HAVAÍ É ACEITO COMO 50? ESTADO DA UNIÃO: CONGRESSO APROVA LEI POR 232 VOTOS A 89; SANÇÃO DA LEI POR EISENHOWER ASSEGURADA. Havaí, doce terra de abacaxis, sol, surfe e saias requebrando ao sabor da brisa tropical, embaladas pelo som das guitarras típicas, os ukuleles.

Girei a cadeira na direção da Times Square. No Claridge, o *outdoor* de Camel despejava grossos anéis de fumaça sobre o tráfego agitado. Dias antes, graças a pintores suspensos por andaimes, o garboso cavalheiro do anúncio, a boca petrificada num "O" de permanente surpresa, trocara seu sobretudo e chapéu de brim escuros por uma roupa mais leve, listrada, e chapéu-panamá; apesar da falta de poesia, o fumante era o mensageiro da primavera na Broadway.

Meu prédio fora construído antes da virada do século: quatro andares de tijolos, fuligem e excremento de pombos, o telhado tomado por cartazes anunciando vôos para Miami e várias marcas de cerveja. Havia uma charutaria na esquina, um salão de pôquer, duas barracas de cachorro-quente e, no meio do quarteirão, o Teatro Rialto, cuja entrada espremia-se entre a de uma livraria pornográfica e a de uma loja de trucagens, com suas vitrines cheias de almofadas, daquelas que fazem barulho quando alguém senta nelas, e imitações de cocô de cachorro.

Meu escritório ficava no segundo andar, ao lado da Eletrólise Olga, Importadora Teardrop e do Escritório de Patentes Ira Kipnis. Letras douradas de vinte centímetros garantiam minha supremacia sobre a vizinhança: Agência de Detetives Crossroads, nome que comprei, junto com o negócio, de Ernie Cavaleiro, de quem me tornara assistente ainda no tempo da guerra, recém-chegado à cidade.

Eu estava de saída para um café quando o telefone tocou:

– Senhor Harry Angel? — perguntou a voz distante de uma secretária. — Herman Winesap, da McIntosh, Winesap and Spy chamando. — Balbuciei qualquer coisa e ela completou a ligação.

A voz suave de Herman Winesap entrou na linha, anunciando que eu falava a um procurador. Isso significava que seus honorários eram altos; alguém que se intitula advogado sempre custa muito mais barato. Winesap se exprimia tão bem que o deixei comandar a conversa:

– A razão pela qual liguei, senhor Angel, foi certificar-me da disponibilidade de seus serviços no momento.

– Algo relacionado com sua firma?

– Não. Falo em nome de um de meus clientes. O senhor está disponível?

– Depende do trabalho. Preciso de alguns detalhes.

– Meu cliente prefere discuti-los pessoalmente. Ele sugeriu que almoçassem juntos hoje. No Top of The Six, à uma em ponto.

– Talvez você possa me dizer o nome de seu cliente, ou devo procurar por alguém usando um cravo vermelho?

– Tem um lápis à mão? Vou soletrá-lo para você.

Escrevi Louis CYPHRE no bloco de anotações e perguntei como se pronunciava; Herman Winesap exibiu sua classe, acentuando o erre como um professor da Berlitz faria. Perguntei então se o cliente era estrangeiro:

– O senhor Cyphre possui passaporte francês, embora eu não esteja certo quanto a sua verdadeira nacionalidade. Quaisquer perguntas que queira fazer, ele ficará muito satisfeito em respondê-las durante o almoço. Posso dizer a ele que o espere?

– Estarei lá, à uma em ponto.

O procurador Herman Winesap ainda fez alguns gentis comentários finais antes que eu pudesse acender um de meus

charutos preferidos em comemoração.

2

O NÚMERO 666 da Quinta Avenida era um infeliz casamento de estilo internacional com a moderna tecnologia americana. Construído dois anos antes entre as Ruas 52 e 53, seus trezentos mil metros quadrados de escritórios cercados de painéis de alumínio pareciam um ralador de queijo de quarenta andares. Nem mesmo a queda-d'água no *lobby* conseguia ajudar muito.

Tomei o elevador expresso até o último andar, peguei a senha com a moça da chapelaria, e apreciava a vista quando chegou o *maitre*, lançando-me, desdenhosamente, um rápido olhar de avaliação, como um fiscal de abastecimento examinando uma fatia de bife. Nem mesmo o nome de Cyphre no livro de reservas fez com que ele descesse de seu pedestal. Segui-o, através do murmurar polido de executivos, até uma pequena mesa junto à janela.

Sentado ali, com um terno azul de listras finas feito sob medida, botão de rosa vermelho na lapela, estava um homem aparentando entre quarenta e cinco e sessenta anos. Apesar dos cabelos negros e cheios, penteados para trás, o bem aparado cavanhaque e o bigode pontudo eram brancos como ar-minho. A pele tinha um tom bronzeado e os olhos eram de um azul etéreo, distante. O brilho de uma pequena estrela de ouro invertida, presa ao nó de sua gravata de seda castanha, dava o toque final a sua elegância:

Sou Harry Angel — disse, enquanto o *maitre* afastava a cadeira para que eu me sentasse. — Um advogado chamado Winesap disse que você queria falar comigo.

Aprecio homens que vão direto ao ponto! Aceita um drinque?

Pedi um *manhattan* duplo, sem hesitar; Cyphre, batendo no copo com o dedo, unhas cuidadosamente aparadas, pediu que repetissem a dose. Era fácil imaginar aquelas mãos bem tratadas segurando um chicote. Nero deve ter tido mãos como aquelas; Jack,

o Estripador, também. Lânguidos, embora letais, seus dedos eram alongados, cruéis, perfeitos instrumentos do mal.

Quando o garçom nos deixou, Cyphre inclinou-se para frente, fitando-me com um sorriso cúmplice:

– Detesto ater-me a trivialidades, mas gostaria de ver alguma identificação antes de começarmos.

– Aqui está — disse, enquanto entregava a carteira, mostrando a ele minha licença e o emblema de inspetor honorário. — Aí estão também minha autorização para porte de arma e carteira de motorista.

Ele correu os dedos pelos suportes de celulóide e, ao devolver-me a carteira, observou, com um sorriso ainda mais branco nos lábios:

– Prefiro acreditar na palavra de um homem, mas meus consultores legais insistiram nessa formalidade.

– Nunca é demais tomar alguns cuidados.

– Achava que fosse do tipo que gosta de se arriscar, senhor Angel.

– Só quando há necessidade. — Eu me esforçava por identificar algum sotaque, mas a voz de Cyphre era lisa e clara como uma moeda a tilintar desde o dia em que fora cunhada. — Acho que deveríamos começar a tratar de negócios. Não sou muito bom para conversa miúda.

– Outra qualidade admirável! — exclamou, retirando do bolso de dentro do paletó uma cigarreira de couro com motivos dourados, da qual tirou um panatela esverdeado, longo e fino. — Aceita um? — Ante a minha recusa, Cyphre cortou a ponta do charuto com um canivete prateado e, enquanto aquecia o panatela com o isqueiro, perguntou:

– Por acaso você se lembra do nome Johnny Favorite?

– Ele era *crooner* de uma orquestra de *swing* antes da guerra, não?

– Exato. Um sucesso da noite para o dia, como gostam de dizer os jornais. Cantou com a orquestra de Spider Simpson em mil novecentos e quarenta. Pessoalmente, nunca me interessei por *swing* nem consigo lembrar-me dos títulos de seus sucessos; de qualquer modo foram vários. Ele quase causou uma tragédia no Teatro Paramount dois anos antes de alguém sequer ter ouvido falar em Sinatra. Você deveria se lembrar, o Paramount fica do seu lado da cidade.

– Johnny Favorite não é do meu tempo. Em mil novecentos e quarenta eu tinha acabado de sair da faculdade, era um tira inexperiente em Madison, Wisconsin.

– Meio-Oeste? Imaginei que você fosse nova-iorquino.

– Espécime meio raro, esse, especialmente acima da Rua Houston.

– Tem razão — concordou Cyphre, suas feições diluídas na fumaça azul do panatela, cuja qualidade era evidenciada pelo odor, fazendo com que eu me arrependesse de tê-lo recusado. — Esta é uma cidade de forasteiros. Eu mesmo sou um deles.

– De onde?

– Digamos que eu seja um viajante. — Desconversou

Cyphre enquanto afastava a fumaça com a mão, gesto que fez irradiar o brilho de uma esmeralda que até mesmo o papa gostaria de beijar.

– Para mim é o suficiente. Por que perguntou sobre Johnny Favorite?

Tão imperceptível quanto uma nuvem passageira, o garçom colocou nossos drinques sobre a mesa.

– Uma voz agradável, pensando bem — disse Cyphre, erguendo o copo à altura do olho, num brinde silencioso. — Como já disse, nunca tive muito estômago para *swing*; muito alto e agitado para o meu gosto. Mas quando Johnny queria, soava doce como um carola. Eu o tomei sob minha proteção no início da carreira: um

jovem impetuoso, franzino, nascido no Bronx, o pai e a mãe mortos. Seu nome verdadeiro era Jonathan Liebling... mudado por razões profissionais. Favorite ficava muito melhor nos letreiros. Sabe o que aconteceu a ele?

– Não faço a menor idéia.

– Foi chamado em janeiro de quarenta e três. Recrutado pela Seção de Serviços Especiais de Entretenimento, devido a seus talentos profissionais, e mandado à Tunísia em março. Não tenho certeza dos detalhes exatos. Uma tarde, durante uma performance, houve um bombardeio da Luftwaffe; o palco onde a banda se apresentava foi atingido, e boa parte da tropa morreu. Johnny, por alguma obra do destino, escapou com ferimentos no rosto e na cabeça. Escapou não é a palavra certa. Não tenho conhecimentos médicos, por isso não posso ser preciso quanto a sua condição. Acho que foi algum tipo de trauma de guerra.

Disse a ele que, por experiência própria, sabia alguma coisa sobre trauma de guerra:

– Verdade? Esteve na guerra, senhor Angel?

– Por alguns meses, logo no início. Tive sorte.

– Bem, esse não foi o caso de Johnny Favorite. Foi mandado de volta num navio, um verdadeiro vegetal.

– Uma pena! Mas onde eu entro nisso tudo? O que exatamente você quer de mim?

Cyphre apagou o charuto no cinzeiro, com o auxílio da piteira de marfim. Já amarelada pelo uso, esta tinha a forma de uma serpente enrodilhada, cuja cabeça era a de um galo com o bico aberto:

– Seja paciente comigo, senhor Angel. Estou chegando aonde quer, ainda que sinuosamente. Ajudei Johnny no começo de sua carreira. Nunca fui seu agente, mas pude usar minha influência a seu favor. Em reconhecimento pela minha assistência, que foi considerável, nós tínhamos um contrato... certas cláusulas estavam envolvidas, cláusulas que deviam ser cumpridas por ocasião de sua

morte. Peço que me desculpe por não poder ser mais explícito, mas os termos de nosso contrato especificavam que os detalhes permaneceriam confidenciais. De qualquer modo, Johnny estava desenganoado. Foi enviado a um hospital de veteranos em New Hampshire e tudo indicava que fosse passar o resto de sua vida numa enfermaria. Mas ele tinha amigos e dinheiro, uma quantidade considerável de dinheiro. Embora fosse um estróina por natureza, seus ganhos durante os dois anos anteriores ao recrutamento foram consideráveis, mais do que um homem poderia desperdiçar. Parte desse dinheiro estava investida, e o empresário de Johnny tinha procuração para movimentá-lo.

– A coisa começa a ficar complicada.

– De fato, senhor Angel — concordou Cyphre, com ar distante, batendo a piteira de marfim contra a borda do copo vazio, fazendo o cristal soar como sinos ao longe. — Amigos de Johnny o transferiram para um hospital privado, ao norte do Estado. Foi aplicado um tipo de tratamento radical. Típico abracadabra psiquiátrico, decerto. O resultado final foi o mesmo, Johnny continuou um zumbi. A única diferença foi que as despesas saíram de seu bolso, ao invés do governo pagá-las.

– Você sabe os nomes desses amigos?

– Não. Espero que não me tome por mercenário por dizer que meu interesse por Jonathan Liebling se refere apenas a nosso arranjo contratual. Nunca mais o vi desde que foi para a guerra. Tudo o que interessava era saber se ele estava vivo ou morto. Umg ou duas vezes por ano meus procuradores entram em contato com o hospital e obtêm dele um atestado juramentado de que Johnny ainda está vivo. Esta situação permaneceu inalterada até o último final de semana.

– O que aconteceu então?

– Algo bastante curioso. O hospital fica nos subúrbios de Poughkeepsie. Eu estava na vizinhança, a negócios, e, de maneira bastante casual, nada premeditada, decidi fazer uma visita a meu velho conhecido. Talvez eu quisesse ver o que dezesseis anos numa

cama fazem a um homem. Fui informado no hospital de que as visitas eram permitidas apenas em dias de semana na parte da tarde. Insisti, e o doutor de plantão apareceu. Informou que Johnny estava sendo submetido a uma terapia especial e não poderia ser perturbado até a segunda-feira seguinte.

– Parece que alguém está tentando passar-lhe a perna.

– Exato. Havia algo na maneira de agir daquele sujeito que não me agradou. — Cyphre guardou a piteira no bolso do colete e cruzou as mãos sobre a mesa.— Permaneci em Poughkeepsie até segunda-feira e voltei ao hospital, tendo o cuidado de chegar durante o horário de visita. Não encontrei o doutor, mas na recepção, quando dei o nome de Johnny, a garota perguntou se eu era algum parente. Respondi que não, naturalmente. Ela então disse que as visitas a pacientes eram restritas a membros da família.

– Alguma menção a isso antes?

– Nem uma palavra. Fiquei bastante indignado e acho que fiz uma cena, o que foi um erro. A recepcionista ameaçou chamar a polícia caso eu não saísse imediatamente.

– O que você fez então?

– Fui embora. O que mais poderia ter feito? É um hospital privado, eu não queria confusão. É por isso que estou contratando seus serviços.

– Quer que eu vá lá e cheque isso para você?

– Exatamente. — Cyphre, num gesto largo, virou as palmas das mãos para cima, como alguém demonstrando não ter nada a esconder. — Primeiro preciso saber se Johnny Favorite ainda está vivo, isto é essencial. Se estiver, gostaria de saber onde.

Peguei uma caneta e um pequeno caderno de anotações de couro no bolso de meu colete:

– Parece bastante simples. Qual é o nome e o endereço do hospital?

– É Clínica Emma Dodd Harvest Memorial. Fica a leste da cidade, na Rodovia Pleasant Valley.

Tomei nota e perguntei a Cyphre o nome do doutor que tentara levá-lo na conversa:

– Fowler. Acho que seu primeiro nome é Albert ou Alfred.

– Favorite está registrado com o nome verdadeiro?

– Sim. Jonathan Liebling.

– Acho que isso basta. — Guardei o caderno e levantei-me. — Como posso entrar em contato com você?

– Através do meu procurador, é a melhor maneira. — Cyphre alisou o bigode com a ponta do dedo indicador. — Mas você já vai? Pensei que iríamos almoçar juntos.

– Odeio perder uma refeição grátis, mas, se sair imediatamente, posso chegar a Poughkeepsie antes que o hospital feche.

– Hospitais não trabalham em horário comercial.

– Mas o pessoal do escritório, sim. Qualquer disfarce que eu use dependerá disso. Além do que, vai custar-lhe dinheiro se eu esperar até segunda-feira. Cobro cinquenta dólares por dia, mais despesas.

– Parece razoável por um trabalho bem-feito.

– O trabalho será feito. Satisfação garantida. Ligo para Winesap assim que eu souber de alguma coisa.

Perfeito. Foi um prazer conhecê-lo, senhor Angel.

– O olhar de desdém do *maitre* ainda me seguiu quando, na saída, apanhei minha pasta preta e o sobretudo.

3

MEU CHEVROLET 53 estava estacionado na garagem do Hipódromo, Rua 44, perto da Sexta Avenida. Do legendário teatro restara apenas o nome: Pavlova chegou a dançar nele; John Philip Sousa era maestro da banda da casa. Agora o local exalava fumaça de automóvel, e a única música existente vinha de um rádio portátil no escritório, entre uma e outra intervenção do locutor porto-riquenho, matraqueando seu *script* em espanhol.

Por volta de duas da tarde eu já seguia para o norte pela Rodovia Oeste. O êxodo de final de semana ainda não havia começado e o tráfego fluía bem na Estrada Saw Mill River.

Parei em Yorkers e comprei uma garrafa de bourbon. Quando passei por Peekskill, ela já estava pela metade, e então resolvi guardá-la no porta-luvas para a viagem de volta. Dirigi em silêncio através dos campos cobertos de neve que, ao contrário do tom amarelado e sujo da cidade, aqui era clara e limpa. Era uma bela tarde, bonita demais para se ligar o rádio e estragá-la com paradas de sucesso repletas de cantores medíocres.

Atingi os subúrbios de Poughkeepsie um pouco depois das três e não foi difícil achar a Rodovia Pleasant Valley. Oito quilômetros após a cidade cheguei a uma propriedade cercada de muros, com um portão ornamentado, de ferro forjado, em forma de arco. No muro ao lado, grandes letras de bronze indicavam: CLÍNICA EMMA DODD HARVEST MEMORIAL. Entrei por uma alameda de cascalho, um traçado sinuoso de aproximadamente quinhentos metros através de densas cercas vivas, até deparar-me com um prédio georgiano, de seis andares, com paredes iguais ao muro, de tijolo à vista, mais parecendo um dormitório de colégio do que propriamente um hospital.

O interior, porém, era típico ambiente hospitalar, paredes de um verde claro e chão de linóleo cinza, limpo o bastante para se operar nele. Um balcão de recepção envidraçado fora construído

numa reentrância em uma das paredes; diante dele, havia um enorme retrato a óleo de uma senhora idosa com cara de buldogue que adivinhei ser Emma Dodd Harvest, sem precisar olhar para a plaqueta presa à moldura dourada. Olhando a minha frente, avistei um corredor iluminado, por onde um enfermeiro, mais parecendo um autômato, empurrava tranqüilamente uma cadeira de rodas vazia.

Sempre odiei hospitais. Passei muito tempo neles, durante a guerra, em convalescença. Havia algo de deprimente na eficiente esterilidade desses lugares. O barulho de solas de borracha arranhando o chão de corredores impecáveis. Anônimos atendentes em uniformes brancos, engomados. Uma rotina tão monótona que a simples troca de um urinol assume importância de ritual. Memórias da enfermaria em que ficara me voltaram com um arrepio de horror. Hospitais, como prisões, são todos iguais por dentro.

A garota atrás do balcão de recepção tinha aparência simples e jovial; vestia-se de branco, um pequeno crachá preto revelando tratar-se de R.. Fleece. A abertura na parede dava para um escritório cercado de fichários:

– Posso servi-lo? — A voz da srta. Fleece era doce como a de um anjo; a luz fluorescente brilhava nas grossas lentes de seus óculos sem aro.

– Espero que sim. Meu nome é Andrew Conroy; faço trabalho de campo para o Instituto Nacional de Saúde. — Coloquei minha pasta de couro no balcão e mostrei a ela uma identificação falsa que trago numa carteira extra, sempre pronta para tais ocasiões. Havia mudado o cartão frontal do suporte de plástico enquanto descia no elevador, ainda no Top of the Six.

A srta. Fleece encarou-me com um olhar de suspeita, seus olhos escuros, aquosos moviam-se por trás das lentes espessas, como peixes num aquário. Podia apostar que ela não gostara do meu terno amarrotado, nem das manchas de sopa em minha gravata, mas a impressão favorável causada pela pasta salvou o dia:

– Há alguém em particular que gostaria de ver, sr. Conroy? — perguntou, esboçando um sorriso tímido.

– Talvez você saiba a resposta. — Deixei a carteira falsa escorregar para dentro do bolso do colete e inclinei-me sobre o balcão. — O instituto está desenvolvendo uma pesquisa sobre casos de traumas incuráveis. Meu trabalho é coletar informações sobre vítimas atualmente internadas em hospitais privados. Acho que você tem um paciente aqui que corresponde a esta descrição.

– Qual o nome do paciente, por favor?

– Jonathan Liebling. Qualquer informação que você puder" fornecer ficará em segredo. Na verdade, nenhum nome constará do relatório oficial.

– Um momento, por favor. — A recepcionista de voz angelical recuou para o interior do escritório e abriu a última gaveta de um dos fichários. Não demorou a achar o que procurava e voltou trazendo um envelope aberto, passando-o para mim através de uma abertura no vidro. — Nós já tivemos um paciente com esse nome, mas, como pode ver, Jonathan Liebling foi transferido para o hospital de veteranos do Exército em Albany há anos. Esta é sua ficha. Contém todas as informações que possuímos a seu respeito.

A transferência estava devidamente anotada no formulário, a data marcada embaixo: 5 de dezembro de 1945- Tirei minha caderneta e fingi tomar nota de alguns dados:

– Quem era o médico responsável pelo caso, você sabe?

Ela esticou o braço e pegou o envelope, virando-o para ler o nome:

– Era o Dr. Fowler — respondeu, apontando com o dedo o papel.

– Ele ainda trabalha no hospital?

– Sim, claro. Está trabalhando neste exato momento, inclusive. Gostaria de conversar com ele?

– Se não for muito incômodo...

Ela fez outra tentativa de sorriso:

– Vou chamá-lo e ver se está livre. — Ela se dirigiu para a mesa de controle e falou baixo num pequeno microfone. Sua voz amplificada ecoou através de um corredor distante. — Dr. Fowler no balcão de recepção, por favor... dr. Fowler no balcão de recepção.

– Você estava trabalhando neste final de semana? — perguntei, enquanto esperava.

– Não, fiquei fora por alguns dias. Minha irmã. se casou.

– Pegou o buquê?

– Não. Não tenho tanta sorte assim.

Dr. Fowler apareceu como que do nada, esquivo como um gato, silencioso em seus sapatos de solado de borracha. Era um homem alto, bem acima de um metro e oitenta, e puxava um pouco a perna ao andar, o que o fazia parecer ligeiramente corcunda. Usava um terno marrom de listras horizontais, amarrotado. O pouco de cabelo que lhe restava era grisalho.

A srta. Fleece apresentou-me como sendo o sr. Conroy, e eu usei com ele o mesmo disfarce do Instituto Nacional de Saúde, acrescentado:

– Ficarei muito grato se houver alguma coisa que possa me dizer sobre Jonathan Liebling.

Dr. Fowler pegou o envelope pardo. Pode ter sido disritmia o que fez seus dedos tremerem, mas eu tinha minhas dúvidas.

– Foi há tanto tempo. Um caso triste: ele era artista antes da guerra. Não apresentava evidência física de trauma neurológico, mesmo assim não houve resposta ao tratamento. Não parecia haver sentido algum em mantê-lo aqui, com as despesas e tudo o mais, então nós o transferimos para Albany. Era um veterano de guerra e destinado a viver numa cama pelo resto de seus dias.

– Então é li que ele pode ser encontrado, em Albany?

– Eu diria que sim, se ainda estiver vivo.

- Bem, doutor então não tomarei mais seu tempo. Obrigado!
- Não há de quê. Lamento não ter podido ajudar muito.
- De maneira alguma. O senhor ajudou bastante. — E era verdade. Seus olhos haviam contado toda a história.

4

DIRIGI DE VOLTA a Poughkeepsie, parando no primeiro bar que encontrei, primeiro liguei para o hospital em Albany. Demorou um pouco mas eles confirmaram o que eu já sabia: nunca houve um paciente transferido chamado Jonathan Liebling, nem em 1945, nem em qualquer época. Agradei a informação e, depois de colocar o fone no gancho, procurei na lista o nome de Fowler. Anotei o endereço e o telefone e liguei ao bom doutor. Nenhuma resposta. Deixei tocar uma dúzia de vezes antes de desligar.

Tomei um rápido drinque e pedi ao *barman* instruções sobre como chegar à Rua South Kittridge, 419- Ele desenhou um mapa tosco num guardanapo, comentando com estudada indiferença que aquela era a parte chique da cidade.

A observação do *barman* estava correta: South Kittridge era uma rua agradável, ladeada de árvores, a poucos quarteirões do campus. A casa do doutor era de madeira, em estilo gótico vitoriano, com uma pequena torre circular de um lado e uma série de intrincados ornamentos pendendo sob a meia-água, como laços na gola de uma velha senhora. Uma ampla varanda com colunas dóricas cercava a casa e o jardim era completamente separado da vizinhança por altas sebes lilás.

Passei vagarosamente pela casa, fazendo um reconhecimento do terreno, e, dobrando a esquina, estacionei o Chevy diante de uma igreja de parede de pedra; uma placa na calçada anunciava o sermão de domingo: A SALVAÇÃO ESTÁ DENTRO DE VOCÊ. Peguei a pasta e caminhei de volta ao 419 da South Kittridge — apenas mais um vendedor de apólices de seguro atrás de sua comissão.

Na porta da frente, um vidro oval granulado permitia a visão de um *hall* escuro, as paredes forradas de madeira até a metade e degraus acarpetados levando ao andar superior. Toquei a campainha duas vezes, e nada. Toquei de novo e tentei entrar, mas a porta

estava trancada. A fechadura deveria ter pelo menos quarenta anos, e eu não tinha nada que servisse para abri-la.

Caminhei ao longo da varanda lateral, tentando cada uma das janelas, sem sucesso. Nos fundos da casa encontrei a porta de um porão. Estava fechada a cadeado, mas a madeira à qual o fecho fora parafusado parecia velha e amolecida. Peguei um pé-de-cabra dentro da mala e forcei o anel do cadeado.

Os degraus estavam escuros e havia teias de aranha por toda parte. Minha caneta-lanterna impediu-me de quebrar o pescoço num aquecedor de carvão, curvado sobre si mesmo no centro do porão como um ídolo pagão.

Encontrei uma escada e subi até chegar a uma porta, que não estava trancada. Passando por ela, deparei-me com o que devia ter sido a última palavra em matéria de cozinha na época da Grande Depressão. Havia um suporte de botijão de gás com pernas altas, sinuosas, e uma geladeira antiquada, sobre a qual aninhava-se um motor circular, mais parecendo uma caixa de chapéus. Se vivesse sozinho, o dr. Fowler era um homem asseado: os pratos haviam sido lavados e postos no escorredor, o chão de linóleo estava encerado. Deixei a pasta sobre o oleado da mesa de cozinha e iniciei minha busca pela casa.

As salas de jantar e de visitas pareciam nunca ter sido usadas: havia pó acumulado e a pesada mobília estava disposta com precisão, como se fizesse parte de um *show-room*. No andar de cima ficavam três quartos, dois deles com os armários vazios; no menor, com uma cama de ferro e uma penteadeira lisa, de carvalho, dormia o dr. Fowler.

Revistei primeiro a penteadeira, não achando nada além de camisas, lenços e roupas de baixo de algodão. No armário, ao lado de uma sapateira, estavam pendurados vários ternos de lã cheirando a mofo; apalpei os bolsos, sem saber por que o fazia, mas nada encontrei. Sobre o criado-mudo havia, lado a lado, uma pequena bíblia de couro e um revólver Webley-Mark 5, calibre 455- Era uma arma portátil fornecida a oficiais britânicos na Primeira Guerra

Mundial. A bíblia não me interessava. Chequei o conteúdo do Webley; estava descarregado.

Tive mais sorte no banheiro. Sobre a pia, ainda exalando vapor, havia um esterilizador; dentro dele, meia dúzia de agulhas e três seringas. No armário encontrei apenas aspirinas, xaropes para tosse, tubos de pasta de dente e colírios. Examinei vários vidrinhos contendo cápsulas, mas todos pareciam legítimos — nenhum era de narcótico.

Eu sabia que tinha de estar em algum lugar, então voltei ao térreo e dei uma olhada na velha geladeira. Ali estava, na mesma prateleira do leite e dos ovos. Morfina: contando por alto, pelo menos vinte frascos de cinqüenta centímetros cúbicos. Suficiente para abastecer uma dúzia de viciados por um mês.

5

LÁ FORA A noite ia caindo aos poucos; as árvores desfolhadas do jardim da frente faziam sombras sob o céu de cobalto antes de imergir completamente na escuridão. Eu fumava um cigarro atrás do outro, amontoando guimbas no cinzeiro, uma valiosa peça de antiquário. Pouco antes das sete, as luzes de um automóvel adentraram o pátio e se apagaram. Fiquei atento, esperando pelos passos do médico no átrio, mas não ouvi barulho algum até a chave girar na fechadura.

Ele acendeu uma lâmpada localizada acima de sua cabeça e um retângulo de luz invadiu a sala de visitas, iluminando minhas pernas até a altura dos joelhos. Permaneci em silêncio, quebrado apenas pelo som de minha própria respiração, mas esperava que ele sentisse o cheiro da fumaça de cigarro. Estava errado: Fowler pendurou o sobretudo no balaústre e tomou a direção da cozinha. Assim que ele acendeu a luz, levantei-me e fui a seu encontro. O médico parecia não ter notado minha pasta sobre a mesa. Estava inclinado sobre a geladeira aberta, procurando alguma coisa. Eu o observava, encostado contra a entrada em arco da sala de jantar:

– Hora de sua picada noturna?

Ele virou-se, segurando um saco de leite contra o peito com ambas as mãos:

– Como entrou aqui?

– Pelo buraco da fechadura. Por que não senta e toma seu leite, enquanto batemos um longo papo?

– Você não trabalha para o Instituto Nacional de Saúde. Quem é você?

– O nome é Angel. Sou detetive particular, da capital.

Puxei uma cadeira e Fowler deixou-se cair pesadamente, segurando o leite como se fosse tudo o que lhe restasse no mundo.

– Arrombamento e invasão é um crime sério — disse ele. — Suponho que saiba que perderia a licença, caso eu chamasse a polícia.

Peguei outra cadeira, do lado oposto da mesa, e sentei-me, apoiando os braços no encosto:

– Nós dois sabemos que você não faria isso. Seria embaraçoso demais se eles achassem a droga escondida na geladeira.

– Sou um médico. Está perfeitamente dentro de meus direitos estocar produtos farmacêuticos em casa.

– Não me venha com essa, doutor, vi seus apetrechos cozinhando no banheiro. Há quanto tempo você é viciado?

– Eu não sou um... drogado! Tal insinuação é inadmissível. Sofro de uma grave artrite reumática. Às vezes, quando a dor se torna insuportável, uso um leve analgésico narcótico. Agora sugiro que vá embora, do contrário eu realmente chamarei a polícia.

– Vá em frente. Posso até discar o número, se quiser. Eles adorariam fazer o teste de detecção de drogas em você.

Fowler tremeu dentro das dobras do terno folgado, grande demais para seu tamanho. Ele parecia estar encolhendo diante de meus olhos.

– O que quer de mim? — disse, pondo de lado o litro de leite e apoiando a cabeça nas mãos.

– O mesmo que queria lá no hospital. Informações sobre Jonathan Liebling.

– Disse-lhe tudo o que sabia.

– Vamos deixar de brincadeira, doutor Liebling jamais foi transferido para um hospital de veteranos. Sei disso porque liguei para Albany; não foi muito inteligente de sua parte inventar uma história assim tão vulnerável. — Peguei um cigarro no maço e o coloquei na boca, apagado. — Seu segundo erro foi usar uma caneta esferográfica para anotar, no relatório, a falsa transferência de

Liebling. Esferográficas ainda não tinham sido inventadas em mil novecentos e quarenta e cinco.

Fowler resmungou algo e baixou a cabeça entre os braços sobre a mesa:

– Eu sabia que estava tudo acabado quando ele finalmente recebeu uma visita. Em quase quinze anos nunca houve um único visitante.

– Popular esse nosso amigo, hem? — ironizei, acendendo o cigarro. — Onde está ele agora?

– Não sei — respondeu Fowler, aprumando-se na cadeira com a aparência de alguém à beira do esgotamento —, não o vejo desde que era meu paciente durante a guerra.

– A algum lugar ele deve ter ido, doutor.

– Não faço idéia de onde seja. Algumas pessoas vieram certa noite há muito tempo... ele entrou num carro com eles e foi embora. Nunca mais o vi.

– Num carro? Eu supunha que ele tivesse se tornado um vegetal.

O doutor esfregou os olhos, piscando:

– Quando chegou a nós ele estava em coma. Mas o tratamento surtiu efeito e em um mês ele já estava de pé. Costumávamos jogar tênis de mesa às tardes.

– Então ele estava normal quando foi embora?

– Normal? Palavra odiosa essa; sem o mínimo significado. — Os dedos nervosos e trêmulos de Fowler fecharam-se, seus punhos cerrando-se sobre o oleado esmaecido. Na mão esquerda ele usava um anel de sinete dourado, com uma estrela de cinco pontas encravada. — Respondendo a sua pergunta: Liebling não era igual a você ou a mim. Mesmo após recobrar a consciência, a fala, a visão, o uso dos membros superiores e inferiores e tudo o mais, ele ainda continuava a sofrer de amnésia aguda.

– Quer dizer que ele perdeu totalmente a memória?

– Por completo. Não tinha idéia de quem era ou de onde vinha. Nem mesmo seu nome significava alguma coisa: ele insistia que era outra pessoa e que se lembraria mais tarde. Eu disse que ele foi embora com amigos: sei disso apenas porque *eles* o disseram. Jonathan Liebling não os reconheceu. Eram estranhos para ele.

– Conte-me mais sobre esses amigos. Quem eram? Como se chamavam?

O doutor fechou os olhos, pressionando as têmporas com os dedos trêmulos:

– Foi há tanto tempo! Anos e anos. Fiz o melhor que pude para esquecer.

– Não vá me dizer que também sofre de amnésia, doutor.

– Eram dois — disse ele, falando muito baixo, como se arrancasse as palavras do fundo da alma —, um homem e uma mulher. Dela nada posso dizer: estava escuro e ela ficou no carro. De qualquer forma, nunca a tinha visto. O homem era familiar, eu o havia encontrado várias vezes. Foi ele quem arranjou tudo.

– Qual era o nome dele?

– Ele disse que era Edward Kelley. Não tenho meios de saber se era verdade.

Anotei o nome em meu caderninho preto:

– E os arranjos de que falou? Em que consistiam?

– Dinheiro — o médico cuspiu a palavra como se fosse um pedaço de carne podre. —'Todo homem tem seu preço, não? Bem, eu tinha o meu, é claro. Esse sujeito, Kelley, veio um dia e me ofereceu dinheiro.

– Quanto?

– Vinte e cinco mil dólares. Talvez não pareça muito nos dias de hoje, mas durante a guerra era mais do que eu jamais sonhara ter.

E deve embalar muitos sonhos ainda hoje. O que Kelley queria de você?

– Aquilo de que você provavelmente já suspeita: dar alta a Jonathan Liebling sem documentá-la. Destruir qualquer evidência de sua recuperação. Acima de tudo, eu deveria fazer todos acreditarem que ele ainda era paciente do Emma Harvest.

– E foi justamente o que você fez.

– Não foi difícil. Além de Kelley e do agente teatral, ou empresário de Liebling, nós nunca tivemos visitas.

– Qual era o nome do agente?

– Acho que era Wagner. Não consigo lembrar-me do primeiro nome.

– Ele estava metido em seu trato com Kelley?

– Não que eu soubesse. Nunca os vi juntos, e ele não parecia saber que Liebling se fora. Ligava de tempos em tempos, durante um ano e pouco, para saber se havia ocorrido algum progresso, mas nunca veio pessoalmente. Após um certo tempo, parou de ligar.

– E sobre o hospital? A administração não suspeitou da falta de um paciente?

– E por que deveria? Eu mantinha os relatórios atualizados semanalmente, e todo mês era enviado um cheque do fundo de investimentos de Liebling para cobrir suas despesas. Desde que as contas estivessem sendo pagas, ninguém fazia muitas perguntas. Inventei uma história qualquer para satisfazer as enfermeiras, mas elas tinham outros pacientes para cuidar, de modo que não foi assim tão difícil. Como já disse, nunca houve visitas. Após um certo tempo, tudo o que eu tinha a fazer era preencher uma declaração legal que chegava a cada seis meses, com a precisão de um relógio, de um escritório de advocacia em Nova York.

– McIntosh, Winesap and Spy?

– Esse mesmo. — O médico ergueu os olhos assustados, antes fixos na mesa, e nossos olhares se encontraram. — O dinheiro

não era para mim. Minha esposa, Alice, ainda estava viva. Ela tinha um carcinoma e precisava se submeter a uma operação para a qual não tínhamos recursos. O dinheiro foi usado para isso, e para uma viagem às Bahamas, mas ela morreu mesmo assim. Não levou nem um ano. Nada pode reparar uma dor, nem mesmo todo o dinheiro do mundo.

– Fale-me sobre Jonathan Liebling.

– O que quer saber?

– Qualquer coisa, por menor que seja: hábitos, *hobbies*, de que jeito gostava dos ovos no café da manhã. Qual era a cor dos olhos dele?

– Não consigo lembrar-me.

– Fale então sobre aquilo que puder lembrar. Comece com uma descrição física.

– Isso é impossível. Não faço a menor idéia da aparência dele.

– Não tente me enrolar, doutor — disse, inclinando-se para a frente e soprando fumaça em seus olhos marejados.

– Estou dizendo a verdade — retrucou Fowler enquanto tossia. — Liebling chegou ao hospital seguindo um tratamento intensivo de restauração facial.

– Cirurgia plástica?

– Sim. Sua cabeça esteve envolta em bandagens durante toda a estada. Como eu não era o encarregado de trocá-las, não tive nenhuma oportunidade de ver seu rosto.

– Eu sei por que a chamam de cirurgia "plástica" — lamentei, apalpando o nariz.

O médico estudou minhas feições com ar profissional:

– Cera?

– Uma "recordação" da guerra. Pareceu bem-feito por alguns anos. O cara para quem eu trabalhava tinha uma casa de veraneio

em Barnegat, na costa de Jersey. Certa vez, na praia, adormeci: quando acordei, o nariz havia derretido por dentro.

– Cera não é mais utilizada em tais procedimentos.

– É o que me dizem. — Levantei-me, apoiando-me sobre a mesa. — Fale o que sabe sobre Edward Kelley.

– Foi há muito tempo — disse o médico —, e as pessoas mudam.

– Há quanto tempo, doutor? Qual foi a data da saída de Liebling da clínica?

– Foi em mil novecentos e quarenta e três ou quarenta e quatro. Durante a guerra. Não consigo lembrar-me precisamente.

– Tendo outro ataque de amnésia?

– Mais de quinze anos já se passaram. O que mais você quer?

– A verdade, doutor. — Estava começando a perder a paciência com o velho.

– Até onde me lembro estou dizendo a verdade.

– Como era esse Edward Kelley? — perguntei, deixando transparecer toda a minha irritação.

– Era um homem jovem, uns trinta e cinco anos, eu diria. De qualquer maneira, deve ter mais de cinqüenta hoje.

– O senhor não está me deixando muitas alternativas, doutor...

– Encontrei o homem só três vezes.

– Doutor — prendi o nó de sua gravata entre o indicador e o polegar, sem forçar muito; quando o puxei, no entanto, ergui-o tão facilmente que seu corpo parecia não sofrer a ação da lei da gravidade —, poupe aborrecimentos a si mesmo. Não me obrigue a arrancar a verdade de você.

– Disse-lhe tudo o que sabia.

– Por que está tentando proteger Kelley?

– Mas não estou. Eu mal cheguei a conhecê-lo. Eu...

– Se não passasse de um velho inútil, eu faria picadinho de você.

Ele tentou afastar-se, mas torci o nó de sua gravata um pouco mais, sufocando-o.

– Por que me cansar tanto assim quando há um modo mais fácil?

Os olhos injetados de Fowler denunciavam o pânico.

– Está suando frio, hem, doutor? Não pode esperar para se ver livre de mim e tomar uma picadinha na veia, não?

– Todos precisam de algo para ajudar a esquecer — sussurrou Fowler.

– Não quero que esqueça, doutor. Quero que se lembre. — Peguei-o pelo braço e empurrei-o para fora da cozinha.

– É por isso que vamos para seu quarto lá em cima, onde você pode se deitar e pensar melhor, enquanto eu saio e arranjo algo para comer.

– O que quer saber? Kelley tinha cabelos escuros e bigodinho à Clark Gable.

– Ainda não é o bastante, doutor. — Forcei-o escada acima, segurando-o pelo colarinho de seu terno de *tweed*. — Algumas horas longe de seu brinquedinho devem refrescar sua memória.

– Sempre vestido com roupas caras — ainda tentou Fowler —, ternos sóbrios, nada de espalhafatoso.

Empurrei-o pela porta estreita de seu quarto espartano e ele tombou de frente na cama:

– Pense melhor, doutor.

– Tinha dentes perfeitos; sorriso dos mais atraentes. Por favor, não se vá.

Fechei a porta atrás de mim e girei a chave na fechadura. Como tudo na casa de Fowler, era uma chave antiquada, do tipo que

a vovó usava para guardar seus segredos. Deixei-a escorregar para dentro do bolso e desci os degraus acarpetados, assobiando.

6

JÁ PASSAVA de meia-noite quando voltei à casa de Fowler. Havia uma única luz acesa, no quarto do andar superior. O pobre médico não estava conseguindo pegar no sono. Eu havia devorado um excelente jantar e assistira a uma sessão de cinema sem o menor remorso. Piedade é uma palavra que não existe em minha profissão.

Entrei na casa, passando pelo *hall* escuro em direção à cozinha. Abri a geladeira, apanhei um frasco de morfina na prateleira superior para tentar refrescar a memória de Fowler, e subi a escada, guiado por minha caneta-lanterna. A porta do quarto continuava trancada.

— Vou ser correto com o senhor, doutor — gritei, revirando os bolsos à procura da chave. — Trouxe-lhe até um aperitivo.

Virei a chave e abri a porta. O dr. Albert Fowler não disse uma palavra. Ele estava na cama, apoiado contra os travesseiros, ainda vestindo o terno marrom. Sua mão esquerda segurava contra o peito uma moldura com um retrato de mulher. O Webley Mark 5 estava na mão direita. O tiro fora dado no olho direito. O sangue coagulou-se no ferimento, parecendo lágrimas de rubi. A concussão impulsionou o outro olho meio para fora da órbita, o que dava ao médico o olhar esbugalhado de um peixe tropical.

Toquei as costas de suas mãos. Estavam frias, como carne pendurada na vitrine de um açougueiro. Abri minha pasta e retirei do bolso da tampa superior um par de luvas de látex, próprias para cirurgia.

Havia algo de errado com aquela cena. Dar um tiro no próprio olho pode parecer uma maneira esquisita de cometer suicídio, mas, presumivelmente, médicos são pessoas mais bem informadas sobre tais assuntos. Tentei imaginar o doutor segurando à Webley com o cano para baixo, a cabeça pendendo para trás, como alguém pingando colírio nos olhos. Não me pareceu nem um pouco convincente.

A porta estava trancada, eu estava com a chave no bolso. Suicídio era a única explicação lógica. O quarto continuava exatamente o mesmo, sóbrio como um aposento militar.

Peguei a bíblia no criado-mudo e uma caixa de munição caiu aberta no assoalho; o livro era oco por dentro. Peguei as balas do chão, olhando sob a cama para me certificar de que nenhum projétil rolara lá para baixo, e as coloquei de volta na bíblia oca.

Refiz meu trajeto pelo quarto, limpando com um lenço tudo o que tocara durante minha busca inicial. A polícia de Poughkeepsie não ficaria muito satisfeita se soubesse que um detetive particular de fora da cidade havia levado um de seus cidadãos proeminentes ao suicídio. Dizia a mim mesmo, enquanto limpava, que se este fosse mesmo o motivo da morte de Fowler, eles não iriam procurar por impressões, mas continuei apagando os traços de minha passagem pelo quarto.

Limpei a maçaneta e a chave e fechei a porta, deixando-a destrancada. Esvaziei o cinzeiro no bolso da jaqueta, lavei-o e deixei-o secar no corredor, junto dos pratos. Guardei a morfina e o leite na geladeira, cuidando de apagar vestígios de minha passagem pela cozinha. Depois foi a vez do porão: os corrimões e as maçanetas foram limpos, mas não havia nada que eu pudesse fazer a respeito do fecho da porta. Coloquei-o no lugar, enfiando os parafusos de volta na madeira apodrecida. Qualquer um fazendo seu trabalho perceberia.

A volta a Nova York proporcionou-me tempo bastante para refletir. Eu não gostava de pensar que podia ser o responsável pela morte de Fowler. Vagos sentimentos de angústia e remorso me assaltavam. Foi um erro grave tê-lo trancado no quarto com uma arma. E o pior era que o doutor ainda tinha muito o que contar.

Tentei fixar a cena em minha mente, como uma foto. O dr. Fowler esticado na cama com um buraco no olho e os miolos espalhados na colcha. Havia um abajur no criado-mudo, ao lado da bíblia. Dentro dela as balas. O porta-retrato, antes na penteadeira,

agora estava preso ao abraço gélido do doutor, cujo dedo ainda repousava no gatilho.

Quanto mais eu relembrava a cena, mais me certificava de que faltava alguma coisa, uma peça do quebra-cabeça havia sumido. Mas qual? E onde ela se encaixava? Eu não tinha nada em que me apoiar, a não ser em meus instintos, algo que não me deixava em paz. Talvez eu apenas não quisesse encarar de frente minha própria culpa, mas estava certo de que a morte do dr. Albert Fowler não fora suicídio. Fora assassinato.

7

A MANHÃ DE segunda-feira estava clara e fria. A limpeza pública já dera conta dos restos da nevasca. Após sair do Chelsea Hotel, onde morava, estacionei o Chevy na garagem do Hipódromo e fui a pé até o escritório, aproveitando para comprar um exemplar do *Poughkeepsie New Yorker* na banca que vendia jornais de outras cidades, na esquina norte da Torre Times. Nenhuma menção ao dr. Albert Fowler.

Passava um pouco das dez quando abri a porta do escritório. Do outro lado da rua, as más notícias de sempre: SÍRIA ALEGA NOVO ATAQUE IRAQUIANO... SOLDADO FERIDO EM INCURSÃO PELA FRONTEIRA DE UMA TROPA DE TRINTA. Liguei para o escritório de Herman Winesap em Wall Street, e a secretária colocou-nos em contato sem demora:

– E o que posso fazer pelo senhor hoje, senhor Angel? — indagou o procurador, a voz lisa como dobradiças bem azeitadas.

– Tentei entrar em contato no final de semana, mas a empregada disse que você estava em Sag Harbor.

– Tenho lá um lugar onde posso descansar. Sem telefone. Aconteceu algo importante?

– Preferia passar a informação ao senhor Cyphre. Não consegui encontrá-lo na lista também.

– Você calculou bem a hora de ligar. O senhor Cyphre está sentado à minha frente neste exato momento. Vou passar-lhe o fone.

Pude ouvir o som abafado de alguém falando com a mão no bocal do telefone e, em seguida, o sotaque polido de Cyphre do outro lado:

– É bom que tenha ligado, senhor. Estou ansioso para saber o que descobriu.

Contei-lhe quase tudo o que acontecera em Poughkeepsie, omitindo a morte de Fowler. Quando terminei, escutava apenas o

som de alguém respirando pausadamente. Esperei. Cyphre murmurou "incrível" por entre dentes fortemente cerrados.

– Há três possibilidades — retomei. — Kelley e a garota queriam Favorite fora do caminho e levaram-no a um passeio; nesse caso, ele já se foi há muito tempo. Pode ser também que os dois estivessem trabalhando para outra pessoa, com o mesmo objetivo. Ou então Favorite estava fingindo em relação à amnésia, e arquitetou ele mesmo todo o plano. De qualquer modo, todas as três hipóteses desembocam num sumiço perfeito.

– Eu quero que o encontre — disse Cyphre —, não me importa o tempo que levará, nem quanto vai custar, quero que o encontre.

– Não acha que é pedir demais, senhor Cyphre? Quinze anos é um bocado de tempo. Dê uma pista desta a alguém e ele provavelmente voltará de mãos abanando. O senhor faria melhor se procurasse a Seção de Pessoas Desaparecidas.

– Nada de polícia. Este é um assunto particular. Não quero vê-lo trazido à tona por um bando de servidores civis xeretas. — O escárnio aristocrático tornava áspera a voz de Cyphre.

– Fiz a sugestão porque eles estão aparelhados para o serviço. Favorite pode estar em qualquer lugar do país, ou do exterior. Eu trabalho sozinho. Não se pode esperar que vá alcançar os mesmos resultados de uma organização com uma rede internacional de informações.

– O ponto a que chegamos, senhor Angel — entreviu Cyphre, com um tom de voz ainda mais corrosivo —, é simplesmente este: você quer ou não o trabalho? Se não estiver interessado, tratarei de encontrar quem esteja.

– Ah, mas estou interessado, senhor Cyphre. O problema é que não estaria sendo justo com o senhor, como meu cliente, se subestimasse a dificuldade de fazer o que me pede. — Por que Cyphre me fazia sentir como uma criança?

– Sim, claro. Aprecio sua honestidade, assim como compreendo as dificuldades de se levar adiante este caso. — Cyphre fez uma pausa, e ouvi o som do isqueiro, enquanto ele acendia mais um de seus caros panatelas. Voltou a falar, agora mais calmo, talvez por causa do tabaco: — O que quero que faça é começar agora mesmo. Faça do jeito que achar melhor. A chave de toda a operação, no entanto, deve continuar sendo a discrição.

– Posso ser discreto como um padre no confessionário.

– Estou certo de que pode, senhor Angel. Estou instruindo meu procurador para enviar-lhe quinhentos dólares adiantados. O cheque deve ir pelo correio hoje. Caso precise de mais para cobrir despesas, por favor, entre em contato com o senhor Winesap.

Respondi que quinhentos dólares certamente dariam conta do recado, e desligamos. A vontade de abrir uma garrafa para um drinque de comemoração nunca foi tão forte, mas resisti, acendendo um charuto ao invés de beber: fazê-lo antes do almoço dava azar.

Resolvi ligar para Walt Rigler, um conhecido meu que era repórter do *Times*:

– O que pode me dizer a respeito de Johnny Favorite? — perguntei após as formalidades de praxe.

– Johnny Favorite? Você deve estar brincando. Por que não me pergunta o nome dos outros caras que cantavam com Bing Crosby naquele grupo, os ciganos A&P?

– É sério. Pode desenterrar algo sobre ele?

– Estou certo de que o obituário tem uma ficha. Dê-me cinco ou dez minutos e terei tudo a sua disposição.

– Obrigado, chapa. Sabia que poderia contar com você.

Após desligar, acabei meu charuto, enquanto olhava a correspondência, a maioria contas e folhetos de mala direta, e fechei o escritório. A escada de incêndio era um meio sempre mais rápido do que o elevador do tamanho de um caixão, mas eu não tinha

pressa: apertei o botão e esperei, ouvindo o bater das teclas da somadora de Ira Kipnis na porta ao lado.

Para chegar ao edifício Times na Rua 43 eu só tinha que dobrar a esquina. Caminhei até lá, sentindo-me esperançoso, e tomei o elevador até a redação no terceiro andar, após trocar olhares carrancudos com a estátua de Adolph Ochs no saguão de mármore. Dei o nome de Walt ao velho no balcão de recepção e esperei um minuto e pouco até que ele aparecesse, em mangas de camisa e com o nó da gravata afrouxado, como um repórter nos filmes.

Apertamos as mãos e ele me levou até a sala de redação, onde centenas de máquinas de escrever, com ritmo *staccato*, repicavam no ar pesado de fumaça de cigarro.

– Isto aqui tem estado fúnebre Como um velório desde que Mike Berger morreu, no mês passado — disse Walt, meneando a cabeça em direção a um lugar vazio na fileira de mesas da frente. Uma rosa vermelha ressecada jazia num copo d'água sobre uma máquina de escrever coberta por uma capa.

Segui-o, em meio ao bater das teclas, até sua mesa, no centro da sala. Uma grossa pasta estava na cesta de arame da escrivaninha. Peguei-a e dei uma olhada nos recortes amarelados:

– Tudo bem se eu tomar alguns destes emprestado?

– O regulamento da casa proíbe .— Walt enfiou o dedo no colarinho do terno de lã que estava pendurado no encosto da cadeira giratória. — Estou saindo para almoçar. Há alguns envelopes oito por doze na gaveta de baixo. Tente não perder nada e minha consciência estará limpa.

– Obrigado, Walt. Se precisar de um favor qualquer dia...

– Tá bom. Tá bom. Para um cara que lê o *Journal-American*, você veio ao lugar certo para suas pesquisas.

Observei-o caminhar desengonçadamente por entre as fileiras de escrivaninhas, trocando gracejos com outros repórteres e

acenando para um dos editores na sala envidraçada antes de sair. Sentado em sua mesa, dei uma olhada na pasta de Johnny Favorite.

A maioria dos velhos recortes não havia sido retirada do *Times*, mas de outros diários nova-iorquinos e de algumas revistas de circulação nacional. Grande parte deles era sobre as aparições de Favorite com a banda de Spider Simpson. Havia também algumas notas biográficas que li com atenção.

Favorite fora abandonado pelos pais ainda criança. Um policial achou-o numa caixa de papelão; dentro dela, preso com um alfinete, um papel com seu nome e data de nascimento. Seus primeiros anos de vida foram passados no Hospital Fowndling. Foi criado num orfanato de Bronx e aos dezesseis anos já se virava sozinho, trabalhando como copeiro em vários restaurantes. Um ano depois, já tocava piano e cantava em boates de beira de estrada no norte do Estado.

Ele foi "descoberto" por Spider Simpson em 1938 e logo estava à frente de uma orquestra de quinze músicos. Numa semana de apresentações no Teatro Paramount, estabeleceu o recorde de público, igualado apenas em 44, com a explosão de Sinatra. Em 1941, seus discos venderam mais de cinco milhões de cópias, e seus ganhos, dizia-se, eram superiores a setecentos e cinquenta mil dólares. Havia várias histórias relatando o que ocorrera com ele na Tunísia, uma delas dando-o como "presumivelmente morto", e isso era tudo. Nada havia sobre a hospitalização ou o retorno aos Estados Unidos.

Dei uma olhada no resto do material, fazendo uma pequena pilha daquilo que me interessava. Duas fotos, uma de estúdio, em papel acetinado, mostrando Favorite de *smoking*, o cabelo brilhando de vaselina encimado por um topete negro. O nome e o endereço do agente estavam carimbados no verso: WARREN WAGNER, REPRESENTANTE TEATRAL, BROADWAY 1619 (EDIFÍCIO BRILL).

A outra foto mostrava a orquestra de Spider Simpson em 1940, com Johnny de um lado, as mãos entrelaçadas numa pose

angelical, e do outro os músicos acompanhantes, com os nomes assinalados embaixo.

Separei três outros itens, recortes que me chamaram a atenção porque destoavam do resto do conteúdo da pasta. O primeiro era uma foto da revista *Life*, tirada no bar de Dickie Well no Harlem, mostrando Johnny encostado a um pequeno piano de cauda, segurando um copo numa das mãos e cantando junto com um pianista negro, identificado como Edison "Toots" Sweet. Havia uma matéria da *Downbeat* falando sobre as superstições do cantor: contava que, sempre que estava em Nova York, Favorite ia uma vez por semana a Coney Island, onde uma cartomante cigana, Madame Zora, lia-lhe as mãos. Por último, uma nota da coluna de Walter Winchell, datada de 20 de novembro de 1942, registrava que Johnny Favorite estava rompendo o noivado de dois anos com Margaret Krusemark, filha de Ethan Krusemark, o armador milionário.

Juntei tudo o que me interessava e guardei num envelope pardo que achei em uma das gavetas. Então, num estalo, retirei do envelope a foto de Favorite e disquei o número do Edifício Brill carimbado no verso:

– Warren Wagner Associados — respondeu uma jovial voz feminina.

Dei-lhe meu nome e pedi para marcar uma entrevista para a hora do almoço:

– Ele tem um almoço de negócios ao meio-dia e meia e só pode dispor de alguns minutos.

– É o suficiente — respondi.

8

"QUANDO VOCÊ não está na Broadway, tudo é Bridgeport." Esta máxima famosa foi dita a George M. Cohan em 1915 por Arthur "Bugs" Baer, cuja coluna no *Journal-American* li todos os dias durante anos. Pode ter sido verdade em 1915- Não posso ter certeza, não tinha nem nascido nessa época. Aquela foi a era do Rector's, do Shanley's e do New York Roof. A Broadway que eu conhecia *era* Bridgeport: uma verdadeira feira ambulante com *stands* de tiro, salões de pôquer e barracas de cachorro-quente. Dois velhos viúvos, o Hotel Astor e a Torre Times eram tudo o que restava da época de ouro lembrada por "Bugs" Baer.

O Edifício Brill ficava na 49, na Broadway. Caminhei da 43 até lá, tentando me lembrar de como era a Times Square quando a vi pela primeira vez. Tanta coisa havia mudado. Era a noite do *réveillon* de 1943. Todo um ano de minha vida tinha desaparecido. Eu havia recém-saído do hospital do Exército com uma cara completamente nova e nada além de trocados no bolso. Alguém roubara minha carteira naquela noite, levando tudo o que eu possuía: carteira de motorista, certificado de dispensa, plaqueta de identificação militar etc. Preso no meio da multidão e cercado pela pirotecnia elétrica dos cartazes, sentia meu passado se desprender de mim como pele de cobra na época de muda. Eu não tinha identificação, dinheiro, lugar para viver, e sabia apenas que me dirigia ao centro da cidade.

Levei uma hora para ir do Teatro Palace ao centro da Times Square, entre o Astor e a Roupas Bond. Estava lá à meia-noite e vi a bola dourada cair no topo da Torre Times, ponto de referência que levei mais uma hora para alcançar. Foi então que vi as luzes acesas na Agência de Detetives Crossroads e, guiado pelo instinto, cheguei a Ernie Cavaleiro e ao trabalho que jamais deixei.

Naquele tempo, um par de gigantescas estátuas nuas, masculina e feminina, ladeava a queda-d'água, do tamanho de um quarteirão, no telhado da Roupas Bond. Hoje, enormes garrafas de Pepsi ocupam o lugar das estátuas. Eu ficava imaginando se as duas

não estariam lá ainda, presas dentro das garrafas de metal como lagartas adormecidas em seus casulos.

Do lado de fora do Edifício Brill, um vagabundo, vestindo um esfarrapado casaco do Exército, andava de um lado para outro, lançando improperios a todos que entravam. Dei uma olhada no quadro de informações no final do saguão em formato de "T" e localizei a Warren Wagner Associados, cercada por dúzias de agentes musicais, promotores de boxe e editores de música pouco confiáveis. O elevador subiu rangendo até o oitavo andar, e eu vaguei até a extremidade de um corredor escuro, onde ficava o escritório, na verdade uma série de pequenos cubículos interligados por portas.

A recepcionista estava tricotando quando abri a porta:

– É o senhor Angel? — perguntou, com a boca cheia de chiclete.

Respondi que sim e dei-lhe um cartão, com meu nome, como representante da Seguradora Ocidental. Um amigo com uma gráfica no Village fizera vários para mim, com dúzias de profissões diferentes. Tudo, de advogado de porta de cadeia a zoólogo.

A recepcionista pinçou o cartão entre as unhas verdes e brilhantes como asas de um besouro. Tinha seios grandes e quadris estreitos, realçados por um suéter rosa-angorá e uma saia preta justa. Seu cabelo era platinado, na tonalidade menos discreta possível:

– Espere um minuto, por favor — disse, sorrindo e mascarando ao mesmo tempo —, sente-se.

Ela passou por mim, andando de esquelha, bateu com o nó do dedo numa porta onde se lia PRIVADO, e entrou. Atrás dessa porta havia outra, idêntica e com os mesmos dizeres. Entre uma e outra, paredes repletas de fotografias emolduradas, os sorrisos esmaecidos preservados como mariposas sob o vidro. Dei uma espiada e encontrei a mesma foto oito por doze de Johnny Favorite que carregava no envelope debaixo do braço. Estava na parede da

esquerda, no alto, ladeada por fotos de uma ventríloqua e de um homem gordo tocando clarineta.

A porta às minhas costas se abriu e a recepcionista apareceu:

– O senhor Wagner o verá imediatamente.

Agradei e entrei. O escritório era a metade do tamanho da ante-sala. As fotografias pareciam mais novas, mas os sorrisos estavam tão apagados quanto os da outra sala. Uma escrivaninha de madeira marcada por brasas de cigarro tomava a maior parte do espaço. Atrás dela um homem jovem, em mangas de camisa, barbeava-se com um aparelho elétrico:

– Cinco minutos — disse ele, levantando a mão espalmada de modo que eu pudesse contar os dedos.

Coloquei minha pasta no tapete verde surrado e olhei para o garoto, que acabava de fazer a barba. Tinha cabelos cacheados, cor de ferrugem, e sardas. Usava óculos aro de tartaruga e não devia ter mais de vinte e quatro ou vinte e cinco anos:

– Senhor Wagner? — perguntei, quando ele desligou o barbeador.

– Sim?

– Senhor Warren Wagner?

– Exato.

– Certamente o senhor não é o mesmo homem que agenciava Johnny Favorite...

– Você está falando de meu pai. Sou Warren Júnior.

– Então é com seu pai que eu gostaria de falar.

– Está sem sorte. Ele morreu há quatro anos,

– Entendo.

– Do que se trata? — Warren Jr. recostou-se em sua poltrona de couro e cruzou as mãos atrás da cabeça.

– Johnny Favorite é beneficiário de uma apólice de propriedade de um de nossos clientes. Este escritório foi dado como endereço.

Warren Jr. desatou a rir.

– A soma em dinheiro envolvida não é grande — continuei —, gesto de um velho fã, talvez. Pode dizer-me onde encontrar o senhor Favorite?

O garoto ria como um louco agora:

– É incrível! — exclamou, tomando fôlego. — É mesmo muito engraçado. Johnny Favorite, o herdeiro desaparecido!

– Para falar com franqueza, não consigo ver onde está a graça nisso tudo.

– Ah, é? Pois bem, deixe-me esclarecer as coisas. Johnny Favorite está duro numa cama de hospital, ao norte. Há vinte anos que ele não passa de um traste inútil.

– Sei... é uma ótima piada. Conhece outras assim tão boas?

– Você não entendeu — disse ele, tirando os óculos e enxugando as lágrimas. — Johnny Favorite era o grande número de papai. Ele gastou cada centavo que tinha no mundo para comprar o contrato de Favorite com Spider Simpson. Então, logo quando tudo parecia correr bem, Favorite foi convocado. Havia várias coisas engatilhadas, contratos para filmes e tudo o mais. O Exército mandou uma propriedade de um milhão de dólares para a África e, três meses depois, devolveu um saco de batatas.

– Mas isso é péssimo.

– Pode estar certo disso. Péssimo para meu pai. Ele nunca conseguiu se recuperar. Por anos ainda pensou que Favorite poderia ficar bom algum dia, fazer um retorno triunfal, e deixá-lo na "Rua da Felicidade". Pobre coitado!

– Pode dar-me o nome e o endereço do hospital onde Favorite está *internado*?

– Pergunte a minha secretária. Ela deve tê-los enfiado em algum lugar.

Agradei pelo tempo concedido e saí. Na sala de espera, cumpri a formalidade de conseguir da recepcionista o endereço por escrito do Emma Dodd Harvest Memorial.

– Já estive em Poughkeepsie? — perguntei, guardando o pedaço de papel dobrado no bolso da camisa. — É um lugar adorável.

– Tá brincando? Ainda nem conheço o Bronx.

– Não conhece nem o zoológico?

– Zoológico? O que tenho a ver com zoológico?

– Não sei — respondi —, experimente fazer uma visita qualquer dia. Quem sabe eles têm lá uma vaga para você.

Minha última visão dela enquanto saía era a de uma boca vermelha redonda como um bambolê e uma massa disforme de

goma de mascar sobre a língua.

9

HAVIA DOIS BARES no andar térreo do Edifício Brill, ambos com frente para a Broadway. Um era o Jack Demsey's, ponto de encontro do pessoal do boxe. O outro, o Turf, na esquina da 49, com sua convidativa fachada de vidro azul, era freqüentado por músicos e compositores.

Por dentro, o Turf era apenas mais uma espelunca onde serviam gim. Dei um giro pelo bar e encontrei exatamente o homem que tinha em mente, Kenny Pomeroy, músico e ar-ranjador desde quando eu nem era nascido.

– O que me diz então, Kenny? — perguntei em voz baixa, sentando-me no banco a seu lado.

– Ora, ora, Harry Angel, o xereta profissional. Há quanto tempo, companheiro.

– Um bocado. Seu copo parece vazio, Kenny. Fique sentadinho aí enquanto lhe pago um drinque. — Fiz sinal ao *barman* e pedi um *manhattan* e outra rodada para Kenny.

– Saúde, garoto — disse ele, erguendo o copo, quando os drinques foram postos a nossa frente.

Kenny Pomeroy era um homem gordo, extrovertido, com um nariz avermelhado e um estoque de queixos duplos que ficavam um sobre o outro como peças sobressalentes. Seu estilo de vestir-se ia de jaquetas axadrezadas a anéis de safira rosa. O único lugar em que o vira, fora dos estúdios de gravação, era o bar do Turf.

Batemos um curto papo lembrando os velhos tempos, antes que Kenny perguntasse:

– Então, o que o traz a estes lados? Perseguindo malfeitores?

– Não exatamente. Estou trabalhando num caso e você pode me ajudar.

– A qualquer hora, em qualquer lugar.

- O que pode me dizer a respeito de Johnny Favorite?
- Johnny Favorite? O que é isso? Sessão Reminiscências?
- Você o conhecia?

– Não. Vi umas poucas apresentações dele, antes da guerra. Da última vez foi no Starlight Lounge em Trenton, se não me engano.

– Tem visto ele por aí, em algum lugar, digamos, nos últimos quinze anos, mais ou menos?

– Tá brincando? Ele está morto, não está?

– Não exatamente. Está num hospital, mais ao norte.

– Bem, se está no hospital, como poderia tê-lo visto por aí?

– Ele *esteve* lá, não está mais. Veja, dê uma olhada nisto. — Peguei a foto da orquestra de Spider Simpson no envelope e passei-a a Kenny. — Qual destes é Spider Simpson? Não diz na foto.

– É o baterista.

– O que ele faz atualmente? Ainda lidera alguma banda?

– Não. Bateristas nunca se tornam bons líderes. — Kenny tomou um gole de seu drinque e pareceu-me pensativo. Ao franzir o cenho, provocou o aparecimento de uma ruga cortando toda a extensão de sua testa. — Da última vez que ouvi falar dele, estava fazendo trabalho de estúdio na Costa Oeste. Você pode tentar falar com Nathan Fishbine no Edifício Capitol.

Anotei o nome e perguntei a Kenny se ele não conhecia alguns dos outros músicos:

– Trabalhei em Atlantic City com o trombonista, anos atrás. — Kenny apontou com o dedo gordo um dos músicos na foto. — Este cara, Red Diffendorf, toca atualmente com Lawrence Welk.

– Mais alguma coisa sobre qualquer um dos outros? Sabe onde posso encontrá-los?

– Bem, eu reconheço vários dos nomes. Eles ainda estão na ativa, só não sei dizer onde. Você teria que perguntar pelas

redondezas, ou ligar para o sindicato.

– E sobre um pianista chamado Edison Sweet?

– Toots? Ele é o maior. Tem uma mão esquerda deliciosa, como Art Tatum. Não vai ter que andar muito para achá-lo. Faz cinco anos que vem tocando no Red Rooster, da Rua 138.

– Kenny, você é um arquivo de informações valiosas. O que diz de almoçarmos juntos?

– Você sabe que não sou muito chegado a essas coisas. Mas não recusaria mais uma dose.

Pedi mais drinques para nós dois e um *cheeseburger* com fritas para mim e, enquanto esperava, achei um telefone e liguei para a Federação Americana de Músicos. Disse que era um jornalista *free lancer* a serviço da *Look* e queria entrevistar os músicos ainda vivos da orquestra de Spider Simpson.

Passaram a ligação para a garota responsável pelas fichas dos membros do sindicato. Prometi a ela que a entidade seria mencionada em meu artigo e dei-lhe o nome dos músicos e os instrumentos que tocavam.

Fiquei na linha por dez minutos enquanto ela procurava. Dos quinze músicos originais, quatro haviam falecido e seis não pertenciam mais ao sindicato. Ela me passou o endereço e o telefone dos restantes. Diff, o trombonista, vivia em Hollywood. Spider Simpson também morava nas redondezas de Los Angeles, no Valley, em Studio City. Os outros moravam em Nova York.

Havia um saxofonista chamado Vernon Hyde, na banda do show *Esta Noite*, correspondência aos cuidados da NBC; e dois outros homens de sopro, Ben Hogarth, trompete, com endereço na Avenida Lexington, e outro trombonista, Carl Walinski, que vivia no Brooklin.

Anotei tudo em meu caderninho, agradei à garota do fundo de meu coração e tentei os números locais com sucesso. Hogarth e Walinski não estavam em casa e o máximo que consegui com a telefonista da NBC foi deixar o número do telefone do escritório.

Estava começando a me sentir um tolo, procurando uma agulha num palheiro. As chances de que algum dos ex-companheiros de Johnny Favorite tivesse cruzado com ele desde que fora convocado eram menores que uma em um milhão. Mas eram a única esperança que me restava e tinha de me ater a eles.

De volta ao bar, comi meu sanduíche e algumas batatas fritas já murchas.

– É uma grande vida, não é, Henry? — disse Kenny Pomeroy, brincando com o gelo no copo vazio.

– É a melhor, e a única que tenho.

– Alguns pobres coitados têm que trabalhar para viver.

Peguei o troco no balcão:

– Você não vai embora já, vai, Henry?

– Tenho que ir, velho amigo, ainda que eu queira ficar e envenenar meu fígado com você.

– Bem, do jeito que as coisas vão, logo, logo, você vai precisar de um cartão para bater o ponto. Você sabe onde me encontrar, caso precise novamente de meus serviços.

– Obrigado, Kenny — agradei, colocando o sobretudo. — O nome Edward Kelley significa alguma coisa para você?

Kenny franziu novamente a testa larga, concentrando-se:

– Havia um Horace Kelly em Kansas City — disse ele —, mais ou menos na época que Floyd Bonitão deu cabo daqueles federais na Estação da União. Horace tocava piano no Clube Reno. Escreveu um livro sobre o caso. Será que tem algo a ver com esse Kelley?

– Espero que não — respondi. — Vejo você por aí.

10

PARA ECONOMIZAR sola de sapato, tomei o metrô na Sétima Avenida, e desci na estação seguinte, Times Square. Assim que entrei no escritório, o telefone começou a tocar. Era Vernon Hyde, o saxofonista de Spider Simpson.

– Foi ótimo você ter ligado — eu disse, repetindo a história da *Look*. Hyde caiu direitinho, e sugeri que ele escolhesse um lugar para tomarmos um drinque.

– Estou no estúdio agora. Vamos começar a ensaiar em vinte minutos. Não estarei livre antes das quatro e meia.

– Esse horário está bom para mim. Se você dispuser de meia hora, podemos nos encontrar quando sair do estúdio. Em que rua ele fica?

– Na 45- É o Teatro Hudson.

– Está bem. A Casa Hickory fica a apenas alguns quarteirões. O que me diz de nos encontrarmos lá às quinze para as cinco?

– Acho que está perfeito. Vou levar meu machado junto comigo, assim você não terá problemas em me reconhecer.

– Um homem com um machado sempre se sobressai na multidão.

– Não, homem, você não entendeu. Machado é o instrumento, morou?

Disse que agora havia entendido, e desligamos. Após retirar o sobretudo, sentei-me à mesa e dei uma olhada nas fotos e recortes que carregara o dia todo. Arrumei-os sobre a mesa como se fossem parte da exposição de um museu e fiquei olhando o sorriso de Johnny Favorite até enjoar. Onde você procura um cara que, para começo de conversa, nunca esteve lá?

O papel da coluna de Winchell parecia prestes a desmanchar, de tão velho. Reli o item sobre o fim do noivado e liguei para Walt

Rigler, no *Times*:

– Oi, Walt, sou eu de novo. Preciso saber alguma coisa a respeito de Ethan Krusemark.

– O armador graúdo?

– Ele mesmo. Gostaria de dar uma olhada em tudo o que vocês tiverem sobre ele, começando pelo endereço. Estou especialmente interessado no noivado de sua filha com Johnny Favorite no começo dos anos quarenta.

– Johnny Favorite de novo. Parece que o homem está com tudo.

– É, ele é o astro do show. Você pode me ajudar?

– Vou checar com o Departamento Feminino. Eles cobrem a sociedade e suas sujeiras. Ligo de volta em alguns minutos.

– Deus o abençoe — brinquei, antes de colocar o fone no gancho.

Faltavam dez minutos para as duas. Peguei meu bloco de anotações e fiz dois interurbanos para Los Angeles. Não havia ninguém no número de Diffendorf em Hollywood, mas quando tentei Spider Simpson a empregada atendeu. Ela era mexicana, e embora meu espanhol não fosse melhor que seu inglês, consegui deixar meu nome e o telefone do escritório, além de passar a impressão de que se tratava de algo importante.

Deliguei e, antes que tirasse a mão do fone, o telefone tocou de novo. Era Walt Rigler:

– Aqui vai — disse ele. — Krusemark está por cima: bailes de caridade, colunas sociais, esse tipo de coisa. Tem um escritório no Edifício Chrysler. Mora no número 2 da Sutton Place, o telefone está na lista. Pegou tudo?

Respondi afirmativamente e ele continuou:

– Krusemark nem sempre esteve na crista da onda. Trabalhou na Marinha Mercante no começo dos anos trinta. Dizem que começou a fazer dinheiro contrabandeando bebida. Nunca foi

condenado por nada, por isso sua ficha está limpa, ainda que as mãos não estejam. Começou a montar a própria frota durante a Depressão, tudo com registro no Panamá, é claro.- Saiu-se bem — continuou Walt — construindo navios como parte do esforço de guerra. Houve acusações de que sua firma teria usado material de construção de qualidade inferior, e muitos de seus *Liberty Ships* racharam em dois em meio a temporais, mas ele foi absolvido por uma investigação do Congresso, e não se falou mais nada a respeito.

– O que me diz da filha? — perguntei.

– Margaret Krusemark, nascida em mil novecentos e vinte e dois; pai e mãe divorciados em mil novecentos e vinte e seis. A mãe cometeu suicídio nesse mesmo ano. Conheceu Favorite num baile da universidade. Ele estava lá cantando com a banda. O noivado dos dois foi o escândalo da sociedade em mil novecentos e quarenta e um. Parece que a iniciativa de terminar com tudo partiu dele, embora ninguém saiba dizer o motivo do rompimento. A garota era tida por todos como desequilibrada, pode ter sido esta a razão.

– Desequilibrada como?

– Parece que tinha visões. Costumava ler a sorte em festas. Ia a todos os lugares com um baralho de tarô na bolsa. As pessoas acharam aquilo chique por algum tempo, mas mudaram de idéia quando ela começou a lançar maldições em público.

– Isso está nos arquivos?

– Certamente. Ela era conhecida como a "Bruxa de Wellesley". Era a piada favorita nos meios que freqüentava.

– Onde está ela agora?

– Ninguém com quem conversei parece saber. O editor da coluna social diz que não mora com o pai, e ela não é do tipo que é convidada para o Baile do Waldorf Astoria, por isso não temos nada sobre ela aqui. A última menção a Margaret no *Times* fala de sua partida para a Europa há dez anos. Ela ainda pode estar por lá.

– Walt, você ajudou bastante. Eu até começaria a ler o *Times*, se ele tivesse histórias em quadrinhos.

– O que significa todo esse interesse por Johnny Favorite? Algo que eu possa aproveitar?

– Não posso abrir o jogo ainda, meu chapa, mas quando chegar a hora você terá tudo com exclusividade.

– Muito agradecido.

– Eu é que agradeço. Nos vemos qualquer dia desses, Walt.

Peguei a lista telefônica na gaveta da escrivaninha e corri o dedo pelas folhas até chegar a uma página na letra K. Ali estavam os números de Krusemark, Ethan; Estaleiros Krusemark e Krusemark, M., Consultas Astrológicas. Este último parecia mercer uma tentativa. O endereço era 881, na Sétima Avenida. Disquei o número e esperei um instante. Uma mulher atendeu:

– Cheguei a você através de um amigo — eu disse. — Pessoalmente não confio nas estrelas tanto assim, mas minha noiva acredita nelas, e muito. Pensei em fazer-lhe uma surpresa e encomendar a alguém nossos mapas astrais.

– Cobro quinze dólares por mapa — respondeu a mulher.

– Por mim está bem.

– Não faço consultas por telefone. Você terá que marcar uma entrevista.

Não coloquei objeções e perguntei a ela se havia possibilidade de marcar uma entrevista para aquele mesmo dia.

– Minha agenda está totalmente livre esta tarde, por isso pode escolher o horário que melhor lhe convier.

– O que me diz de agora mesmo? Digamos, em meia hora?

– Seria ótimo.

Dei-lhe meu nome. Ela o achou ótimo também e disse-me que seu apartamento ficava no Carnegie Hall. Expliquei que sabia onde era e desliguei.

11

TOMEI O METRÔ até a Rua 57 e subi pelas escadas que davam para o Nedick's, no Carnegie Hall. No quarteirão anterior, do outro lado da Sétima Avenida, um piquete se postava em frente ao Hotel Sheraton.

Cheguei aos Estúdios Carnegie Hall, não sem antes ter sido parado por um pedinte à cata de esmolas. O saguão do prédio era pequeno e entulhado de decoração. As portas dos elevadores ficavam à direita, ao lado de uma caixa de correspondência com escaninhos de vidro. Havia uma passagem que dava para os fundos da Taverna Carnegie, na Rua 56, e um quadro de informações na parede. Procurei por Krusemark, M., Consultas Astrológicas, e encontrei-a no segundo andar.

A seta de metal sobre o elevador da esquerda descreveu um arco descendente através de um semicírculo de números de andares, como um relógio andando de trás para a frente. O indicador fez uma pausa no sétimo e depois no terceiro, antes de chegar à posição horizontal. Um enorme cão de raça foi o primeiro a sair, arrastando atrás de si uma robusta senhora com um casaco de peles. Eles foram seguidos por um homem barbado, carregando um estojo de violoncelo. Entrei e dei o número do andar a um ascensorista que mais parecia um soldado da reserva em seu uniforme apertado. Ele olhou para meus sapatos e continuou em silêncio. Instantes depois, fechou a porta metálica e começamos a subir.

Não houve paradas até que chegássemos ao segundo andar. O corredor era longo e espaçoso, e tão cheio de mobília quanto o saguão de entrada. Mangueiras dobradas de lona estavam penduradas ao longo das paredes, a intervalos regulares. Sons de vários pianos contrapunham-se, dissonantes, atrás de portas fechadas. A distância podia-se ouvir uma soprano cavalgar as escalas, aquecendo-se.

Encontrei o apartamento de M. Krusemark. Seu nome estava pintado na porta em letras douradas, abaixo das quais encontrava-se um estranho símbolo, que parecia um "M" com uma seta virada para cima, como uma cauda. Toquei a campainha e esperei. Ouvi passos de alguém usando salto alto lá dentro; a chave girou na fechadura e a porta se abriu no limite permitido pelo pega-ladrão.

Um olho observou-me das sombras. Ouvi uma voz:

– Sim?

– Sou Harry Angel. Marquei uma consulta por telefone.

– Ah, sim, claro. Só um minuto, por favor.

A porta se fechou, e eu ouvi o ruído da corrente sendo destravada. Quando a porta foi reaberta, um par de olhos verdes, como os de um gato, brilhavam sob sobancelhas escuras, grossas, num rosto pálido, anguloso:

– Entre — disse ela, afastando-se para me dar passagem.

Ela estava toda vestida de preto, como um boêmio de fim de semana num café do Village: saia e suéter de lã preta, meias de seda preta; até seus grossos cabelos negros estavam presos num coque por algo que parecia ser um par de agulhas de tricô de ébano. De acordo com Walt Rigler, ela deveria ter cerca de trinta e seis ou trinta e sete anos, mas a ausência de maquilagem fazia com que parecesse muito mais velha. Era bastante magra, os seios pequenos quase imperceptíveis sob as grossas dobras do suéter. Usava um único enfeite, uma corrente com um medalhão de ouro. Era uma estrela de cinco pontas de cabeça para baixo.

Nenhum de nós disse palavra alguma, e eu me surpreendi olhando fixamente para o medalhão em seu movimento pendular. "Vá e pegue a estrela cadente..." O verso inicial do poema de Donne ecoava dentro de mim, acompanhado pela imagem das mãos do dr. Albert Fowler. Por um instante cheguei a ver o anel de ouro em seus dedos trêmulos. Uma estrela de cinco pontas estava encravada no anel que o médico não mais usava quando encontrei

seu corpo trancado no quarto. Eis a peça que faltava no quebra-cabeça.

A revelação atingiu-me como um raio. Um frio subiu-me pela espinha, eriçando os pêlos de minha nuca. O que acontecera ao anel do médico? Poderia estar em seu bolso, eu não revistara suas roupas; mas por que ele o tiraria antes de estourar os miolos? E, se não foi Fowler que o tirou, quem o fez?

Senti os olhos de raposa da mulher fixos em mim.

– Você deve ser a senhorita Krusemark — perguntei, para quebrar o silêncio.

– Sou. — Respondeu ela sem sorrir.

– Vi seu nome na porta, mas não reconheci o símbolo.

– Meu signo — disse, fechando a porta e trancando-a. — Sou de Escorpião. — Fitou-me por um longo momento, como se meus olhos fossem buracos de fechadura revelando algo em meu interior. — E você?

– Eu?

– Qual o seu signo?

– Não sei ao certo. Astrologia não é o meu forte.

– Quando nasceu?

– Dois de junho de mil, novecentos e vinte. — Dei a data de nascimento de Johnny Favorite, apenas para testá-la, e por um instante julguei ter surpreendido um brilho distante em seu olhar intenso, desprovido de emoção.

– Gemini — disse ela —, os gêmeos. Curioso: conheci uma vez um rapaz nascido exatamente no mesmo dia.

– Sério? Quem era?

– Não importa. Foi há muito, muito tempo... Mas que grosseria de minha parte mantê-lo aqui no vestíbulo. Entre, por favor, e sente-se.

Segui-a através do vestíbulo imerso em sombras até uma espaçosa sala de estar de teto alto. A mobília era uma indescritível coleção de peças que bem poderiam ter pertencido ao Exército da Salvação, salva apenas pelo estofamento de intrincados motivos coloridos e várias almofadas bordadas. A geometria precisa de finos tapetes persas contrabalançava a decoração barata. Havia avencas de todas as variedades, plantas pendendo de vasos pendurados no teto e miniaturas de florestas em viveiros de vidro.

– Bela sala — disse, enquanto ela pegava meu sobretudo e o colocava, dobrado, no encosto de um sofá.

– Sim, é maravilhosa, não é? Tenho sido muito feliz aqui. — Um silvo agudo, ao longe, a interrompeu. — Gostaria de tomar um chá? Eu havia acabado de colocar a chaleira no fogo quando você chegou.

– Só se não der muito trabalho.

– Trabalho nenhum. A água acaba de ferver. Que tipo você prefere: *darjeeling*, jasmim ou *oolong*?

– Você escolhe. Não conheço muito a respeito de chá.

Ela deu um meio-sorriso e apressou-se em direção ao insistente assobio. Aproveitei para olhar melhor a sala.

Um exótico bricabraque se amontoava em cada superfície disponível. Coisas como flautas sagradas e rosários budistas, fetiches e figuras de deuses hindus em papel machê. Na prateleira, livros sobre o Tibet e o *I Ching* faziam companhia a uma opaca adaga asteca, entalhada na forma de um pássaro.

Quando M. Krusemark voltou, trazendo uma bandeja de prata e um jogo de chá, eu estava diante de uma janela, pensando no anel desaparecido do dr. Fowler. Ela colocou o serviço numa mesa baixa perto do sofá e juntou-se a mim. Do outro lado da Sétima Avenida, uma mansão em estilo oficial, com colunas dóricas brancas, lembrava uma coroa escondida no topo do edifício Osborn.

– Alguém comprou o Congresso e mudou-o de lugar? — perguntei.

– Pertence a Earl Blackwell. Ele dá festas maravilhosas. Engraçadas de se assistir, pelo menos.

Voltamos ao interior da sala e sentamo-nos no sofá:

– Aí está uma cara familiar — disse, virando o rosto para um retrato a óleo de um pirata envelhecido trajando *smoking*.

– Meu pai, Ethan Krusemark — atalhou ela, despejando o chá em xícaras translúcidas de porcelana.

Havia a ameaça de um riso travesso nos lábios determinados, um quê de crueldade e astúcia nos olhos verdes como os da filha.

– É o construtor de navios, não? Vi sua foto na revista *Forbes*.

– Ele odiou o quadro. Disse que era como ter um espelho petrificado. Creme ou limão?

– Prefiro puro, obrigado.

Ela passou-me a xícara:

– Foi feito no ano passado. Acho que a semelhança é incrível.

– Ele é um homem bonito.

Ela concordou com a cabeça:

– Acreditaria que ele tem mais de sessenta? Ele sempre aparentou dez anos menos que sua verdadeira idade. Seu sol está em conjunção com Júpiter, um indicador bastante favorável.

Evitei enveredar por esse caminho e observei que ele se parecia com os capitães de filmes de pirata que eu vira quando pequeno.

– É verdade. Quando eu estava na faculdade, todas as meninas do dormitório pensavam que ele fosse Clark Gable.

Tomei um gole do chá. Tinha gosto de pêssego fermentado:

– Meu irmão conheceu uma garota chamada Krusemark quando estava em Princeton — eu disse. — Ela acabou indo para Wellesley, e certa vez leu a sorte dele num baile no campus.

– Deve ter sido minha irmã, Margaret. Eu sou Millicent. Somos gêmeas. Ela é a bruxa da família; eu sou a fada.

Senti-me como um homem que acorda após sonhar que era rico, seu tesouro dourado desfazendo-se como névoa por entre os dedos:

– Sua irmã mora aqui em Nova York? — perguntei, tentando manter as aparências. Eu já sabia a resposta.

– Por Deus, não. Maggie mudou-se para Paris há mais de dez anos. Não a vejo há séculos. Qual é o nome de seu irmão?

– Jack — respondi, já sem o menor ânimo.

– Não me recordo de Maggie ter alguma vez mencionado Jack. É claro, havia tantos rapazes em sua vida naquele tempo. Preciso que você responda a algumas perguntas — disse ela, pegando um caderno de couro e uma lapiseira sobre a mesa —, só assim posso fazer sua carta astrológica.

– Pode começar. — Puxei um cigarro do maço e o coloquei na boca.

Millicent Krusemark estendeu a mão espalmada em frente ao rosto, como se estivesse secando as unhas:

– Por favor, não. Sou alérgica a fumaça.

– Pois não — disse, prendendo o cigarro atrás da orelha.

– Você nasceu em dois de junho de mil, novecentos e vinte. Só este dado já me permite saber um bocado a seu respeito.

– Diga-me tudo sobre mim mesmo.

Millicent Krusemark encarou-me com seu olhar felino:

– Sei que é um ator nato. Representar para você é algo natural. Você muda de identidade com a facilidade instintiva de um camaleão mudando de cor. Embora esteja profundamente interessado em descobrir a verdade, mentiras jorram de seus lábios sem hesitação.

– Muito bom. Continue.

– Sua capacidade de representar tem um lado obscuro e lhe traz problemas quando confrontada com a dualidade característica de sua personalidade. Eu diria que você é freqüentemente assaltado pela dúvida. "Como pude fazer tal coisa?" é sua mais constante preocupação. Você pode facilmente tornar-se cruel, embora ache inconcebível essa sua facilidade em machucar os outros. Você é tenaz e metódico, mas, por outro lado, deposita grande confiança na intuição. — Ela sorriu. — Quanto às mulheres, você prefere as jovens e morenas.

– Dez com louvor. Você acertou na mosca. — E era verdade. Tudo que ela dissera estava absolutamente correto. Um analista com aquela capacidade poderia cobrar o quanto quisesse por suas consultas. Apenas um problema: data de nascimento errada. Ela estava falando de mim, mas as características vitais eram de Johnny Favorite. — Sabe onde posso encontrar mulheres jovens e morenas?

– Poderei dizer muito mais quando tiver o que preciso. — A fada começou a fazer anotações em seu bloco. — Não posso garantir a garota de seus sonhos, mas posso ser mais específica. Aqui: estou assinalando as posições das estrelas neste mês, para poder ver como afetam seu mapa. Para dizer a verdade, não o seu mapa, mas o do rapaz de quem lhe falei. Seus horóscopos são similares, indubitavelmente.

Millicent Krusemark franziu o cenho, estudando suas anotações:

– Este é um período de grande perigo. Você esteve envolvido em uma morte recentemente, há cerca de uma semana, no mínimo. O falecido não era alguém que você conhecesse bem; mesmo assim, você foi profundamente afetado pela morte dele. A profissão médica está envolvida. Talvez você mesmo acabe num hospital, e logo; os aspectos desfavoráveis são muito fortes. Tome cuidado com estranhos.

Encarei aquela estranha mulher de preto e senti invisíveis tentáculos de pavor abraçarem meu coração. Como podia ela saber,

tanto?! Minha boca estava seca, meus lábios, colados um no outro. Então lhe perguntei:

– O que é este ornamento em seu pescoço?

– Isto? — A mão da mulher moveu-se como um pássaro planando, até pousar em seu pescoço. — É apenas um pentáculo. Traz sorte.

O pentáculo do dr. Fowler não lhe trouxera muita sorte, mas ele não o usava quando morreu. Ou será que alguém retirou o anel após matar o velho?

– Preciso de mais informações — disse Millicent Krusemark, apontando a lapiseira dourada em minha direção, como se fosse um dardo. — Onde e quando nasceu sua noiva? Preciso da hora e lugar exatos, para poder determinar a latitude e a longitude. Além disso, você não me disse onde nasceu.

Inventei algumas datas e lugares e fiz o gesto ritual de olhar o relógio antes de colocar a xícara na mesa. Levantamo-nos ao mesmo tempo, como se estivéssemos num elevador.

– Obrigado pelo chá.

Ela mostrou-me a porta e disse que os mapas estariam prontos na semana seguinte. Eu disse que ligaria, e apertamos as mãos com a formalidade mecânica de soldadinhos de corda.

12

LEMBREI-ME DO cigarro atrás da orelha no elevador e o acendi, assim que cheguei à rua. O vento de março parecia tornar a atmosfera mais limpa. Faltava quase uma hora para meu encontro com Vernon Hyde, por isso descii a Sétima Avenida sem pressa, *tentando* entender a razão do inexplicável medo que me assaltara no apartamento submerso em folhagens da astróloga. "Cuidado com estranhos." Este era o tipo de besteira que se lê em horóscopos de jornais de quinta categoria. Ela me fizera de idiota com sua voz de oráculo e olhos-hipnóticos.

A Rua 52 estava em franca decadência. Dois quarteirões ao leste, o 21 ainda preservava recordações da época em que era uma bem freqüentada casa clandestina de bebidas. A maioria dos clubes de jazz, no entanto, fora substituída por casas de *strip-tease*. Com o fechamento do Onyx, apenas o Birdland ainda mantinha o fogo do *bebop* ardendo na Broadway. O Jimmy Ryan e a Casa Hickory eram os últimos remanescentes de uma rua cujas casas de pedra marrom haviam abrigado mais de cinquenta bares clandestinos durante a Lei Seca.

Caminhei para o leste, passando por restaurantes chineses e prostitutas vestindo apertadas roupas de couro. O trio de Don Shirley estava se apresentando na Casa Hickory, mas o show só começaria em algumas horas e o bar estava quieto e escuro quando entrei.

Pedi um uísque *sour* e sentei-me numa mesa de onde podia ver quem entrava. Dois drinques mais tarde, entrou um homem carregando um saxofone. Ele usava uma jaqueta de camurça com elástico nos punhos e cintura sobre um suéter creme de gola olímpica. Seus cabelos eram curtos e grisalhos. Acenei e ele veio em minha direção.

— Vernon Hyde?

— Ele mesmo — respondeu o homem, com um sorriso de viés.

— Descanse seu machado e beba alguma coisa.

Ele depositou o saxofone cuidadosamente sobre a mesa e puxou uma cadeira:

— Então você é um escritor. Que tipo de coisas escreve?

— Trabalho para revistas, principalmente perfis, matérias com personalidades.

A garçonete apareceu e Hyde pediu uma garrafa de Heineken's. Conversamos amenidades até que ela chegasse com a cerveja. Hyde tomou um longo gole e foi direto ao ponto:

— Então você quer escrever sobre a banda de Spider Simpson. Bem, você veio ao lugar certo. Se cimento falasse, as calçadas lá fora poderiam contar-lhe a história de minha vida.

— Ouça, eu não quero iludi-lo. A matéria irá mencionar a banda, mas estou principalmente interessado em ouvir a respeito de Johnny Favorite.

O sorriso de Vernon Hyde retorceu-se ainda mais:

— Ele? Por que cargas d'água quer escrever sobre aquele calhorda?

— Vejo que vocês não eram lá muito amigos.

— Além do mais, quem ainda se lembra de Johnny Favorite?

— Um editor da *Look* lembra-se dele o bastante para ter sugerido a matéria. E mesmo você parece ter recordações suficientemente fortes. Como era ele?

— O cara era um bastardo. O que ele fez com Spider foi algo baixo demais.

— E o que ele fez?

— Você tem que entender que Spider o descobriu, tirou- o de uma espelunca qualquer no fim do mundo.

— Sei disso.

— Favorite devia muito a Spider. Ele tinha uma porcentagem da bilheteria também, não apenas um salário como o resto de nós, por isso não vejo como pudesse ter do que reclamar. Seu contrato com Spider ainda se prolongaria por mais quatro anos, quando ele caiu fora. Algumas apresentações importantes foram canceladas por causa daquele idiota.

Peguei meu caderno e uma caneta e fingi tomar algumas notas:

— Ele manteve contato posterior com algum dos acompanhantes de Spider?

— Fantasmas falam?

— Como?

— O cara entrou bem, homem. Morreu na guerra.

— Tem certeza? Ouvi dizer que ele estava num hospital.

— Pode ser, mas acho que me lembro de ele ter morrido.

— Disseram-me que ele era supersticioso. Lembra-se de alguma coisa a respeito?

Vernon Hyde sorriu, repuxando os lábios de novo:

— Sim, estava sempre atrás de sessões espíritas e bolas de cristal. Certa vez, quando excursinávamos, acho que foi em Cincinnati, pagamos à prostituta do hotel para que fingisse ser uma cartomante. Ela disse a Favorite que ele ia bater as botas, e ele não pôs mais o nariz para fora de nenhum hotel *até* o final da excursão.

— Ele tinha uma namorada grã-fina que lia a sorte, não?

— É, alguma coisa assim. Nunca cheguei a vê-la. Johnny e eu vivíamos em órbitas diferentes naquele tempo.

— Segregação racial?

— Você sabe, éramos todos- negros. Só houve um ano em que tivemos um cubano no xilofone. — Vernon Hyde terminou sua cerveja. — Nem mesmo Duke Ellington quebrou o preconceito da cor naqueles tempos, você sabe.

— Verdade. — Rabisquei algo em meu caderno. — Reunir-se após o show devia ser uma outra história, completamente diferente.

O sorriso de Vernon Hide perdeu muito de sua faceirice ao relembrar aquelas salas esfumaçadas:

— Quando a banda de Count Basie estava na cidade, muitos de nós se reuniam e tocavam a noite inteira.

— Favorite tomava parte nessas sessões?

— Que nada! Johnny não ligava para acompanhantes. Depois de uma apresentação, as únicas pessoas negras que ele queria ver eram as empregadas das suítes de Park Avenue.

— Interessante. Achava que Johnny fosse amigo de Toots Sweet.

— Vai ver que Favorite o convidou alguma vez para engraxar seus sapatos. Estou lhe dizendo, Johnny Favorite tinha algo contra músicos acompanhantes. Lembro-me de ouvi-lo dizer que Georgie Auld era melhor tenor que Lester Young, imagine!

Disse-lhe que era incompreensível que alguém pensasse uma coisa daquelas.

— Achava que eles traziam azar — explicou.

— Quem? Tenores?

— Acompanhantes, cara. Para Johnny, eram como gatos pretos, sem nenhum trocadilho.

Perguntei se Johnny Favorite tivera um contato mais próximo com alguém da banda.

— Não acho que Johnny tivesse um amigo sequer no mundo. E pode citar-me na matéria, se quiser. Ele era um solitário, vivia para si próprio. Oh, ele podia brincar com você, e sempre tinha um enorme sorriso nos lábios, mas isso nada significava. Johnny tinha charme, nisso ele era bom; usava-o como escudo para manter os outros afastados.

— O que pode me contar sobre a vida privada dele?

— Nunca o vi, a não ser no palco ou nos ônibus, quando viajamos. Spider conhecia-o melhor que qualquer um. É com ele que deve conversar.

— Tenho o número dele na Califórnia, mas não consegui entrar em contato com ele ainda. Outra cerveja?

Por que não? — respondeu Hyde, e pedi outra rodada. Passamos a hora seguinte trocando mentiras sobre a 52 dos velhos tempos, e o nome de Johnny Favorite não foi mais mencionado.

13

VERNON HYDE deixou-me logo após as sete e andei duas quadras até o Gallagher's, onde serviam o melhor filé da cidade. Por volta das nove horas havia fumado um charuto e tomado uma segunda xícara de café. Paguei a conta e peguei um taxi até a garagem onde estava o Chevy, oito quarteirões adiante.

Acompanhando o tráfego, rumo ao norte, andei até a Sexta Avenida, cortando caminho pelo Central Park, depois do reservatório e do Harlem Meer. Após o Warrior's Gate, na esquina da Sétima com a 110, entrei num mundo de escuras ruas secundárias. Há um ano não punha os pés no Harlem, desde a demolição do salão de baile do Hotel Savoy, mas tudo parecia igual. A Park Avenue estava sob as pistas da Nova York central por estes lados, por isso a Sétima, com suas ilhas de concreto dividindo o tráfego, era a rua onde importava ver e ser visto.

Ao atravessar a Rua 125, as luzes brilhavam como na Broadway. Mais à frente, SmalTs Paradise e a casa noturna de Count Basie pareciam cheios e prósperos. Avistei um lugar para estacionar em frente no Red Rooster, do outro lado da rua, e esperei que o sinal abrisse. Um rapaz negro, com uma pena de faisão no chapéu, emergiu de um grupo que espreitava nas sombras e perguntou-me se queria comprar um relógio. Ele arregaçou as mangas de seu elegante sobretudo e mostrou-me meia dúzia deles em cada braço:

— Posso fazer um bom preço para você. Legal mesmo.

Respondi que já tinha relógio e atravessei a rua. O Red Rooster era um bar escuro e acarpetado. As mesas ao redor do palco estavam repletas de celebridades, que torravam dinheiro ao lado de mulheres em cintilantes vestidos de noite.

Sentei-me junto ao balcão e pedi um tira-gosto. O trio de Edison Sweet tocava no palco, mas, de onde eu estava, só podia enxergar as costas do pianista curvado sobre o teclado. Os dois músicos tocavam baixo e guitarra elétrica.

A banda tocava um *blues*, entrando e saindo da melodia como um colibri numa flor. O piano pulsava e trovejava. A mão esquerda de Toots Sweet era exatamente como Kenny Pomeroy dissera. O grupo não tinha a menor necessidade de um baterista. Sobre o ritmo tristonho e variado do baixo, Toots traçava um intrincado lamento e, quando cantava, o sofrimento fazia sua voz soar agriçoce:

Eu tenho o blues vodu

Esse blues mau e agourento

Petro Loa não me deixa em paz;

Toda noite ouço os lamentos dos zumbis

Senhor, eu tenho o velho e malvado blues vodu

Zu-zu era um mambo, ela amava um hungan

Mexer com Erzuli não estava em seus planos

A maldição dos tom-tons tornou-a uma escrava

E agora o barão Samedi dança sobre seu túmulo

Yeah, ela tem o blues vodu

Esse malvado e agourento blues.

Ao final da apresentação, os músicos sorriram e conversaram entre si, enxugando o suor com grandes lenços brancos. Após algum tempo, dirigiram-se ao balcão. Avisei ao *barman* que pagaria um drinque ao grupo. Ele serviu-os e acenou com a cabeça em minha direção.

Os dois acompanhantes pegaram suas bebidas, olharam para mim e se voltaram para o interior do bar, misturando-se à multidão. Toots Sweet sentou-se numa banquetta do outro lado do balcão,

onde podia ver o bar, e recostou a cabeça grisalha contra a parede. Peguei meu copo e abri caminho em sua direção.

— Queria apenas dizer obrigado — disse, sentando-me a seu lado. — Você é um artista, senhor Sweet.

— Me chame de Toots, filho. Eu não mordo.

— Está bem então, Toots.

Toots Sweet tinha uma cara larga e enrugada. Seu cabelo espesso tinha a cor cinzenta de um charuto. O terno de sarja azul brilhante parecia prestes a estourar; os pés, no entanto, dentro dos sapatos preto-e-brancos, eram pequenos e delicados como os de uma mulher.

— Gostei do *blues* que tocou no final.

— Eu o compus anos atrás, em Houston, num guardanapo — respondeu ele, sorrindo. A brancura de seu sorriso atingiu em cheio o rosto negro, como o fim de um eclipse lunar. O esmalte branco de um de seus dentes da frente, encapado em ouro, brilhava através de uma estrela de cinco pontas invertida, recortada na capa dourada. Era algo que se notava imediatamente.

— Sua cidade natal?

— Houston? Deus, não! Só estava de passagem.

— De onde você é?

— Eu? Ora, sou nascido e criado em Nova Orleans. Você está olhando para alguém que faria a delícia de um antropólogo. Tocava nas espeluncas de Storyville antes dos catorze. Conhecia toda a gangue: Bunk e Jelly e Satchelmouth. Subi o rio até Chicago. Há, há, há — rugiu Toots, batendo as mãos nos joelhos gordos. Os anéis em seus dedos brilharam na fraca luz.

— Você está me enrolando, Toots.

— Um pouquinho, talvez, filho. Só um pouco.

Sorri, antes de beber um pouco mais de meu drinque:

— Deve ser muito bom ter tantas memórias.

— Está escrevendo um livro, filho? Posso reconhecer um escritor tão rápido quanto uma raposa reconhece uma galinha.

— Chegou perto, raposa velha. Estou fazendo um trabalho para a revista *Look*.

— Uma matéria com Toots na *Look*? Lá, junto com a Doris Day? Há!

— Bem, vou ser sincero com você, Toots: a história será sobre Johnny Favorite

— Quem?

— Um *crooner*. Cantava com a banda de *swing* de Spider Simpson nos anos quarenta.

— Ah, sim. Lembro-me de Spider. Tocava bateria como duas britadeiras fazendo amor.

— Lembra-se de algo sobre Johnny Favorite?

A cara escura de Edison Sweet assumiu a inocência de um estudante de álgebra que não sabe a resposta à pergunta do professor:

— Nada; exceto, talvez, que mudou seu nome para Frank Sinatra. Vic Damone nos fins de semana.

— Talvez eu tenha recebido a informação errada. Imaginava que vocês fossem bons amigos.

— Filho, ele gravou um disco com músicas minhas muito tempo atrás, e agradeço a ele pelo dinheiro que ganhei, e já gastei, mas isso não nos torna amigos.

— Vi uma foto de vocês dois cantando juntos. Saiu na *Life*.

— É, lembro-me daquela noite. Foi no bar de Dickie Wells. Cruzei com ele mais uma ou duas vezes, mas ele certamente não vinha para estes lados para me ver.

— A quem ele queria ver, quando vinha para cá?

Toots Sweet revirou os olhos, numa expressão velhaca:

— Você está me fazendo contar histórias, filho. Eu não estou mais na escola.

— Que importância faz, depois de tantos anos? Pelo que entendi, ele estava se encontrando com uma mulher.

— Um bom pedaço de mulher, pode estar certo.

— Qual o nome dela?

— Não é segredo algum. Todos pela redondeza sabiam que Evangeline Proudfoot tinha um caso com Johnny Favorite.

— Nenhum jornalista lá do centro parecia saber.

— Filho, naqueles tempos, se você estivesse pulando a cerca, não era algo que gostaria de sair espalhando por aí.

— Quem era Evangeline Proudfoot?

Toots sorriu:

— Uma bela e forte mulher caribenha. Era dez ou quinze anos mais velha que Johnny, mas tão esperta que era ele quem fazia o papel de bobo.

— Sabe onde posso encontrá-la?

— Não a vejo há anos. Ficou doente. A loja ainda está lá, talvez ela também esteja.

— Que tipo de loja era essa? — Fiz o melhor que pude para eliminar qualquer pista de que era um tira quem fazia a pergunta.

— Evangeline tinha uma loja de ervas na Lenox. Ficava aberta até meia-noite durante a semana, exceto aos domingos. — Toots deu uma piscada teatral: — Hora de tocar mais um pouco. Vai ficar para ver, filho?

— Volto logo — respondi.

14

A PRODUTOS Farmacêuticos Proudfoot ficava na esquina da Avenida Lenox com a Rua 123 . O nome estava escrito na vitrine, numa tabuleta de néon azul de uns quinze centímetros. Parei numa esquina antes e dei uma olhada no lugar. Na vitrine havia um mostruário empoeirado imerso numa luz azul vaporosa. Caixas de remédios homeopáticos descansavam sobre as prateleiras redondas, de papelão, dispostas de cada um dos lados do mostruário. Preso ao fundo, o desenho de um corpo humano, despido de pele e músculos, deixava à mostra as vísceras. Cada uma das estantes de papelão estava ligada por uma fita de cetim a um dos órgãos do corpo humano. Ligado ao coração, por exemplo, estava o Extrato Beneficiado de Belladonna Proudfoot.

Por sobre a parede do mostruário, pude ver parte da loja. Luzes fluorescentes pendiam do teto de latão; prateleiras antiquadas corriam ao longo da parede do fundo. O balanço do pêndulo do relógio parecia ser a única atividade no local.

Entrei. O odor de incenso dominava o ar. Sinos tocaram sobre minha cabeça, quando abri a porta. Num suporte giratório de metal, perto da entrada, uma coleção de "livros de sonho" e panfletos, tratando de vários problemas do amor, chamavam a atenção do cliente graças às cepas espalhafatosas. Havia vários pós milagrosos em cilindros de papelão, dispostos em forma de pirâmide. "Espalhe um pouco deste pó em seu terno, pela manhã, e o número com que sonhar certamente será premiado."

Estava examinando as velas coloridas, perfumadas, que garantiam trazer sorte se usadas freqüentemente, quando uma linda garota de pele morena apareceu, vinda dos fundos, e se postou atrás do balcão. Ela usava um avental branco sobre o vestido e aparentava ter uns dezenove ou vinte anos. O cabelo cacheado, cor de mogno, chegava-lhe aos ombros. Várias argolas finas, de prata, balançavam em seus pulsos delicados.

— Posso ajudá-lo? — perguntou ela. Por trás da dicção cuidadosamente modulada jazia o toque rítmico e melodioso do calipso caribenho.

Respondi com a primeira coisa que me veio à cabeça:

— Você tem um pouco da raiz de John, o Conquistador?

— Em pó ou inteira?

— Quero inteira. Não é o formato que faz funcionar o feitiço?

— Não vendemos feitiços, senhor. Esta é uma farmácia de ervas.

— É assim que chama aquilo lá na vitrine? Medicina ortodoxa?

— Vendemos alguns itens extras, assim como outras lojas fazem com cartões de Natal.

— Estava brincando, não queria ofendê-la.

— Não fiquei ofendida. Diga quanto quer e vou pesá-la para o senhor.

— A senhorita Proudfoot está na loja?

— Eu sou a senhorita Proudfoot.

— Senhorita Evangeline Proudfoot?

— Sou Epiphany. Evangeline era minha mãe.

— Você disse "era"?

— Mamãe morreu no ano passado.

— Lamento ouvir isso.

— Ela estava doente, ficou anos de cama. Foi melhor assim.

— Ela deixou-lhe um belo nome, Epiphany. Combina com você.

Por baixo de sua tez café-com-leite, ela enrubesceu ligeiramente:

— Ela deixou-me muito mais do que isso. A loja tem dado lucro há mais de quarenta anos. Você tinha negócios com minha mãe?

— Não, não cheguei a conhecê-la. Esperava que ela pudesse me responder a algumas perguntas.

Os olhos de topázio de Epiphany ficaram sombrios.

— Quem é você? Algum tipo de tira?

Sorri. O álibi da *Look* estava engatilhado na ponta da língua, mas percebi que ela era esperta demais para cair nessa:

— Detetive particular. Posso mostrar-lhe minha licença.

— Não se preocupe com sua licença de segunda categoria. O que você queria com minha mãe?

— Procuo um homem chamado Johnny Favorite.

Ela retesou-se, como se alguém tivesse tocado sua nuca com um cubo de gelo:

— Está morto.

— Não, não está, embora a maioria das pessoas acredite nisso.

— Para mim, está.

— Você o conheceu?

— Nunca nos vimos.

— Edison Sweet disse-me que ele era amigo de sua mãe.

— Isto foi antes de eu nascer.

— Sua mãe lhe falou alguma vez a respeito dele?

— Francamente, senhor-seja-lá-quem-for, não espere que eu traia as confidências de minha mãe. Posso ver claramente que não é um cavalheiro.

Fingi não ter ouvido o comentário.

— Talvez possa me dizer se você, ou sua mãe, viu Johnny Favorite nos, digamos, últimos quinze anos, aproximadamente.

— Já lhe disse que nunca o vi, e sempre fui apresentada a *todos* os amigos de mamãe.

Peguei a carteira, a verdadeira, na qual carrego dinheiro, e dei-lhe o cartão da Crossroads.

— Está certo — disse —, acho que foi querer um pouco demais. Aqui está o número de meu escritório. Peço que me ligue, se lembrar de alguma coisa ou de alguém que tenha visto Johnny Favorite.

Ela sorriu friamente.

— Por que está atrás dele?

— Não estou atrás dele; só quero saber onde está.

Ela prendeu meu cartão no vidro da caixa registradora de latão ornamentado:

— E se ele estiver morto?

— Sou pago do mesmo jeito.

Desta vez o riso foi quase verdadeiro:

— Espero que o encontre sete palmos abaixo da terra.

— Para mim, não faria diferença. Não jogue fora meu cartão, por favor. Nunca se sabe o que pode acontecer.

— Lá isso é verdade.

— Obrigado por me atender.

— Você está indo embora sem sua poção de John, o Conquistador.

Endireitei os ombros:

— Tenho cara de quem está precisando dela?

— Senhor Crossroads — zombou ela e sua risada soou cheia e rica —, o senhor tem cara de quem precisa de toda a ajuda que puder conseguir.

15

ATÉ QUE EU chegasse ao Red Rooster, outra sessão de música havia terminado, e Toots estava sentado na mesma banquetta no balcão. Uma taça de champanhe borbulhava junto a seu cotovelo. Acendi um cigarro, enquanto chegava até ele.

— Encontrou o que procurava? — perguntou ele, sem interesse.

— Evangeline Proudfoot está morta.

— Morta? Mas isso é uma pena. Ela era uma boa mulher.

— Conversei com a filha dela, mas não adiantou muito.

— Talvez você devesse escrever sobre outra pessoa, filho.

— Acho que não. Estou começando a ficar interessado. — A cinza do cigarro caiu em minha gravata e deixou uma mancha. — Você parece ter conhecido Evangeline Proudfoot razoavelmente bem. O que mais pode contar-me sobre o caso dela com Johnny Favorite?

Toots Sweet levantou-se com dificuldade:

— Não tenho nada a dizer-lhe, filho. Sou grande demais para sair por aí me escondendo debaixo de camas. Além do que, já é hora de voltar ao trabalho.

Ele me lançou um de seus estudados sorrisos de astro e começou a se dirigir ao palco. Segui-o como um caçador de notícias ansioso:

— Talvez você se lembre de alguns outros amigos deles. Gente que os conheceu, quando estavam juntos...

Toots sentou-se no banco do piano e olhou ao redor, procurando pelos acompanhantes. Falou comigo, enquanto seus olhos passavam de mesa em mesa:

— Que tal se eu relaxar a cabeça com um pouco de música? Talvez me lembre de alguma coisa.

— Não estou com a mínima pressa. Posso ouvi-lo tocar a noite inteira.

— Então saia do palco, filho. — Toots ergueu a tampa curva de seu piano de cauda. Havia um pé de galinha no teclado. Ele fechou a tampa. — Pare de ficar às minhas costas — gritou. — Tenho que tocar agora.

— O que era aquilo?

— Não era nada. Você não viu nada.

Mas aquilo não era exatamente *nada*. Era o pé de uma galinha, ocupando uma oitava do piano — uma garra amarelo-viva, do formato de um pé de lagarto, até onde foi cortado, sobre a junta, e sangrando. Sob um tufo remanescente de penas brancas, havia um laço de fita negra. Era consideravelmente mais do que nada.

— O que está acontecendo, Toots?

O guitarrista tomou seu lugar e ligou o amplificador. Olhou para Toots e tentou ajustar o volume. Estava tendo problemas com o retorno.

Toots sibilou:

— Não está acontecendo nada que seja de sua conta. Não quero mais falar com você. Nem depois que acabar de tocar, nem nunca.

— Quem está atrás de você, Toots?

Toots falou bem devagar, ignorando o baixista que aparecia por detrás de seus ombros:

— Se você não sair já daqui, e eu quero dizer, sumir do bar, vai desejar nunca ter nascido.

O olhar implacável do baixista estava fixo em mim. Olhei a minha volta. A casa estava cheia. Agora eu sabia como o general Custer se sentiu no topo da colina, antes da batalha contra os índios.

— Uma única palavra — disse Toots —, basta uma única palavra.

— Guarde sua saliva, Toots — retruquei, saltando para a pista de dança e batendo em retirada.

Meu carro estava estacionado no mesmo lugar. Os vagabundos da esquina tinham ido embora, e, no lugar deles, havia uma mulher escura, magra, usando uma pele gasta de raposa. Andava de um lado para o outro em seus sapatos de finos saltos altos, respirando rapidamente, como um viciado em cocaína.

— Quer fazer um programa? — perguntou, quando passei.

— Hoje não — respondi.

Entrei no carro e acendi outro cigarro. A mulher magra ainda ficou me olhando por um instante antes de desaparecer, descendo a avenida. Ainda não eram onze horas.

Por volta da meia-noite fiquei sem cigarros. Calculei que Toots não fosse dar as caras até que acabasse de trabalhar. Eu tinha todo o tempo do mundo. Caminhei um quarteirão e meio até uma loja de bebidas que ficava aberta a noite toda e comprei dois maços de cigarros e uma garrafa de bebida. No caminho da volta, atravessei a avenida e parei junto à entrada do Red Rooster. A mistura de jazz e Beethoven, tocada por Toots, continuava lá dentro, explosiva.

Era uma noite fria, e, de vez em quando, eu ligava o carro para fazer funcionar o aquecimento interno. Não queria que ficasse muito quente lá dentro, pois seria fácil pegar no sono. Quando a música acabou, já eram quinze para as quatro. O cinzeiro do carro estava repleto e a garrafa vazia. Eu me sentia bem.

Toots saiu do clube cerca de cinco minutos antes do horário de fechar. Abotoou seu pesado sobretudo, brincou com o guitarrista

e pôs os dois dedos na boca, soltando um assobio agudo que fez um táxi que passava breicar com alarido.

Virei a chave na ignição e liguei o Chevy.

Havia poucos carros àquela hora, e eu queria deixá-los alguns quarteirões à frente. Por isso apaguei as luzes e olhei pelo retrovisor, enquanto o táxi fazia a curva na 138 e voltava pela Sétima, em minha direção. Deixei-o passar pela *loja* de bebidas e saí em seu encalço.

Segui o táxi até a Rua 152, quando ele virou à esquerda e parou no meio do quarteirão, em frente ao Conjunto Habitacional Harlem. Subi mais um quarteirão, fiz o retorno e voltei pela Sétima. Parei perto da esquina, onde podia avistar o táxi em frente ao prédio, com a porta aberta e a luz interna apagada. Não havia ninguém no banco de trás. Toots devia ter subido para livrar-se de seu pé de galinha. Apaguei o farol e parei em fila dupla. Minutos depois, Toots estava de volta, carregando uma sacola de boliche de lona vermelha.

O táxi virou à esquerda, na Rua Macomb, e retornou em direção ao centro, pela Oitava Avenida. Mantive uma distância de quarteirões e o segui até o Frederick Douglass Circle, quando ele tomou o rumo leste, na Rua 100, e seguiu a parede norte do Central Park, até a bifurcação onde começavam as Avenidas Lenox e São Nicolau. Quando passei pelo carro, vi Toots segurando a carteira, esperando o troco.

Fiz uma curva fechada à esquerda e estacionei depois da esquina da São Nicolau, correndo de volta à 110 a tempo de ver o táxi se afastar e a silhueta de Toots desaparecer no mundo de trevas do parque escuro e silencioso.

16

ELE SEGUIU pela trilha ao longo da borda oeste do Harlem Meer, passando a intervalos sob o fecho de luz dos postes de iluminação. Permaneci nas sombras, mas Toots não olhou para trás, seguindo a passos rápidos ao longo da margem do Meer e sob o arco da Ponte Huddlestone, onde um ou outro táxi passava zunindo em direção ao centro da cidade.

Mais abaixo ficava o lago, a parte mais distante do Central Park. A trilha dava para uma ravina íngreme, repleta de árvores e arbustos e totalmente isolada da cidade. Estava escuro ali e muito quieto. Por um momento julguei ter perdido Toots. Foi quando ouvi os tambores.

Algo piscava como vagalumes nas folhagens. Avancei por entre as árvores até alcançar uma pedra grande, que me serviu de proteção. Havia quatro suportes com velas acesas no chão e três percussionistas, cada qual com um instrumento diferente. O maior parecia ser uma conga. Um homem negro, de cabelos grisalhos, batia nela com uma das mãos e com uma pequena baqueta de madeira, que segurava na outra.

Uma garota, usando um vestido branco e turbante, fazia movimentos convulsivos no chão entre as velas e, usando punhados de farinha, traçava desenhos circulares em volta de um buraco redondo cavado na terra. Ao virar-se, sua face foi iluminada pela luz. Era Epiphany Proudfoot.

Os presentes iam de um lado para outro, cantando e batendo palmas no ritmo do batuque. Vários homens agitavam chocalhos, e uma mulher produzia um ritmo frenético com um par de tímbalos de ferro. Vi Toots Sweet, a sacola de boliche aos pés, chacoalhando suas maracas como Xavier Cougat liderando uma banda de rumba.

Epiphany estava descalça, apesar do frio, e dançava sob o ritmo pulsante, salpicando o chão do pó que tinha nas mãos. Quando este acabou, ela deu um salto para trás, estendendo as

mãos esbranquiçadas sobre a cabeça. Seus movimentos espasmódicos logo contagiaram os outros, que começaram a dançar.

As sombras se moviam grotescamente na luz bruxuleante das velas. A batida demoníaca dos tambores invadiu os dançarinos com seu ritmo pulsante. Os olhos rolaram para dentro das órbitas, e começou a brotar saliva de seus lábios. Homens e mulheres começaram a se esfregar entre grunhidos, pélvis se contorcendo num ato sexual em êxtase.

Aproximei-me por entre as árvores para poder ver melhor. Alguém soprou um apito e suas notas agudas alcançaram a noite acima do clamor dissonante dos pratos de metal. Os tambores continuavam seu ritmo, insistente como uma febre, tomando conta de todos. Uma mulher caiu ao chão, contorcendo-se como cobra, a língua entrando e saindo da boca.

O vestido de Epiphany colara-se em seu corpo jovem, suado. Ela enfiou a mão dentro de uma cesta de vime. E retirou dela um galo. O animal ergueu a cabeça orgulhosamente, sua crista vermelha como sangue se destacando na luz das velas. Epiphany esfregava a plumagem branca contra o peito enquanto dançava, repetindo a operação com os outros. Um cacarejo silenciou os tambores.

Graciosamente, Epiphany abaixou-se junto ao buraco e, com um movimento preciso, cortou a garganta do galo com um estilete, fazendo o sangue jorrar no buraco escuro. O canto desafiador do galo tornou-se um grito semelhante a um gar-garejo. Suas asas se agitavam ferozmente, enquanto morria. Os dançarinos grunhiam.

Epiphany colocou o galo junto ao buraco, onde ele se debateu e pulou, as pernas crispando-se até que suas asas estremeceram pela última vez antes de se dobrarem. Um a um, os dançarinos deram um passo à frente e jogaram oferendas no buraco. Moedas, grãos secos de milho, biscoitos, doces e frutas. Uma mulher colocou uma garrafa de Coca-Cola sobre a ave morta.

Depois de todos terem ofertado alguma coisa, Epiphany pegou o galo morto e o pendurou pelos pés nos galhos de uma

árvore próxima. Foi quando a cerimônia pareceu ter chegado ao fim. Alguns permaneceram, cabeças baixas e mãos entrelaçadas, rezando em voz baixa diante do galo morto. Outros recolheram seus instrumentos, e todos desapareceram na escuridão, não sem antes darem-se as mãos, primeiro a direita, depois a esquerda, postados em círculos. Toots, Epiphany e dois ou três outros voltaram pelo caminho em direção. ao Harlem Meer. Ninguém abriu a boca.

Segui-os mantendo-me nas sombras, ladeando a trilha e me escondendo entre as árvores. Na altura do Meer, o caminho se bifurcava. Toots virou à esquerda; Epiphany e os outros foram pela direita. Joguei um cara-ou-coroa, e Toots foi o escolhido. Ele se dirigiu à saída que dava para a Sétima Avenida. Se não estivesse indo direto para casa, havia boas chances de que não fosse demorar muito para chegar lá. Decidi que estaria a sua espera.

Abaixando-me por entre os arbustos, escalei a parede de pedra e corri pela Rua 110. Quando alcancei a esquina da São Nicolau, olhei para trás e vi Epiphany com seu vestido branco na entrada do parque. Ela estava só.

Reprimi a vontade de mudar meus planos e me dirigi apressadamente ao Chevy. As ruas estavam quase desertas e subi a São Nicolau rapidamente, cruzando a Sétima e a Oitava avenidas sem parar em nenhum semáforo. Após entrar na Edgecomb, continuei pela Broadhurst, beirando o Parque Colonial até a Rua 151.

Parei perto da esquina com a Macomb e caminhei ao longo do Conjunto Habitacional do Harlem, atraentes prédios de quatro andares construídos ao redor de áreas verdes e alamedas. O projeto, da época da Depressão, representava um estilo de moradia pública muito mais civilizado do que os desumanos monolitos que a Prefeitura parecia preferir atualmente. Encontrei a entrada do prédio de Toots na Rua 152 e procurei o número de seu apartamento na fileira de caixas de correspondência de latão.

A porta da frente não foi problema. Consegui abri-la com a lâmina de meu canivete em menos de um minuto. Toots morava no terceiro andar. Subi os lances da escada e testei a fechadura. Não

havia nada que eu pudesse fazer sem minha pasta, por isso sentei nos degraus que levavam ao andar superior e esperei.

17

NÃO TIVE DE aguardar por muito tempo. Ouvi-o bufando escada acima e fiquei de cócoras. Ele não me viu e deixou a sacola de boliche no chão, enquanto procurava pela chave. Quando abriu a porta, resolvi me mexer.

Toots estava apanhando a sacola, quando o surpreendi por trás, segurando o colarinho do casaco com uma mão e o empurrando para dentro do apartamento com a outra. Ele tropeçou e caiu de joelhos, atirando longe a sacola. Acendi a luz e fechei a porta.

Toots pôs-se de pé, arquejante como um animal. Enfiou a mão direita no bolso do casaco e dele retirou um estilete.

— Não quero machucá-lo, velho — adverti.

Ele respondeu algo inaudível e lançou-se para a frente, empunhando o estilete. Segurei seu braço com a mão esquerda e dei-lhe uma forte joelhada, estrategicamente endereçada. Toots curvou-se e caiu sentado, com um leve gemido. Torci seu pulso e ele deixou cair o estilete, que chutei contra a parede.

Você é um tolo, Toots — disse, pegando o estilete e guardando no bolso.

Toots sentou-se, segurando a barriga com ambas as mãos, como se algo lá dentro estivesse prestes a escapar.

— O que você quer de mim? — rosnou ele. — Você não é escritor porcaria nenhuma.

— Ficando esperto, hem? Então deixe de história e diga-me o que sabe sobre Johnny Favorite.

— Estou ferido. Sinto-me quebrado por dentro.

— Isso passa logo. Quer algo para se sentar?

Ele fez que sim com a cabeça. Arrastei um sofá de couro vermelho e preto até perto dele e ajudei-o a sentar-se. Ele gemeu, apalpando o abdômen.

— Ouça, Toots, vi a festinha que fizeram no parque, o número com o galo apresentado por Epiphany Proudfoot. O que estava acontecendo?

— Obeah — rosnou ele —, vodu. Nem todo negro é da Igreja Batista.

— E a garota? Onde ela entra nisso tudo?

— Ela é uma mambo, como foi sua mãe antes dela. Espíritos poderosos falam através daquela criança. Ela tem ido às reuniões desde os dez anos de idade. Tornou-se sacerdotisa aos treze.

— Foi quando Evangeline Proudfoot adoeceu?

— Sim.

Ofereci-lhe um cigarro, mas ele o recusou. Acendi um para mim e perguntei:

— Johnny Favorite também estava envolvido com vodu?

— Ele estava de caso com a mambo, não estava?

— Ele ia às reuniões?

— Claro que ia. A várias delas. Era um *hunsi-bosal*.

— Um o quê?

— Ele havia sido iniciado, mas não batizado.

— Como se chama quem já foi batizado?

— *Hunsi-kanzo*.

— É isso que você é, *hunsi-kanzo*?

Toots assentiu com a cabeça:

— Fui batizado há muito tempo.

— Quando foi a última vez que viu Johnny Favorite em uma de suas reuniões?

— Já lhe disse: não o vejo desde antes da guerra.

— E o pé de galinha? Aquele no piano, decorado com um laço de fita?

— Significa que eu falo demais.

— Sobre Johnny Favorite?

— Sobre coisas em geral.

— Você não está sendo suficientemente convincente, Toots. — Soprei um pouco de fumaça em seu rosto. — Já tentou tocar piano com a mão engessada?

Toots quis levantar-se, mas acabou deixando-se cair, com uma careta, de volta no sofá.

— Você não faria isso.

— Faço o que for necessário, Toots. Posso quebrar um dedo tão facilmente quanto um palito de fósforo.

Havia considerável dose de medo nos olhos do velho pianista. Para provar que não estava brincando, estalei os dedos da mão direita.

— Pergunte-me o que quiser. Estou dizendo a verdade.

— Você não viu Johnny Favorite nos últimos quinze anos?

— Não.

— E Evangeline Proudfoot? Ela alguma vez mencionou tê-lo visto?

— Não que eu tenha ouvido. A última vez que falou nele foi há uns oito ou dez anos. Eu me lembro porque foi quando apareceu um professor universitário querendo escrever sobre obeah num livro. Evangeline disse a ele que brancos não eram permitidos no *humfo*. Eu disse ' 'exceto se puderem cantar", você sabe, gozando da cara dela.

— E o que ela disse?

— Estou chegando lá. Ela não achou graça, mas também não ficou muito zangada. Ela disse: "Toots, se Johnny estivesse vivo, ele seria um *hungan* muito poderoso, mas isso não quer dizer que eu tenha de abrir as portas a qualquer escritorzinho que resolve nos fazer uma visita". Percebe? Para ela, Johnny Favorite estava morto e enterrado.

— Toots, vou arriscar e acreditar em você. Agora, por que você usa uma estrela como essa no dente?

— É para que tenham certeza de que sou negro, para que ninguém duvide disso.

— Por que de cabeça para baixo?

— Assim fica mais bonita.

Coloquei um cartão do escritório sobre a televisão.

— Estou deixando um cartão com meu número. Se souber de alguma coisa, ligue-me.

— Mas, claro, como se eu já não tivesse problemas o bastante, ainda tenho que ficar telefonando para você.

— Nunca se sabe. Você pode precisar de ajuda da próxima vez que receber uma entrega especial de pé de galinha.

Do lado de fora, a alvorada manchava a noite como ruge no rosto de uma corista. Andando até o carro, joguei o estilete com empunhadura de pérola de Toots na lata de lixo.

18

O SOL JÁ brilhava quando finalmente fui deitar. Consegui dormir até quase o meio-dia, apesar dos maus sonhos. Fui assombrado por pesadelos piores que qualquer filme de terror da programação noturna da televisão. Tambores de vodu pulsavam, enquanto Epiphany Proudfoot cortava a garganta do galo. Os dançarinos reboavam e grunhiam, só que desta vez o sangue não parava de escorrer. Uma fonte cor de carmim jorrava do animal abatido, encharcando tudo como uma chuva tropical, os dançarinos todos se afogando num lago de sangue. Vi Epiphany afundar e corri do lugar onde me escondia, com o sangue coagulado respingando em meus calcanhares.

Cego pelo pânico, atravessei ruas noturnas desertas. Latas de lixo empilhadas na forma de pirâmides; ratos do tamanho de buldogues espreitando nos bueiros. O ar pútrido. Corri, de alguma maneira me tornando o caçador ao invés da presa, perseguindo uma silhueta distante pelas avenidas desconhecidas que pareciam não ter fim.

Não importava quão rápido corresse, não conseguia me aproximar. Quando a calçada terminou, a perseguição continuou numa praia. Peixes mortos entulhavam a areia. Uma enorme concha, alta como um arranha-céu, surgiu à frente. O homem entrou dentro dela; eu o segui.

O interior da concha era alto e espiralado, como uma catedral opalescente na qual nossos passos ecoavam. A passagem estreitou-se e, ao dobrar a última curva, deparei-me com meu adversário bloqueado pelo próprio corpo do caramujo. Não havia saída.

Agarrei o homem pelos colarinhos e atirei-o contra a parede carnuda do molusco. Foi quando vi seu rosto: era como olhar num espelho; lábios, olhos, queixo, todos os nossos traços eram idênticos. Meu sócia abraçou-me como a um irmão e beijou-me a face. Relaxei, invadido por uma onda de afetividade. Foi quando

senti seus dentes. O beijo, antes fraterno, tornara-se selvagem; ele agora tentava me estrangular.

Atraquei-me com meu clone, e caímos juntos no chão nacarado da concha. Ele ficou em silêncio, enquanto eu me debatia desesperadamente, cravando as mãos em seu rosto, que foi se transformando numa massa disforme, sem ossos ou cartilagem, da qual minhas mãos não conseguiam se desprender. Acordei gritando.

Um banho quente acalmou-me os nervos. Em vinte minutos estava barbeado, vestido e seguindo rumo ao centro. Deixei o Chevy na garagem e fui até a banca que vendia jornais de outras cidades, perto da Torre Times. A foto do dr. Albert Fowler estava na primeira página do *Poughkeepsie New Yorker* de segunda-feira. MÉDICO DE RENOME ENCONTRADO MORTO, dizia a manchete do jornal. Li a matéria, enquanto tomava café no Whelan's, na esquina do Edifício Paramount.

A causa da morte era dada como suicídio, embora nenhum bilhete houvesse sido achado. O corpo fora encontrado na segunda-feira de manhã por dois colegas do dr. Fowler, preocupados por ele não ter aparecido para trabalhar, nem ter atendido aos telefonemas. A mulher da foto que o doutor abraçava era sua esposa. Não havia qualquer menção à morfina ou ao anel. O conteúdo dos bolsos do cadáver não constava da reportagem, por isso não havia meios de saber se o anel fora retirado ou não pelo próprio doutor.

Tomei uma segunda xícara de café e me dirigi ao escritório, para dar uma olhada na correspondência. Havia a papelada inútil de costume e uma carta da Pensilvânia oferecendo um curso por correspondência de análise de cinza de cigarro. Joguei a pilha inteira no lixo e refleti sobre meu próximo passo: havia planejado uma ida a Coney Island para tentar localizar Madame Zora, a cigana favorita de Johnny, porém decidi voltar ao Harlem. Havia muita coisa que Epiphany Proudfoot não me contara na noite passada.

Tirei minha pasta do cofre do escritório e, ao abotoar o sobretudo, o telefone tocou. Era um interurbano a cobrar, de Cornelius Simpson. Pedi à telefonista que completasse a ligação.

— A empregada me deu seu recado. Disse que era urgente.

— É Spider Simpson?

— Pelo menos era, da última vez que me olhei no espelho.

— Gostaria de lhe fazer algumas perguntas a respeito de Johnny Favorite.

— Que tipo de perguntas?

— Para começar, viu Favorite alguma vez nos últimos quinze anos?

Simpson riu:

— A última vez que vi Johnny foi no dia seguinte a Pearl Harbor.

— Por que isso é tão engraçado?

— Mas não é; nunca nada a respeito de Johnny foi engraçado.

— Por que o riso, então?

— Sempre rio ao pensar em quanto dinheiro perdi quando ele me deu o fora. É muito menos doloroso que chorar. De que se trata, afinal?

— Estou fazendo uma matéria para a *Look* sobre os cantores esquecidos dos anos quarenta. Johnny Favorite é o primeiro da lista.

— Não da minha lista, irmão.

— Melhor assim. Se eu falasse apenas com os fãs dele, não teria uma história muito interessante.

— Os únicos fãs que Johnny tinha eram estranhos.

— O que sabe do caso dele com uma caribenha chamada Evangeline Proudfoot?

— Absolutamente nada. É a primeira vez que ouço falar dela.

— Sabia que ele estava metido com vodu?

— Espetar alfinetes em bonecos? Bem, faz sentido: Johnny era doido. Estava sempre envolvido em coisas estranhas.

— Tais como?

— Bem, deixe-me ver: certa vez eu o vi pegando pombos, com uma grande rede, no telhado do hotel. Pensei que talvez o barulho dos bichos o incomodasse, mas, após o show, dei uma passada pelo quarto dele... a porcaria do pombo estava todo aberto em cima da mesa e Johnny cutucava as entranhas do bicho com um lápis.

— O que ele estava fazendo?

— Foi o que perguntei. Ele usou uma palavra esquisita para explicar que estava prevendo o futuro, como os sacerdotes da Roma antiga.

— Parece que nosso amigo tem uma queda por magia negra, não?

Spider Simpson riu de novo:

— Acertou na mosca, irmão. Se não fosse tripa de pombo, seria alguma outra coisa, cartomantes, ioga. Johnny usava um anel de ouro, cheio de caracteres hebraicos. E ele não era judeu, que eu saiba.

— E o que ele era, então?

— Sei lá. Da ordem Rosacruz, ou algo parecido. Johnny carregava um crânio na mala.

— Um crânio humano?

— Sim, *foi* de um ser humano, se é o que quer saber. Segundo Johnny, de um homem que matara dez pessoas, por isso lhe trazia poder.

— Parece que ele se divertia a sua custa.

— É provável. Costumava sentar e olhar durante horas para o crânio antes de uma apresentação. Se fosse encenação, era muito bem feita.

— Conheceu Margaret Krusemark?

— Margaret o quê?

— A noiva de Johnny.

— Ah, a garota da alta sociedade? Encontrei-a algumas vezes, por quê?

— Como era ela?

— Muito bonita. Não falava muito. Você conhece o tipo, muita comunicação com os olhos, mas nada de conversa.

— Ouvi dizer que ela lia a sorte.

— Pode até ser, mas nunca leu a minha.

— Por que o noivado deles acabou?

— Não saberia dizer.

— Pode me dar os nomes de alguns amigos de Favorite? Gente que possa ajudar na matéria?

— Irmão, tirando a cabeça do esqueleto na mala, Johnny não tinha um amigo no mundo todo.

— E o que me diz de Edward Kelley?

— Conheci um pianista com esse nome em Kansas City, mas isso foi anos antes de topar com Favorite.

— Bem, obrigado; você foi muito útil.

— Disponha.

19

AS LETRAS DE néon estavam apagadas na vitrine da Farmácia Proudfoot, à qual estava presa, com fita colante, uma cartolina com os dizeres FECHADO HOJE. A porta estava trancada.

Um quarteirão acima havia uma lanchonete com um telefone. Procurei na lista por Epiphany Proudfoot, mas só havia o número da loja. Fiz uma tentativa, mas ninguém atendeu. Voltei à lista, encontrando o número de Edison Sweet. Disquei os quatro primeiros algarismos, mas decidi que uma visita de surpresa seria mais eficaz. Em dez minutos eu estacionava em frente ao prédio de Toots, na Rua 152.

No térreo, uma jovem dona-de-casa estava em apuros, tendo de segurar as compras e achar as chaves do apartamento, com duas crianças berrando agarradas à saia. Ajudei-a com as compras, enquanto ela abria a porta, agradecendo-me com um sorriso cansado.

Subi ao terceiro andar. Ao inclinar-me para examinar a fechadura da porta do apartamento de Toots, descobri que ela estava destrancada. Abri-a com o pé, deparando-me com uma mancha vermelha brilhante na parede em frente. Podia ser tinta, mas não era.

A sala estava uma bagunça, mobília espalhada por todo lado sobre o tapete enrugado. A prateleira de vasos caída e o suporte da cortina quebrado ao meio eram indícios de que ali se travara uma luta feroz. Entre os escombros, só a televisão permanecia intacta, ligada numa novela em que uma enfermeira discutia sobre adultério com uma atenta estagiária.

Tomei o cuidado de não tocar em nada, enquanto passava por entre os móveis revirados. A cozinha estava em ordem: só havia uma xícara de café frio sobre a mesa. Voltei à sala de estar, entrando num corredor pequeno, que dava para uma porta fechada.

Calcei as luvas de cirurgião antes de girar a maçaneta. Uma olhada no quarto fez-me necessitar urgentemente de um drinque.

Toots Sweet estava deitado de barriga para cima, braços e pernas atados por lençóis aos pés e à cabeceira da cama estreita. Um roupão de flanela cobria sua barriga, e os lençóis sob seu corpo estavam empapados de sangue coagulado.

O rosto e o corpo de Toots estavam cheios de hematomas. O branco dos olhos arregalados estava amarelado, como marfim envelhecido, e de seus lábios arroxeados algo se projetava, parecido com um gordo naco de salsicha. Morte por asfixia, decerto.

Examinei mais de perto aquilo que era provavelmente a arma do crime; foi quando percebi que apenas um drinque não seria o suficiente: Toots fora asfixiado com a própria genitália. No jardim, três andares abaixo, as crianças gritavam, brincando.

Nada no mundo me faria levantar aquele roupão. Na parede sobre a cama, alguém rabiscara várias figuras com o sangue de Toots: estrelas, espirais, longos traços em ziguezague representando cobras, como se tivessem sido desenhados por uma criança. As estrelas, em número de três, tinham cinco pontas e estavam de cabeça para baixo. Estrelas cadentes estavam se tornando familiares para mim.

Disse a mim mesmo que era hora de recolher as coisas e partir, não ganharia nada ficando ali. Mas meu instinto profissional ainda me obrigou a revirar as gavetas da penteadeira e o armário. Perdi dez minutos numa busca inútil.

Disse adeus a Edison Sweet e fechei a porta ante seu olhar inexpressivo. Minha boca estava seca, o que me fazia lembrar daquilo que estava na boca de Toots. O pó espalhado pela sala de estar e o receio de deixar marcas de pegadas me impediram de procurar por meu cartão, que não estava mais sobre a televisão, nem entre as coisas de Toots. Minha única esperança era o saco plástico novo em folha, na cozinha, o que significava que o lixo já fora recolhido. Desejei que meu cartão tivesse ido junto.

Olhei pelo buraco da fechadura antes de sair, deixando a porta como a encontrara, apenas encostada. Desci as escadas sem ser visto, passando despercebido por meninas que brincavam de amarelinha. A mulher do térreo poderia se lembrar de mim, mas eu nada podia fazer quanto a isso.

20

TRÊS DRINQUES sucessivos num bar chamado Freddie's Place, ou Teddy's Spot, ou Eddie's Nest, ou algo parecido, me acalmaram um pouco, permitindo que eu refletisse sobre os últimos acontecimentos: agora eram duas pessoas que conheciam Johnny Favorite mortas, e ambas usavam pentágonos. Fiquei me perguntando se o dente de Toots sumira, como o anel de Fowler, mas não estava interessado a ponto de voltar e checar. As estrelas, por serem bastante comuns, talvez fossem coincidência; talvez fosse o acaso, também, o responsável pela morte de um médico viciado e de um pianista de *blues* que conheceram Favorite. Talvez. Mas eu tinha, bem dentro de mim mesmo, a convicção de que ambas as mortes estavam ligadas a algo ainda maior. Recolhi meu *troco no* balcão úmido do bar e voltei ao trabalho.

A viagem a Coney Island foi uma agradável distração. Faltava ainda uma hora e meia para o *rush* e o tráfego fluía livremente na F.D.R. e no túnel Battery. Baixei o vidro na Estrada Shore e respirei o ar gelado do mar, que soprava de Narrows.

Quando alcancei a Avenida Cropsey, já me livrara do persistente odor de sangue que me invadia as narinas. Segui pela Rua 17 Oeste até a Avenida Surf e estacionei ao lado de uma pista de *stock-car*. Coney Island fora de temporada parecia uma cidade fantasma. O esqueleto da montanha-russa pairava sobre minha cabeça como uma teia de aranha metálica. Mas não havia gritos humanos; somente o vento gemia por entre as estruturas, solitário como um apito de trem.

Umas poucas almas penadas vagavam pela Avenida Surf procurando o que fazer. Um par de gaivotas flanava pelo céu, esquadrinhando o solo atrás de restos de comida. O vento arrastava folhas de jornal ao longo das ruas desertas. Na avenida, as barracas de algodão-doce, as casas de diversão e os fliperamas estavam todos fechados, parecendo palhaços sem maquilagem.

Como de costume, o Nathan's Famous estava aberto. Entrei para um cachorro-quente e um copo de cerveja. O homem no balcão parecia estar lá desde os tempos do Luna Park. Perguntei-lhe se já ouvira falar em madame Zora.

— Madame quem?

— Zora. Era uma das grandes atrações daqui nos anos quarenta.

— Ah, mas eu trabalho aqui há menos de um ano. Por que não pergunta algo sobre a Staten Island Ferry? Durante quinze anos dirigi uma concessionária noturna da lanchonete Gold Star Mother. Vamos, pergunte alguma coisa.

— Por que saiu de lá?

— Não sei nadar.

— E daí?

— Fiquei com medo de me afogar, não quis abusar da sorte — respondeu o homem, com um sorriso no qual faltavam quatro dentes. Terminei o cachorro-quente e saí, bebericando a cerveja.

Caminhei ao longo das casas de diversão quietas, imaginando o que fazer. A comunidade cigana era mais fechada a estranhos do que os integrantes da Ku Klux Klan na Geórgia, e sabia que não me ajudaria em nada. Eu tinha de bater pé, andar pelas calçadas até aparecer alguém que se lembrasse de Madame Zora e se dispusesse a falar.

Danny Dreenan parecia ser um bom lugar para começar. Era um trapaceiro aposentado, proprietário de um museu de cera, que conheci em 52, recém-saído da prisão. Os federais tentaram condená-lo por fraude num escândalo de compra de ações, mas os verdadeiros implicados eram dois golpistas de Wall Street, Peavey e Munro. Eu trabalhava para uma terceira parte, também vítima da

dupla, e tive participação na solução do caso. Danny ainda me devia essa.

A Galeria de Cera ficava num prédio estreito, de um único andar, espremido entre uma pizzaria e um fliperama. Letras de carmim anunciavam, na fachada:

VEJA:
SALÃO DOS PRESIDENTES AMERICANOS;
CINQUENTA ASSASSINOS FAMOSOS;
O ASSASSINATO DE LINCOLN E GARFIELD;
DILLINGER NO NECROTÉRIO;
FATTY ARBUCKLE EM JULGAMENTO.
EDUCATIVO! REALISTA! CHOCANTE!

A velha da bilheteria jogava paciência quando me aproximei:

— Danny Dreenan está?

— Lá nos fundos — respondeu a mulher, tirando do monte um curinga de paus. — Está trabalhando numa das vitrines.

— Posso entrar para falar com ele?

— Vai ter que comprar uma entrada, mesmo assim — disse ela, apontando com a cabeça para uma placa de cartolina: INGRESSO, 25 CENTAVOS.

Passei o dinheiro pela grade da janelinha e entrei. O lugar cheirava a esgoto. O teto estava empenado e manchado, o chão de madeira rangia. Manequins petrificados ocupavam as vitrines de ambos os lados.

O salão dos presidentes americanos vinha em primeiro lugar: vários bonecos de feições idênticas, vestidos com o que pareciam ser as sobras do guarda-roupa de alguma peça de teatro de revista. Depois de Franklin Delano Roosevelt vinham os assassinos. Caminhei por entre as fileiras de malfeitores brandindo facas de cortar carne,

escondendo corpos retalhados dentro de baús, no meio de oceanos de tinta vermelha.

Danny Dreenan estava agachado em uma das vitrines. Era um homem pequeno, a quem o nariz arrebitado e o bigode loiro ralo davam a expressão de um rato assustado, acentuada pelo seu hábito de piscar os olhos quando falava.

Danny trabalhava no episódio do assassinato de Albert Anastasia, ocorrido dois anos antes numa barbearia, e cuja encenação consistia em dois encapuzados apontando revólveres para um homem sentado na cadeira do salão, a cabeça envolta em panos, enquanto o barbeiro aguardava calmamente nos fundos da loja.

Bati no vidro. Danny sorriu ao verme; colocou o martelo no carpete, entre um monte de tachinhas, e saiu por uma portinhola na parede da vitrine.

— Olá, Harry — disse ele animadamente, aparecendo de surpresa às minhas costas. — Que acha de minha última obra-prima?

— Parece que estão todos em *rigor mortis*. É Anastasia, não?

— Não pode estar assim tão ruim. Você acertou de cara.

— Passei pelos lados do Park Sheraton ontem. Deve ter refrescado minha memória.

— Será minha grande atração na próxima temporada — disse Danny, piscando nervosamente. — Cadeiras de barbeiro são caras, Harry, e eu não tinha dinheiro para fazer melhoramentos na temporada passada. Mas, já que falou no Sheraton, aquele era um bom lugar para negócios. Sabia que Arnold Rothstein foi morto lá em vinte e oito? A única diferença é que se chamava Park Central naquela época. Venha, tenho uma réplica dele lá na frente; vou mostrar-lhe.

— Da próxima vez, Danny. Os assassinatos reais que presencio já são suficientes.

— É, acho que são. Então, o que o traz por estes lados, como se eu já não soubesse.

— Diga você mesmo, parece que já sabe do que se trata.

Os olhos de Danny pareciam semáforos desregulados:

— Não sei de nada, mas imagino que, se Harry está aqui, deve estar atrás de alguma informação.

— Acertou. É sobre Madame Zora, cartomante que trabalhava aqui na década de quarenta.

— Mas, Harry, você sabe que não posso ajudá-lo nessa. Eu tinha uma espelunca de respeito na Flórida nos anos quarenta. A vida era um mar de rosas para mim nesse tempo.

Peguei um cigarro do bolso e ofereci um a Danny, que recusou.

— Sei que não pode me dizer onde achá-la, mas você já está há um bom tempo por estas bandas. Diga-me onde encontrar quem estava aqui naquela época.

— Deixe-me ver — disse ele, coçando a cabeça. — O problema é que a maioria dos que podiam pagar foi para as Bermudas, ou algum outro lugar; eu mesmo teria saído daqui se não estivesse atolado em dívidas. Se bem que não me queixo: depois do que passei, Brighton é tão bom quanto as Bermudas.

— Deve haver alguém. Você não é o único que está com o negócio aberto.

— Agora que falou, acho que sei quem pode procurar. Há um show de anomalias aqui perto. Normalmente a maioria das pessoas trabalha para algum circo nesta época do ano, mas esses já estão

velhos, semi-aposentados, não tiram férias. Além do que, aparecer em público não é lá muito divertido para eles.

— Qual é o nome do lugar?

— Walter's Congress of Wonders. Pertence a um sujeito chamado Haggarty. Não há como errar: é um sujeito todo tatuado, parece um mapa.

— Obrigado, Danny. Você é um arquivo de informações valiosas.

21

O WALTER S CONGRESS OF WONDERS ficava num prédio baixo decorado por bandeirolas e toscos cartazes representando as várias atrações. Simples como histórias em quadrinhos, mostravam as figuras deformadas com uma inocência que disfarçava sua inerente crueldade.

COMO ELA É GORDA! , dizia o cabeçalho sob o desenho de uma mulher grande como um balão, protegendo a cabeça do tamanho de uma abóbora com um minúsculo guarda-sol. Ao lado dela estavam o homem tatuado, JoJo, o menino com cara de cachorro, e Princesa Sofia, a mulher barbada. As outras atrações eram um hermafrodita, uma garota com serpentes enroladas no corpo e um homem gigantesto. Na bilheteria vazia um cartaz anunciava: ABERTO AOS SÁBADOS E DOMINGOS APENAS. Uma corrente barrava a entrada, como os cordões de camurça dos clubes noturnos. Passei por baixo dela e entrei.

A única iluminação existente vinha de uma luz fraca no teto, suficiente, no entanto, para revelar algumas plataformas repletas de bandeiras arranjadas em ambos os lados da sala deserta. O odor de suor e a tristeza dominavam o ar. Numa das extremidades da sala uma porta fechada, por cujo vão escapava um filete de luz. Fui até lá e bati: — Está aberta — respondeu uma voz. Girei a maçaneta e entrei numa sala grande e nua, mobiliada apenas por sofás de segunda mão e alegres posters circenses. A mulher gorda estava sentada num sofá que, diante

de suas dimensões, parecia uma poltrona. Uma outra mulher, minúscula e de barba escura e crespa, entretinha-se com um quebra-cabeça.

Sob a luz esfumaçada, quatro curiosos seres humanos engajavam-se no ritual do pôquer. Um homem sem pernas nem braços estava acomodado sobre uma grande almofada, segurando as cartas em mãos que saíam diretamente dos ombros, como barbatanas. A seu lado estava o gigante, as cartas reduzidas a selos

nas mãos enormes. O homem tatuado de que me falara Danny era quem dava as cartas:

— Você está ou não jogando? — perguntou ele ao jogador a sua esquerda, um anão enrugado trajando camiseta sem mangas. O homem tatuado tinha tantas figuras no pescoço, ombros e braços que parecia estar usando alguma exótica roupa colante. Suas tatuagens, descoradas e apagadas, eram apenas um carbono borrado do belo trabalho epidérmico que o cartaz anunciava lá fora:

— Sejá lá o que queira nos vender, não estamos precisando — disse ele ao ver minha pasta.

— Não sou vendedor. Nada de apólices de seguro, pode estar certo.

— Então, que diabos você quer, um show de graça?

— Você deve ser o senhor Haggarty. Um amigo meu achou que um de vocês talvez pudesse me fornecer a informação que procuro.

— E quem seria esse amigo? — Perguntou o multicolorido sr. Haggarty.

— Danny Dreenan, dono do museu de cera.

— Sim, conheço Dreenan, um ex-presidiário vagabundo — Haggarty puxou um pigarro e cuspiu-o na cesta de lixo a seus pés, abrindo um sorriso para demonstrar que não tivera a intenção de dizer aquilo. — Qualquer amigo de Danny é também meu amigo. Diga-me o que quer, farei o que estiver a meu alcance para ajudá-lo.

— Posso sentar?

— Esteja à vontade — disse Haggarty, puxando com os pés uma cadeira dobrável que estava sob a mesa. — Sente-se aqui, amigo.

Sentei-me entre Haggarty e o gigante que, em nossa companhia, devia sentir-se como Gulliver entre os liliputianos:

— Procuo uma cartomante cigana chamada Madame Zora. Era uma grande atração daqui, antes da guerra.

— Acho que não conheço — disse Haggarty. — O que me dizem, rapazes?

— Lembro-me de uma cartomante, só que se chamava Moon — disse o homem com barbatanas em lugar de braços.

— Esta era chinesa — grunhiu o gigante. — Casou-se com um leiloeiro e mudou-se para Toledo.

— Por que está procurando por ela? — Haggarty quis saber.

— Ela conhecia um cara que estou tentando encontrar.

— Você é detetive?

Fiz que sim com a cabeça. Negá-lo só pioraria as coisas:

— Tira, hem? — Haggarty cuspiu de novo no lixo. — Não o censuro por isso, todos temos que ganhar a vida.

— De minha parte, nunca tive lá muito estômago com gente que mete o bedelho na vida dos outros — rugiu o gigante.

— Comer detetives te dá indigestão, é? — Zombei.

O gigante resmungou, enquanto Haggarty soltava uma gargalhada, batendo o punho azul e vermelho na mesa e espalhando por todo lado as pilhas de fichas cuidadosamente arrumadas.

— Eu conhecia Zora. — A voz, delicada como porcelana chinesa, era da mulher gorda, Magnólias e madressilvas pareciam florescer no seu tom melodioso. — Ela era tão cigana quanto você.

— Tem certeza?

— Claro que tenho. Al Jolson pintava o rosto de preto, mas isto não fazia dele um negro.

— Onde posso achá-la?

— Não saberia lhe dizer. Não a vejo desde que levantou acampamento e foi embora.

— Quando foi isso?

— Primavera de quarenta e dois. Simplesmente sumiu, da noite para o dia, sem avisar ninguém.

— O que pode me dizer a respeito dela?

— Quase nada. Tomávamos um cafezinho juntas de vez em quando, falávamos sobre o tempo, coisas assim.

— Ela mencionou alguma vez um cantor chamado Johnny Favorite?

A mulher gorda sorriu, como se debaixo de toda aquela banha se escondesse uma garotinha que acabava de ganhar um presente. Estava radiante e cantarolava uma música antiga:

— Ele tinha amígdalas de ouro, não tinha? Para mim era o favorito *mesmo*. Li uma vez na seção de fofocas do jornal que ele havia consultado Zora, mas, quando lhe perguntei a respeito, ela se fechou completamente.

— Não há nada que possa me contar, por mais insignificante que pareça?

— Desculpe, mas não éramos assim tão chegadas. Sabe quem poderia ajudá-lo? O velho Paul Boltz. Era sócio dela naqueles tempos, e ainda mora por aqui.

— Onde posso achá-lo?

— No Steeplechase. É vigia de lá. — A mulher gorda começou a se abanar com uma revista de cinema. — Haggarty, por que não faz alguma coisa com o vapor desse aquecedor? A sala está fervendo. Estou quase derretendo.

— Se isso acontecesse — retrucou Haggarty rindo —, você se tornaria o maior pudim do mundo.

22

O CALÇADÃO e a praia de Brighton estavam desertos. No local onde, no verão, multidões se acotovelavam ao sol, suando, apenas uns poucos lixeiros se aventuravam, procurando garrafas de refrigerante na areia. O Atlântico, ao fundo, tinha cor de ferro fundido, e ondas surgiam na rebentação como salpicos de chumbo.

O Parque Steeplechase ocupava uma área de dez hectares. O Salto de Pára-quedas, herança da Feira Mundial de 39, se sobressaía diante do gigantesco pavilhão envidraçado do parque. Uma placa na entrada retratava o rosto do fundador do lugar, George C. Tilyou, sorrindo zombeteiro sob os dizeres O LUGAR DA DIVERSÃO. Nessa época do ano, o Steeplechase era tão engraçado quanto uma piada insossa, e eu fiquei olhando para o sorridente sr. Tilyou, indagando-me qual o motivo de tanto riso.

Havia uma falha na cerca de arame que rodeava o local. Passei por ela e bati no vidro perto da entrada principal. O barulho ecoou fantasmagoricamente pelo parque de diversões vazio. Acorde, velho! E se fossem ladrões prestes a surrupiar o Salto de Pára-quedas?

Comecei a rondar a vasta estrutura, batendo no vidro com a palma da mão. De repente, dei de cara com o cano de um revólver, um Colt 38 Especial, que de meu ângulo de visão mais parecia um canhão. Segurando a arma estava um velho vestindo um uniforme marrom. Seus olhos vespug, puxados, estavam fixos em mim:

- Você deve ser o senhor Boltz. Paul Boltz.
- Não interessa quem eu sou. Quem é *você*?
- Meu nome é Angel, sou detetive particular. Preciso conversar com você. É sobre um caso no qual estou trabalhando.
- Mostre-me algo que o prove.

Quando fiz menção de pegar a carteira, Boltz bateu com o 38 enfaticamente na fivela de meu cinto.

— Use a mão esquerda.

Passei a pasta para a mão direita e peguei a carteira com a outra mão:

— Jogue-a no chão e dê dois passos para trás.

Fiz o que Boltz mandou. Ele abaixou-se e pegou a carteira, mantendo o revólver o tempo todo contra meu umbigo.

— Esse negócio de detetive honorário não significa coisa alguma. Tenho em casa um pedaço de lata igualzinho a isso.

— Bem, foi você quem pediu para ver.

O vigia de olhos repuxados como os de um porco examinou em silêncio o conteúdo da carteira. Pensei em atacá-lo nessa hora, mas mudei de idéia:

— Ok, você é detetive particular. O que quer de mim?

— Você é Paul Boltz?

— E se for? — Retrucou ele, jogando a carteira a meus pés.

— Olhe, tive um dia duro. Baixe essa arma. Preciso de sua ajuda. Não percebe quando um cara está lhe pedindo um favor?

Ele olhou para o revólver por um instante, como que considerando meu pedido. Então deu de ombros e guardou-o, fazendo questão de mostrar que a aba do coldre estava ainda desabotoada.

— Sou Paul Boltz — admitiu. — O que quer comigo?

— Há algum lugar onde possamos nos proteger de todo esse vento?

Boltz fez um gesto com a cabeça, indicando ser eu quem seguiria na frente. Descemos um pequeno lance de escada, até uma

porta onde se lia ENTRADA PROIBIDA:

— Aqui — disse Boltz —, está aberta.

Nossos passos ressoaram como salvas de canhão no pavilhão vazio. O lugar era grande o bastante para abrigar dois hangares, sobrando ainda espaço para meia dúzia de quadras de basquete. A maioria dos brinquedos era antiga, não mecanizada. A distância, um escorregador sinuoso lembrava uma queda-d'água de mogno. Um tobogã, "O Redemoinho", descia do teto, em espiral, desaguando na "Piscina Humana", uma série de discos giratórios construídos no chão de madeira dura. Paramos diante de uma fileira de espelhos, daqueles que distorcem as imagens:

— Ok, abelhudo. Desembuche.

— Estou procurando uma cartomante cigana chamada Madame Zora. Pelo que sei você trabalhou para ela há algum tempo.

A risada engrossada por pigarros ecoou pelo pavilhão, subindo até as vigas repletas de lâmpadas, como o latido de uma foca amestrada:

— Amigo, você não vai muito longe desse jeito.

— Por que não?

— Por que não? Para começo de conversa, ela não era cigana.

— Ouvi algo a respeito, mas não tinha certeza.

— Bem, eu tenho certeza. Não lhe disseram que conheço tudo a respeito dela?

— E então...

— Indo direto ao ponto: ela não era cigana, nem se chamava Zora. Acabei descobrindo que era uma grã-fina, uma debutante da Park Avenue.

Eu parecia ter sido atingido por um coice de mula. Demorou um pouco até que recobrasse a fala:

— Sabe o nome verdadeiro dela?

— O que pensa que eu sou? Não disse que sabia de tudo a respeito dela? Chamava-se Krusemark. Seu pai tinha mais barcos que a Marinha britânica.

Meu reflexo alongou-se como o homem-borracha na superfície ondulada do espelho:

— Quando a viu pela última vez?

— Primavera de quarenta e dois. Ela simplesmente sumiu. Deixou-me segurando sozinho a bola de cristal, é o que se pode dizer.

— Alguma vez a viu com um cantor chamado Johnny Favorite?

— Claro, várias vezes. Ela estava gamada nele.

— Ela nunca lhe falou a respeito de Favorite?

— Poder.

— O quê?

— Ela dizia que ele tinha poder.

— E isso é tudo?

— Olhe, nunca dei muita atenção a esse tipo de coisa; para mim era só um meio de ganhar dinheiro fácil, enganando os trouxas — confessou Boltz, pigarreando. — Ela não; acreditava naquilo.

— E Favorite?

— Acreditava também. Podia-se ver em seus olhos.

— Voltou a vê-lo?

— Nunca. Talvez tenha voado para a lua em seu cabo de vassoura, não me importa. Nem ela, tampouco.

— Ela alguma vez mencionou um pianista negro chamado Toots Sweet?

— Nunca.

— Há mais alguma coisa de que se lembre?

— Por que deveria? — Perguntou Boltz, cuspidando no chão. — Já apaguei aqueles dias da memória há muito tempo.

Não havia mais o que fazer ali. Boltz acompanhou-me até a saída, destrancando o portão. Após alguma hesitação, dei-lhe um dos cartões da Crossroads, pedindo-lhe que ligasse caso aparecesse algo importante. Ele não disse que o faria, mas também não rasgou o cartão.

Tentei ligar para Millicent Krusemark da primeira cabine telefônica que encontrei, mas não obtive resposta. Melhor assim: eu tivera um longo dia, e mesmo detetives precisam de descanso. No caminho de volta a Manhattan, parei num restaurante de frutos do mar. Depois de salmão defumado com vinho branco gelado, a vida não mais parecia um passeio num barco de vidro pelos esgotos da cidade.

23

TOOTS SWEET foi matéria da terceira página do *Daily News*. A arma do crime não era mencionada no que foi chamado de SELVAGEM ASSASSINATO VODU. Havia uma foto dos rabiscos na parede e outra de Toots tocando piano. O corpo fora descoberto pelo guitarrista do trio, que passara para levar o chefe ao trabalho. O músico foi dispensado após interrogatório e não havia suspeitos, apesar de todos no Harlem saberem que Toots era membro antigo de um culto secreto de vodu.

Li o jornal no metrô, tendo deixado o Chevy perto do Hotel Chelsea. Minha primeira parada foi na Biblioteca Pública, onde, após alguns percalços, consegui obter uma lista telefônica atualizada de Paris. Havia uma M. Krusemark na Rua Notre des Champs. Anotei o número em meu caderninho.

A caminho do escritório sentei-me num banco do Parque Bryant tempo suficiente para fumar, um atrás do outro, três cigarros, e repassar os eventos recentes. Senti-me como alguém perseguindo uma sombra. Johnny Favorite envolvera-se num submundo maluco de vodu e magia negra, levando, fora dos palcos, uma vida secreta, com crânios na mala e noivas cartomantes. Ele era um iniciado, um *hunsi-bosal*. Toots Sweet foi morto por ter dado com a língua nos dentes; o dr. Fowler também fazia parte daquilo, de alguma forma. Johnny Favorite projetava uma longa, longa sombra.

Era quase meio-dia quando cheguei à Crossroads. Abri a correspondência e encontrei um cheque de quinhentos dólares da McIntosh, Winesap and Spy, que separei antes de jogar o resto no lixo. Liguei para o telefone de recados: nada, embora uma mulher que se recusou a deixar nome ou número tivesse chamado três vezes naquela manhã.

O passo seguinte foi tentar contatar Margaret Krusemark em Paris, mas a telefonista nada conseguiu em vinte minutos de tentativas. Disquei para Herman Winesap em Wall Street e agradei

pelo cheque. Ele perguntou-me como ia o caso. Respondi que ia bem, mencionando o desejo de entrar em contato com o sr. Cyphre. Winesap disse que o encontraria à tarde para tratar de negócios e lhe daria meu recado.

Eu estava tentando vestir o sobretudo quando o telefone tocou. Era Epiphany Proudfoot, e parecia estar sem fôlego:

— Tenho de vê-lo imediatamente.

— Por quê?

— Não quero falar por telefone.

— Onde está agora?

— Na loja.

— Não se apresse. Estou saindo para comer alguma coisa. Encontro você aqui à uma e quinze. Sabe como chegar?

— Tenho seu cartão.

— Ótimo. Vejo-a em uma hora.

Ela desligou sem se despedir.

Antes de sair guardei o cheque de Winesap no cofre. Estava diante dele, de joelhos, quando ouvi o barulho da porta automática na ante-sala. Clientes são sempre bem-vindos, é por isso que a palavra ENTRE está pintada na porta da frente sob o nome da firma. Mas clientes geralmente batem na porta do escritório interno: quando alguém entra de sopetão, sem bater, é sinônimo de tira ou confusão. Ou ambos.

Desta vez era um policial à paisana, usando uma capa de gabardine amarrotada, sapatos gastos e calça de pele de cabra curtas demais, deixando à mostra um par de meias brancas:

— Você é Angel?

— Ele mesmo.

— Sou o tenente-detetive Sterne. Este é meu parceiro, sargento Deimos — disse o policial, meneando a cabeça em direção à porta onde estava seu colega, um sujeito barrigudo, com cara de poucos amigos e vestido como um carregador de sacos das docas, quepe de lã e jaqueta xadrez de lenhador. Apesar de estar barbeado, sua barba era tão escura que parecia pólvora queimada sob a pele.

— Em que posso ajudá-los, cavalheiros?

— Respondendo a algumas perguntas — Sterne era alto, tinha a mandíbula saliente e o nariz como a ponta de um furador de gelo. O rosto se projetava agressivamente para a frente e seus lábios mal se moviam quando falava.

— Com muito prazer. Eu estava saindo para almoçar. Se importariam de me acompanhar?

— Podemos conversar melhor aqui — retrucou Sterne, enquanto seu parceiro fechava a porta.

— Por mim, tanto faz — dei a volta por trás da escrivaninha e peguei uma garrafa de uísque canadense e meus charutos. — Esta é toda a hospitalidade que posso oferecer. Os copos de plásticos estão em cima do filtro.

— Nunca bebo em serviço — disse Sterne, pegando alguns charutos.

— Bem, não se importem comigo. Estou no meu horário de almoço. — Levei a garrafa até o filtro, enchendo o copo pela metade e adicionando um dedo de água. — Saúde!

— Onde estava na manhã de ontem por volta das onze? — Perguntou Sterne, guardando os charutos no bolso.

— Em casa, dormindo.

— Decerto é um grande negócio trabalhar por conta própria — disse Sterne com o canto da boca para Deimos, que respondeu com um grunhido. Por que diabos você dorme enquanto o resto do mundo trabalha, Angel?

— Trabalhei até tarde anteontem.

— E pode me dizer onde?

— No Harlem. O que significa tudo isso, tenente?

— Reconhece? — perguntou Sterne, mostrando-me algo que tirou do bolso de sua capa.

— É um de meus cartões comerciais.

— Talvez você pudesse explicar como foi achado no apartamento da vítima de um assassinato.

— Toots Sweet?

— Fale-me a respeito. — Sterne sentou na beirada da escrivaninha, empurrando a aba do chapéu cinza para trás.

— Não há muito o que contar. Sweet foi a razão de minha ida ao Harlem: estou trabalhando num caso para o qual precisava vê-lo. Não consegui muita coisa com ele, o que já esperava. Dei-lhe o cartão para a eventualidade de lembrar-se de alguma coisa.

— Está muito fraco, Angel. Tente de novo.

— Tudo bem. É um caso de desaparecimento, a parte em questão evaporou há mais de doze anos. Uma das poucas pistas que eu tinha era uma foto antiga do cara posando com Toots Sweet, por isso fui ter com ele na noite retrasada. Toots deu uma de inocente no começo, quando conversei com ele no Red Rooster, e por essa razão eu o segui quando ele deixou o bar, indo a algum tipo de cerimônia vodu lá pelos lados do Meer. Eles dançaram e mataram uma galinha. Senti-me como um turista.

— Quem são "eles"? — Indagou Sterne.

— Cerca de quinze homens e mulheres, todos de cor. Nunca os vira antes, exceto Toots.

— O que fez depois disso?

— Nada. Toots deixou o parque sozinho. Eu o segui até sua casa e forcei-o a contar a verdade. Ele disse que não vira o sujeito que eu procurava desde que a foto fora tirada. Dei-lhe meu cartão e pedi que me ligasse caso lembrasse de alguma coisa. Melhorou?

— Não muito — comentou Sterne olhando para as unhas grossas com desinteresse. — O que usou para fazê-lo falar?

— Psicologia.

Sterne arqueou as sobrancelhas, olhando com o mesmo desinteresse antes dispensado às unhas-

— Quem é então a parte em questão? O que deu no pé?

— Não posso dar-lhe esta informação sem o consentimento de meu cliente.

— Não me venha com essa, Angel. Você não poderá fazer muito pelo seu cliente estando na delegacia, e é para lá que vou levá-lo se não quiser colaborar.

— Por que radicalizar desse modo, tenente? Estou trabalhando para um advogado chamado Winesap, o que me garante o mesmo direito à privacidade que ele possui. Se você me trancafiasse, eu estaria fora da cadeia em uma hora. Poupe gasolina.

— Qual é o telefone do tal advogado?

Anotei o número numa página do bloco, entregando a Sterne:

— Disse-lhe tudo o que sabia. Ao que parece, algum dos companheiros de macumba de Toots deu cabo dele. Se pegarem alguém, terei muito prazer em fazer o reconhecimento.

— É muita bondade sua, Angel — retrucou Sterne com sarcasmo.

— O que é isso? — Agora era a vez do sargento Deimos, que estivera xeretando pelo escritório. A pergunta era relativa ao diploma de Direito na Universidade de Yale, emoldurado na parede sobre o fichário, que pertencera a Cavalero.

— É um diploma de Direito. Pertencia ao cara que come çou esse negócio. Ele já morreu.

— Sentimental? — murmurou Sterne com os lábios fechados, como um ventríloquo.

— Dá um toque de classe.

— O que está escrito nele? — perguntou Deimos.

— Agora você me pegou. Não entendo coisa alguma de latim.

— Então isso é latim.

— É. Latim.

— Que diferença faria se fosse hebraico? — perguntou Sterne. Deimos deu de ombros.

— Mais alguma pergunta, tenente?

Sterne novamente lançou-me seu olhar desconfiado de tira. Podia-se ver em seus olhos que ele nunca sorria; estava apenas fazendo seu trabalho.

— Nenhuma. Você e seu "direito à privacidade" podem ir almoçar agora. Talvez eu volte a entrar em contato com você, mas

não precisa ficar preocupado. É só outro pobre coitado assassinado. Ninguém liga a mínima.

— Se precisar, telefone.

— Pode ficar certo disso. Ele é um verdadeiro cavalheiro, não é, Deimos?

Nos esprememos, os três, no minúsculo elevador e descemos sem trocar uma única palavra.

24

A CASA DE Carnes Goug ficava na rua 43, do lado oposto ao Edifício Times. O lugar estava lotado quando entrei, mas consegui sentar-me a um canto do balcão. Eu tinha pouco tempo, por isso pedi um rosbife e uma garrafa de cerveja inglesa. O serviço foi rápido, apesar da multidão, e eu acabara de comer o rosbife quando Walt Rigler me viu e veio conversar:

— O que o traz a este antro de escrevinhadores, Harry? — gritou ele em meio ao blablablá jornalístico reinante. — Pensei que você comesse no Douney's.

— Tento não me tornar um escravo do hábito.

— Soa filosófico. Então, como vão as coisas?

— Mais ou menos na mesma. Obrigado por deixar-me ver a ficha do obituário. Estou lhe devendo essa.

— Esqueça. Como anda seu pequeno mistério? Desenterrou algo interessante?

— Mais do que gostaria. Pensei que tinha uma pista quente ontem. Fui ver a filha do armador, mas peguei a Krusemark errada.

— O que quer dizer com "peguei a Krusemark errada"?

— Há uma bruxa e uma fada. A que eu queria ver mora em Paris.

— Não estou entendendo, Harry.

— São duas gêmeas: Margaret e Millicent, as sobrenaturais garotas Krusemark.

— Alguém está te enganando, amigo — disse Walt, coçando a nuca e franzindo o cenho. — Margaret Krusemark é filha única.

Engasguei com a cerveja:

— Tem certeza disso?

— Claro que tenho. Dei uma checada nisso para você ontem; tive a história da família sobre a mesa a tarde inteira. Krusemark teve uma filha com a esposa. Apenas uma, Harry. O *Times* não comete erros no departamento de estatísticas vitais.

— Que otário eu fui!

— Nada a acrescentar com relação a isso.

— Devia ter percebido que ela estava me fazendo de bobo. Estava tudo certinho demais.

— Calma, chapa, não estou entendendo, vá mais devagar.

— Desculpe, Walt, só estava pensando alto. É uma e cinco em meu relógio, é isso mesmo?

— É

— Tenho de correr — expliquei, levantando-me e deixando o troco no balcão.

— Não quero atrasá-lo — disse Walt, com seu sorriso torto.

Epiphany Proudfoot estava esperando na ante-sala do escritório quando cheguei, alguns minutos mais tarde. Vestia saia xadrez e suéter de casimira e parecia uma colegial.

— Desculpe, eu me atrasei.

— Não precisa se desculpar, eu é que cheguei cedo demais — disse ela, pondo de lado um número bastante folheado do *Sports Illustrated* e descruzando as pernas. Mesmo a cadeira de segunda mão da ante-sala parecia diferente, com Epiphany sentada nela.

Destranquei a porta da divisória de vidro fosco, mantendo-a aberta:

— Por que queria me ver?

— Isto não é o que se pode chamar de escritório — censurou ela, enquanto pegava da mesa a bolsa e o casaco apontando para minha coleção de revistas velhas. — Você não deve ser um detetive assim tão bom.

— Tento não gastar muito com despesas operacionais — retruquei, introduzindo-a em minha sala. — Ou você paga pelo trabalho ou paga para manter a decoração — completei, fechando a porta e pendurando o casaco.

Ela ficou à janela, perto das letras douradas, olhando a rua:

— Quem lhe está pagando para procurar Johnny Favorite? — foi a pergunta que ela dirigiu ao próprio reflexo no vidro.

— Não posso dizer-lhe. Uma das características do meu tipo de serviço é a discrição. Não quer sentar-se? — Peguei seu casaco e pendurei ao lado do meu, enquanto ela se sentava graciosamente na cadeira de estofado de couro diante da mesa, o único lugar confortável em todo o escritório. — Ainda não respondeu a minha pergunta — insisti, recostando-me na cadeira giratória. — Por que veio até aqui?

— Edison Sweet foi assassinado.

— Sei disso, leio os jornais. Mas você não deveria estar assim tão surpresa. Foi obra sua.

— Você deve estar fora de si — indignou-se ela, apertando a bolsa contra o colo.

— Talvez. Mas não sou idiota: você era a única pessoa a par de meus contatos com Toots. Só você poderia dar o serviço para os caras que mandaram o pé de galinha embrulhado para presente.

— Está enganado.

— Estou?

— Olhe, depois que você deixou a loja, liguei para meu sobrinho, que mora no quarteirão do Red Rooster e foi ele quem escondeu o pé de galinha no piano. Toots era um matraca, precisava sempre que alguém o lembrasse de manter a boca fechada.

— Fez um bom trabalho. A boca dele vai ficar bem fechada de agora em diante.

— Acha que eu viria vê-lo se tivesse alguma coisa a ver com o assassinato?

— Diria que você é uma garota talentosa, Epiphany. Sua performance no parque foi bastante convincente.

Epiphany mordeu o nó do dedo e franziu a testa, remexendo-se na cadeira. Parecia uma gazeteira pega em flagrante pelo diretor da escola. Se estivesse só encenando, tinha mesmo talento.

— Não tem o direito de ficar me espionando — disse ela, sem olhar para mim.

— O Departamento de Manutenção de Parques e a Sociedade Protetora dos Animais não concordariam com você. Religiãozinha bastante sangrenta, a sua.

— Obeah não precisa crucificar homem algum — reagiu ela, lançando-me um olhar penetrante, furioso. — Nunca houve uma Guerra Santa Obeah ou uma Inquisição Obeah!

— Sim, claro. Você matou o galo para fazer canja, certo? — Provoquei, acendendo um cigarro e soprando a fumaça para o alto. — Mas não são galos mortos que me preocupam, são pianistas mortos.

— Não acha que eu também esteja preocupada? — Perguntou Epiphany, curvando-se para a frente, o que fez os bicos de seus seios juvenis enrijecerem contra as finas dobras do suéter. Ela era um pedaço de mau caminho, como costumavam dizer, e era fácil imaginar-me derrapando em suas curvas morenas.

— Não sei o que pensar. Você me liga dizendo que tem de me ver imediatamente. Agora que está aqui, age como se estivesse me fazendo um favor.

— Talvez seja isso mesmo — disse, recostando-se de novo na cadeira e cruzando as pernas compridas, que tampouco eram de se jogar fora. — Você aparece procurando por Johnny Favorite e no dia seguinte um homem é assassinado. Não é apenas coincidência.

— O que é então?

— Olhe, os jornais estão fazendo muito barulho: vodu é isso, vodu é aquilo, mas posso lhe assegurar que a morte de Toots Sweet nada teve a ver com Obeah, absolutamente nada.

— Como pode estar tão certa?

— Viu as fotos nos jornais? — Assenti com a cabeça, e ela continuou: — Então sabe que eles estão chamando aqueles malditos rabiscos na parede de símbolos vodus. — Diante de outra aquiescência silenciosa, Epiphany completou: — Bem, os tiras sabem tanto de vodu quanto de melancias! Aqueles sinais foram feitos para parecer com *vévé*, mas não são.

— O que é *vévé*?

— Símbolos mágicos. Não posso explicar seu significado a um não-iniciado, mas aquele lixo sangrento tem tanto a ver com *vévé* de verdade quanto Papai Noel tem com Jesus. Sou uma mambo há anos. Sei do que estou falando.

— Estou certo de que sabe, Epiphany — disse, apagando o cigarro num cinzeiro do Clube Stork, recordação de um antigo caso amoroso. — Está dizendo que as marcas são falsificações?

— Nem tanto falsas, mas sim erradas. Não sei como explicar; talvez seja o mesmo que alguém descrever um jogo de tênis insistindo em dizer que um erro no primeiro saque dá o ponto ao oponente. Entende o que quero dizer?

Dobrei o exemplar do News na página três, segurando-o de modo que Epiphany pudesse ver as fotos. Apontei para os ziguezagues, espirais e cruzeiras quebradas, perguntando:

— Você diz que eles se parecem com desenhos vodus, *vévé* ou seja lá o que for, mas são usados incorretamente.

— É isso. Vê aquele círculo, aquele com a serpente engolindo o próprio rabo? É Damballah, símbolo da perfeição geométrica do Universo. É *vévé*, com certeza, mas nenhum iniciado o pintaria ao lado de Babako, como está aí.

— Então, quem quer que tenha feito estes desenhos sabia pelo menos como representar Damballah e Babako?

— É o que venho tentando lhe dizer. Sabia que Johnny Favorite esteve envolvido com Obeah?

— Sei que ele era um *hunsi-bosal*.

— Toots tinha mesmo uma boca grande. O que mais você sabe?

— Apenas que Favorite estava de caso com sua mãe nessa época.

Epiphany fez uma careta, como alguém experimentando algo azedo.

— É verdade — confessou, balançando a cabeça como que para negar o que dizia. — Johnny Favorite era meu pai.

Retesei-me, agarrando os braços da cadeira, estupefato com sua revelação.

— Há mais alguém que saiba disso?

— Ninguém, a não ser você, eu e mamãe, e ela está morta.

— E Johnny Favorite?

— Ele nunca soube. Já estava longe com o Exército muito antes de eu completar um ano. Falei a verdade quando disse que não o conhecia.

— Por que está me contando isso agora?

— Estou com medo. Há algo na morte de Toots que tem a ver comigo. Não sei como ou por que, mas posso senti-lo bem dentro de mim mesma.

— E acha que Johnny Favorite também está envolvido?

— Não sei nem o que pensar, a cabeça pensante aqui é você. Imaginei que devesse saber, talvez possa ajudá-lo.

— Talvez. Se ainda está me escondendo alguma coisa, agora é a hora de falar.

Epiphany olhou para as mãos entrelaçadas-.

— Não tenho mais nada a dizer — decidiu, levantando-se, muito brusca e segura de si. — Vou embora, você certamente tem trabalho a fazer.

— É o que estou fazendo neste exato momento — respondi, erguendo-me.

— Espero que tenha dito a verdade há pouco, quando falou sobre discrição.

— Tudo o que me contou permanecerá estritamente confidencial.

— Assim espero — desejou ela, sorrindo. Era um sorriso genuíno e sem a intenção de provocar algum efeito. — De qualquer modo, embora contra todas as evidências, confio em você.

— Obrigado — agradei, dando a volta à mesa, quando ela abriu a porta.

— Não se preocupe, posso achar a saída sozinha.

— Tem meu número?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Ligo se souber de alguma coisa.

— Se isso não acontecer, ligue assim mesmo.

Ela concordou novamente com a cabeça e saiu. Fiquei onde estava, imóvel, até ouvir o som da porta da frente se fechando. Em três passos peguei' minha pasta, casaco e tranquei o escritório. Antes de sair, encostei o ouvido à porta, esperando Epiphany pegar o elevador. O corredor estava vazio. Os únicos sons eram os de Ira Kipnis, somando uma devolução atrasada de imposto e o depilador elétrico de Madame Olga, removendo pêlos indesejáveis. Corri até a escada de incêndio e fui descendo de três em três degraus.

25

GANHEI DO ELEVADOR por pelo menos quinze segundos, e esperei na escada, com a porta corta-fogo entreaberta, até Epiphany passar por mim, em direção à rua. Segui-a de perto — ela dobrou a esquina e entrou no metrô.

Pegou a linha sentido centro-bairro. Entrei no carro de trás e, assim que o trem começou a se mover, saí e me postei na plataforma de metal sobre o engate dos vagões, de onde podia vê-la através do vidro, sentada muito ereta, com os joelhos bem juntos, olhando para os anúncios sobre as janelas. Desceu dois pontos depois, na estação da Praça Colombo.

Tomou o rumo leste, caminhando ao longo da parte sul do Central Park, passando pelo Memorial Maine e sua carruagem puxada por cavalos-marinhos. Havia poucos pedestres, mas eu fiquei longe o suficiente para não ouvir seus saltos baterem nas pedras hexagonais do asfalto que ladeava o parque.

Pegou a Sétima Avenida em direção ao centro. Na esquina da Rua 57, foi parada por uma senhora carregando uma pesada sacola de compras, e eu esperei na entrada de uma loja de *lingerie* enquanto ela dava instruções, apontando para trás em direção ao parque, sem me ver.

Quase a perdi de vista quando ela atravessou correndo as duas pistas da avenida momentos antes de o semáforo abrir. Fiquei retido do outro lado, mas Epiphany diminuiu o passo para observar o número das lojas localizadas ao lado do Carnegie Hall. Antes mesmo que o sinal de pedestres abrisse, vi quando ela, já na outra esquina, parou e entrou num prédio. Eu já sabia o endereço: 881, Sétima Avenida. Era onde morava Margaret Krusemark.

No saguão, a seta de latão sobre o elevador da direita alcançou o décimo primeiro andar, enquanto seu gêmeo da esquerda descia, desembarcando no térreo um quarteto de cordas completo, carregando os estojos de seus instrumentos. Um menino de

entregas com uma caixa de papelão sobre os ombros era o único a subir, e desceu no quinto andar. Pedi ao ascensorista que me deixasse no nono.

Subi a escada até o andar de Margaret Krusemark, deixando para trás o ritmo frenético de uma aula de sapateado. A mesma soprano cantava, subindo e descendo de tom, quando atravessei o corredor deserto até a porta com o símbolo de escorpião.

Abri minha pasta sobre o tapete gasto. Vários papéis e formulários davam um ar formal ao suporte sanfonado na parte de cima; mas no fundo falso eu guardava meus instrumentos de trabalho. Uma camada de espuma de poliuretano mantinha as coisas no lugar, ou seja, um jogo de ferramentas de arrombamento, microfone e minigravador, binóculo, uma máquina para fotografar documentos, uma coleção de chaves mestras que me custaram quinhentos dólares, algemas niqueladas e um Smith & Wesson 38 carregado.

Peguei o microfone e preendi ao fone de ouvido. Era uma bela peça: quando encostasse o microfone na superfície da porta, ouviria tudo o que estivesse acontecendo no apartamento. Se aparecesse alguém, poderia colocar o microfone no bolso da camisa, e o fone de ouvido ficaria parecendo um aparelho contra surdez.

Mas isso não foi necessário: apenas o trinado da soprano ecoava no corredor vazio, junto com distantes lições de piano. Dentro do apartamento, ouvi a voz de Margaret Krusemark:

— Não éramos grandes amigas, mas eu tinha grande respeito por sua mãe. — A resposta abafada de Epiphany era inaudível. A astróloga continuou: — Encontrei-a várias vezes antes de você nascer. Era uma mulher poderosa.

— Quanto tempo durou seu noivado com Johnny? — perguntou Epiphany.

— Dois anos e meio. Creme ou limão, querida?

Hora do chá, de novo. Epiphany escolheu limão e disse:

— Minha mãe e ele foram amantes durante todo esse tempo.

— Cara criança, acha que eu não sabia disso? Johnny e eu não tínhamos segredos.

— Foi por isso que vocês dois acabaram?

— Nosso noivado era exclusivamente para consumo da imprensa. Tivemos nossas próprias razões para anunciar que ele acabara. Na verdade, nunca estivemos tão próximos como durante os últimos meses antes de Johnny ir para a guerra. Nosso relacionamento era peculiar, não o nego, mas espero que você seja sofisticada o bastante para não levar em consideração convenções burguesas. Sua mãe certamente nunca se importou com elas.

— O que poderia ser mais burguês que um *ménage à trois*?

— Não era um *ménage à trois*! No que acha que estávamos envolvidos? Algum clubezinho sexual secreto?

— Pode ter certeza de que não tenho a menor idéia a respeito do que vocês faziam; mamãe jamais me falou de você.

— E por que deveria? Para ela, Jonathan estava morto, e ele era tudo o que nos ligava uma à outra.

— Mas ele não está morto.

— Como sabe?

— Eu sei.

— Alguém esteve perguntando coisas a respeito de Jonathan? Responda-me, menina, nossas vidas podem depender disso.

— Como assim?

— Isso agora não vem ao caso. Alguém andou perguntando sobre ele, não andou?

— Sim.

— Como era essa pessoa?

— É só um homem, de aparência comum.

— Robusto? Não exatamente gordo, mas um pouco acima do peso? Desleixado? Quero dizer, não cuida muito da aparência, tem um terno azul amarrotado e sapatos que precisam de uma escovada. Bigode preto, cheio, cabelo bem aparado começando a ficar grisalho?

— Olhos azuis, bondosos. É a primeira coisa que se nota.

— Ele disse que se chamava Angel? — A voz de Margaret Krusemark traía uma urgência extrema.

— Sim. Harry Angel.

— O que ele quer?

— Encontrar Johnny Favorite.

— Por quê?

— Não me disse a razão. É detetive.

— Um policial?

— Não, detetive particular. O que significa tudo isso?

Houve um leve tilintar de porcelana antes da intervenção seguinte de Margaret Krusemark:

— Não estou bem certa. Ele já esteve aqui; não disse que era detetive, fez-se passar por um cliente. Sei que isto vai parecer muito grosseiro, mas devo pedir-lhe que vá agora. Eu mesma tenho que sair. Receio que seja urgente.

— Acha que corremos perigo? — perguntou Epiphany assustada, mal conseguindo pronunciar a última palavra.

— Não sei o que pensar. Se Jonathan está de volta, tudo pode acontecer.

— Um homem foi morto no Harlem ontem — disse Epiphany, impulsivamente. — Era meu amigo. Conhecia mamãe e Johnny também. Angel andou lhe fazendo perguntas.

Uma cadeira foi arrastada no chão de madeira.

— Tem que ir agora — disse Margaret Krusemark. — Venha, pegarei seu casaco e desceremos juntas.

Ouvi o som dos passos se aproximando. Tirei o microfone da porta e arranquei o fone de ouvido, enfiando-os no bolso do casaco. Corri através do longo corredor, com a pasta debaixo do braço. Apoiando-me no corrimão, desci a escada de incêndio, quatro ou cinco degraus de cada vez.

Seria arriscado demais esperar pelo elevador no nono andar, era muito provável que eu desse de cara com as duas mulheres, por isso desci pela escada de incêndio até o saguão vazio. Parei, ofegante, apenas o tempo suficiente para checar os indicadores sobre os elevadores. O da esquerda estava subindo, o outro descia. Em ambos os casos, elas estariam no térreo em instantes.

Corri até a calçada, driblando o tráfego na Sétima Avenida e me escondi perto da entrada do Edifício Osborn, o peito chiando como alguém que sofre de enfisema pulmonar. Uma simpática governanta passou empurrando um carrinho de bebê, sorrindo e balançando a cabeça como se estivesse diante de uma criança peralta.

26

EPIPHANY E MARGARET KRUSEMARK saíram juntas do prédio e andaram meio quarteirão até a Rua 57. Eu as segui, pelo outro lado da rua. Na esquina, Krusemark beijou Epiphany carinhosamente no rosto, como uma tia solteirona despedindo-se da sobrinha favorita.

Quando o semáforo fechou, Epiphany começou a atravessar a avenida, vindo em minha direção, enquanto Margaret

Krusemark acenava freneticamente em busca de um táxi. Aproveitei para pegar um que passava a minha frente com a luz do teto acesa, entrando nele antes de ser visto por Epiphany

— Para onde, senhor? — perguntou um chofer de cara redonda. enquanto acionava o taxímetro.

Gostaria de ganhar o dobro do que marcar aí o seu taxímetro?

— O que tem em mente?

— Quero que siga alguém. Pare um instante em frente à Casa de Chá Russa. — Ele fez o que lhe pedi, depois virou-se no banco e ficou olhando para mim. Mostrei-lhe o distintivo de inspetor honorário. — Vê a senhora com casaco de *tweed* que acaba de pegar o táxi em frente ao Carnegie Hall? Não a perca de vista.

— Vai ser como tirar doce de uma criança.

O outro táxi fez um retorno abrupto na 57. Fizemos a mesma manobra, discretamente, e mantivemos meio quarteirão de distância enquanto eles seguiam para o centro. O motorista sorriu quando nossos olhares se cruzaram no espelho retrovisor:

— O dobro, é o que você prometeu, não?

— Contanto que não nos vejam.

— Estou há tempo demais nesta vida para deixar isso acontecer.

Continuamos descendo a Sétima Avenida até a Times Square, passando em frente a meu escritório antes que o outro táxi virasse à esquerda e rumasse para leste pela Rua 42. Manobrando com mestria por entre o tráfego, nos mantivemos próximos sem despertar suspeitas, embora o motorista tivesse de se esforçar um pouco para transpor um sinal vermelho na Quinta Avenida, quando parecia que ficaríamos para trás.

Havia muito congestionamento nos dois quarteirões entre a Quinta e a Grand Central, e o tráfego diminuiu a marcha, chegando quase a parar.

— Devia ter visto isto aqui ontem — comentou o taxista. — Parada do Dia de São Patrício. Ficou entupido a tarde inteira.

O carro de Margaret Krusemark entrou na Avenida Lexington, parando em frente ao Edifício Chrysler. A luz do teto acendeu-se. Ela estava saltando ali.

— Aqui está bom — disse eu, e paramos em frente ao Edifício Chanin. O taxímetro marcava um dólar e meio. Dei se te dólares ao chofer, deixando que ficasse com o troco. Ele merecia.

Quando comecei a subir a Avenida Lexington, o outro táxi já se fora e Margaret Krusemark não estava à vista. Não tinha importância. Eu sabia para onde ela estava indo. Pas sando pela porta giratória, chequei o quadro de informações no salão angular de mármore e cromo do Edifício Chrysler. A Estaleiros Krusemark ficava no andar 44.

Só após ter saído do elevador é que mudei de idéia quanto a confrontar-me com os Krusemark. Era muito cedo para abrir o jogo, ainda que eu não tivesse nenhum grande trunfo na manga. A filha descobriu que eu estava atrás de Johnny Favorite e correu direto para o pai. Qualquer que fosse o assunto entre os dois, era algo importante, senão Margaret te ria ligado. Eu estava pensando em quanto daria para escutar aquela conversa em família quando avistei um limpador de janelas atravessando o corredor. Era um homem careca, de meia-idade, com o nariz amassado de ex-boxeador.

Caminhava pelo corredor assobiando fora de tom o grande sucesso do último verão, *Volare*, vestindo um macacão sujo, cinza, arrastando os arreios de sustentação com um par de suspensórios caídos.

— Só um minuto, companheiro — disse, e ele parou no meio de uma nota, olhando para mim ainda com um bico nos lábios, como alguém à espera de um beijo. — Aposto que não sabe de quem é a efígie na nota de cinquenta.

— O que é isso? “Sorria, você está na TV” ?

— De jeito nenhum. Estou apenas apostando que não sabe de quem é a cara na nota de cinquenta dólares.

— Ok. Espertinho: é Thomas Jefferson.

— Errou.

— E daí? Grande coisa, O que quer, afinal?

Peguei a carteira e retirei uma nota de cinquenta dólares que deixo separada para emergências ou eventuais subornos, segurando-a para que ele pudesse ver o nome escrito:

— Pensei que você talvez gostasse de saber

O limpador de janelas pigarreou e piscou

— Quanto você ganha? Vamos, diga. Não é segredo, é?

— Quatro dólares e meio por hora, graças ao sindicato

— O que acharia de ganhar dez vezes isto? Graças a mim

— É? E o que devo fazer para ganhar essa grana?

Empreste-me seu equipamento por uma hora e vá dar uma volta. Desça e tome uma cerveja.

Ele esfregou a cabeça, embora sua careca já estivesse suficientemente polida:

— Você é meio louco, não é? Havia um quê de verdadeira admiração em sua voz.

— Que diferença faz? Tudo o que quero é que me empreste suas coisas, sem perguntas. Você pode ganhar cinquenta pratas em uma hora fazendo absolutamente nada. O que acha?

— Ok, colega, feito. Já que você está dando o dinheiro de mão beijada, eu é que não vou perder a oportunidade

— Sábia decisão.

O limpador de janelas fez sinal para que eu o seguisse, levando-me até uma porta estreita perto da escada de incêndio, o armário do material de limpeza.

— Deixe minhas coisas aqui quando tiver acabado disse ele, tirando o macacão e o arreio de sustentação

Pendurei terno e sobretudo no cabo de uma vassoura e vesti o macacão, que recendia levemente a amônia. Como pijamas após uma orgia. Quase ia esquecendo de tirar a gravata, mas, alertado a tempo pelo limpador de janelas, guardei-a no bolso do sobretudo, pedindo a ele que me explicasse como usar o arreio de sustentação.

— Você não está pensando em sair lá fora, está?

— Está louco? Só quero fazer uma brincadeira com uma amiga, recepcionista neste andar.

— Está bem. Só não esqueça de deixar as coisas no armário depois.

Coloquei a nota de cinquenta em seu bolso.

— Agora vá se divertir com Ulysses Simpson Grant.. — Vendo por sua expressão que ele não entendera a brincadeira, disse-lhe que olhasse a efígie na nota. Ele foi embora assobiando.

Retirei o 38 antes de colocar a pasta sob a pia de concreto. O Smith & Wesson Centennial é uma arma bastante jeitosa; o tambor pequeno cabe convenientemente no bolso e, não tendo trava, não há perigo de enganchar na roupa quando se saca. Certa vez, tive de fazê-lo com o revólver ainda no paletó — pobre de meu guarda-roupa, mas ainda assim bem melhor do que ter de vestir um

daqueles ternos que só têm a parte da frente, brindes das casas funerárias.

Deixei o pequeno revólver de cinco tiros escorregar para dentro do bolso; no outro coloquei o microfone. Balde e esfregão na mão, atravessei o corredor até a imponente entrada de bronze e vidro da Estaleiros Krusemark.

27

A MOÇA DA RECEPÇÃO encarou-me logo que surgi no saguão acarpetado em meio a modelos de petroleiros envidraçados e gravuras de veleiros. Pisquei para a recepcionista e ela voltou-se para o outro lado na cadeira giratória. As portas brancas que levavam ao corredor interno tinham âncoras de bronze em lugar de maçanetas, e eu passei por elas cantarolando uma velha canção de marinheiros.

Adentrei um longo corredor com portas de ambos os lados, mas nenhum dos nomes nas plaquetas era o que eu procurava. No fim do corredor havia uma grande sala na qual o bater de um par de teletipos soava como secretárias robôs. A decoração consistia em uma roda de leme e gravuras de veleiros nas paredes, várias cadeiras confortáveis, uma mesa com tampo de vidro repleta de revistas e uma escrivaninha em "L", atrás da qual uma loira elegantemente vestida abria u correspondência com um abridor de cartas. Num canto da sala havia uma porta de mogno polido, com letras de bronze em alto relevo, ao nível dos olhos, indicando: ETHAN KRUSEMARK.

A loira desviou o olhar do que fazia e sorriu, espetando uma carta da pilha de trinta centímetros de altura como uma Lady DArtagnan. Minhas esperanças de ficar sozinho com o microfone foram pelos ares, para usar uma figura de linguagem da qual eu logo me arrependeria. A secretária ignorou-me, absorta em sua tarefa simples, enquanto eu, prendendo o balde à alça do cinto, abria uma das janelas, com os olhos fechados. Meus dentes estavam batendo, embora isso não fosse causado pela corrente de ar frio.

— Ei, se apresse, por favor — disse a loira —, meus papéis estão voando por toda a sala.

Segurando firme, passei por baixo do corrimão e sentei-me de costas no peitoril, as pernas ainda dentro da segurança do escritório. Estiquei o braço e engatei uma das alças do arreio de

sustentação à parte externa da esquadria. Havia apenas a espessura do vidro separando-me da recepcionista, mas ela bem podia estar a um milhão de quilômetros. Troquei de mão e prendi a outra alça.

Ficar de pé exigiu toda a coragem que eu possuía. Tentei pensar em companheiros de guerra, pára-quedistas, que saltaram centenas de vezes sem sofrer um arranhão, mas de nada adiantou. Lembrar-me de pára-quedistas só tornou as coisas piores.

Mal havia espaço para meus pés no parapeito estreito. Fechei a janela e o barulho reconfortante dos teletipos lá dentro perdeu-se no vento tempestuoso. Disse a mim mesmo para não olhar para baixo. Foi o primeiro lugar para onde meus olhos se dirigiram.

O despenhadeiro imerso em sombras da Rua 42 escancarava-se sob meus pés, pedestres e tráfego reduzidos a formigas e besouros rastejantes de metal. Ao leste, além do edifício marrom e branco do *Daily News* e da superfície verde, brilhante, do Secretariado da ONU, um rebocador, parecendo de brinquedo, puxava um cordão de barcos, formando uma trilha prateada nas águas do rio.

De repente, tudo pareceu muito engraçado: Harry Angel, a Mosca Humana. O homem capaz de andar onde "até mesmo os anjos não ousariam", frase que ouvi de um dono de circo, anunciando, com certo exagero, sua atração seguinte. Soltei uma gargalhada, e tentei, pela primeira vez, apoiar o peso do corpo nas alças do arreio de sustentação, descobrindo, para minha satisfação, que elas estavam firmes. Não era assim tão ruim; limpadores de janela faziam aquilo todo dia.

Senti-me como um alpinista fazendo sua primeira escalada. Acima de minha cabeça aparelhos de aço inoxidável projetavam-se da parede do arranha-céu, cujo cimo de aço inoxidável brilhava na luz do sol como o pico coberto de neve de uma montanha.

Era hora de entrar em ação. Desengatei a alça direita do arreio de segurança, prendendo-a à mesma armação que sustentava a outra. Então, movendo-me ao longo do parapeito, desenganchei a

alça esquerda e estiquei-me no vazio, tateando cegamente a parede até encontrar a esquadria da janela seguinte e nela prender a alça.

Preso a ambas as janelas, atravessei o pé esquerdo. Desengate, engate, atravessar o pé direito: feito. A travessia inteira não levou mais do que alguns segundos, mas pareceu durar uma década.

Olhei para dentro do enorme escritório de Ethan Krusemark, enquanto prendia a alça esquerda do arreio à moldura de uma de suas seis janelas, três dando para a Rua 42 e outras tantas para a Avenida Lexington. Uma grande mesa oval, de mármore, totalmente nua a não ser por um telefone de seis botões e uma estátua de Netuno, em bronze oxidado, brandindo seu tridente sobre as ondas, dominava a sala. Próximo à porta, um bar embutido brilhava como cristal, enquanto impressionistas franceses preenchiam as paredes; nada de gravuras de veleiros para o patrão.

Krusemark e a filha estavam sentados num grande sofá encostado à parede oposta à janela, diante de uma mesa baixa de mármore na qual repousava um par de doses de *brandy*. Krusemark parecia-se bastante com seu retrato: um pirata de aparência rude, envelhecido, coroadado por uma bem penteada massa de cabelo prateado.

Margaret Krusemark abandonava sua solene vestimenta negra em favor de uma blusa mais descontraída e saia bordada de cintura demarcada, mas ainda usava o pentáculo de ouro invertido. De vez em quando um deles olhava através da sala em direção a mim. Esfreguei água com sabão no vidro diante de meu rosto, coloquei o fone de ouvido e retirei o microfone do macacão, enrolando-o num pedaço de pano para dar a impressão de que limpava a vidraça enquanto ouvia a conversa lá dentro. As vozes soavam tão claras que eu parecia estar sentado no sofá, ao lado dos Krusemark. Era o pai quem falava:

— ... e ele sabia a data de nascimento de Johnny?

— Sabia a data exata. — respondeu Margaret, mexendo nervosamente na estrela dourada.

— Não seria difícil para ele descobrir isso em algum lugar. Tem certeza de que ele é detetive?

— A filha de Evangeline Proudfoot diz que sim. Ele sabe o bastante sobre Johnny para ter chegado até ela.

— E o doutor em Poughkeepsie?

— Está morto. Suicídio. Liguei para a clínica; aconteceu no início desta semana.

— Então jamais saberemos se o detetive falou ou não com ele.

— Não estou gostando, pai. Não depois de todos esses anos. Angel já sabe demais.

— Angel?

— O detetive. Por favor, preste atenção ao que estou lhe dizendo.

— Estou tentando, Meg. Dê-me algum tempo — disse Krusemark, dando um gole no *brandy*.

— Por que não dar cabo de Angel?

— E o que isto resolveria? Esta cidade está cheia de detetivezinhos baratos. Não é com Angel que devemos nos preocupar, e sim com quem o contratou.

Margaret Krusemark segurou as mãos do pai.

— Angel vai voltar. Para buscar o horóscopo.

— Faça-o para ele.

— Está pronto. Era tão parecido com o de Johnny, a única diferença era o local de nascimento. Poderia tê-lo feito de memória.

— Ótimo — exclamou Krusemark, terminando o *brandy*. — Se ele for bom mesmo, já saberá que você não tem irmã alguma quando voltar. Jogue um pouco com ele; você é uma garota esperta, pode arrancar dele o nome de seu cliente. Há muitas maneiras de fazer um homem falar, pode colocar alguma coisa em seu chá. Não podemos deixar Angel morrer até descobrirmos para quem ele trabalha. — Krusemark levantou-se. — Tenho várias reuniões importantes esta tarde, Meg, por isso, se não há mais nada...

— Não, isso é tudo — Margaret Krusemark pôs-se de pé, alisando a saia.

— Muito bem — ele passou os braços ao redor da filha. — Ligue-me assim que souber do tal detetive. Aprendi a arte da persuasão no Oriente; veremos se ainda estou em forma.

— Obrigada, pai.

— Venha, vou acompanhá-la até a porta. Quais são seus planos para o resto do dia?

— Não sei. Pensei em sair para fazer algumas compras. Depois... — O resto da conversa foi perdido quando a pesada porta de mogno fechou-se atrás deles.

Coloquei o microfone e o pedaço de pano no macacão e testei a janela. Não estava fechada e foi fácil abri-la. Desprendi uma das alças do arreio e coloquei as pernas trêmulas dentro da sala. Um segundo depois, desengatei a outra alça; agora estava na relativa segurança do escritório de Krusemark. O risco tinha sido compensador: fazer-me passar por limpador de janelas era um piquenique comparado a descobrir em primeira mão os dotes artísticos orientais de Krusemark.

Fechei a janela e olhei ao redor. Embora quisesse dar uma xeretada, sabia que não tinha tempo. O *brandy* de Margaret

Krusemark mal fora tocado; como não havia a possibilidade de estar contaminado por substâncias persuasivas, pude saborear seu aroma frugal e experimentá-lo: o conhaque desceu como fogo aveludado por minha garganta, e em três goles o copo estava vazio. Era uma bebida velha e cara, e merecia melhor tratamento, mas eu tinha pressa.

28

A SECRETÁRIA LOIRA mal olhou para mim quando bati a porta de mogno polido. Talvez estivesse acostumada com limpadores de janelas que saíam correndo do escritório do patrão. Cruzei com o próprio Ethan Krusemark voltando pelo corredor com o peito empinado para a frente, como que ostentando medalhas invisíveis no terno cinza de flanela. Murmurou algo ao passar, supondo decerto que eu fosse cair de joelhos a seus pés. O que diria ele se tivesse ouvido o "vá pro inferno" que lhe dirigi em voz baixa?

Na saída fiz um gracejo à recepcionista, imitando o som de um beijo com os lábios, acompanhado de um sinal obsceno com os dedos. A cara que ela fez foi bastante sugestiva, mas dois vendedores que aguardavam na sala de espera acharam muito engraçado.

Troquei-me no armário com uma rapidez que deixaria até mesmo o Super-Homem com inveja. Não havia tempo de arrumar as coisas na pasta, por isso enfiei o Smith & Wesson e o microfone no bolso do sobretudo e deixei o macacão e o arreio de segurança dentro do balde. Já no elevador, lembrei-me da gravata, dando um nó desajeitado enquanto descia.

Não havia sinal de Margaret Krusemark na rua. Ela mencionara ir às compras e imaginei que tivesse pego um táxi. Decidido a dar-lhe tempo de mudar de idéia, atravessei a Lexington até a Grand Central e entrei por uma porta lateral, descii até o Bar das Ostras e pedi uma dúzia delas. Logo as devorei e por isso pedi mais meia dúzia enquanto sorvia o suco das conchas vazias. Vinte minutos mais tarde liguei para Margaret Krusemark de um telefone público, deixando tocar mais de dez vezes antes de desistir: ela devia estar segura em algum *shopping center*.

O trem do metrô transportou minha carcaça estufada de ostras até a Times Square, onde fiz a baldeação que me levou à Rua 57. Liguei para Margaret Krusemark da cabina telefônica da esquina,

e novamente nada. Passando em frente à entrada do 881, avistei três pessoas que esperavam pelo elevador; segui pela calçada até a esquina seguinte, acendi um cigarro e voltei. Desta vez o saguão estava vazio. Fui direto para a escada de incêndio, não querendo me expor ao risco de ser reconhecido por ascensoristas.

Subir onze andares é ótimo se você está treinando para uma maratona, mas não tem a mínima graça com dezoito ostras revirando no estômago. Subi devagar, descansando a cada dois andares, cercado pela cacofonia de várias lições de música.

Quando cheguei à porta do apartamento de Margaret Krusemark, eu respirava com dificuldade e meu coração batia como um metrônomo. O corredor estava deserto; abri a pasta e coloquei as luvas de borracha. A fechadura era de tipo comum. Toquei a campainha várias vezes antes de começar a procurar a chave apropriada no molho de gazuas.

Consegui na terceira tentativa. Peguei a pasta do chão, entrei e fechei a porta. O cheiro de éter inundava o ambiente, pairando no ar, volátil e aromático, trazendo de volta lembranças do hospital em que convalesci após a guerra. Tirei o 38 do bolso, caminhando rolado à parede do vestíbulo às escuras. Não precisava ser nenhum Sherlock para perceber que algo estava errado.

Margaret Krusemark não fora às compras afinal de contas, listava deitada de barriga para cima na sala de estar ensolarada, esticada sobre a mesinha de café debaixo dos vasos de plantas. O sofá onde tomáramos chá fora encostado contra a parede, de modo que ela estava sozinha no centro do tapete, como uma figura num altar. A blusa rasgada deixava entrever seus seios pequenos e pálidos, proporcionando uma agradável visão, exceto pela incisão grosseira que cortava o peito de um ponto abaixo do diafragma até a metade do esterno. O ferimento estava todo ensangüentado, e filetes de sangue escorriam pelas vértebras, formando poças na mesa. Pelo menos os olhos dela estavam fechados.

Pus o revólver de lado e senti seu pescoço com os dedos, notando, através da fina superfície do látex, que ela ainda estava

quente. Margaret tinha o semblante composto, como se estivesse apenas dormindo, e algo bastante parecido com um sorriso permanecia em seus lábios. Do outro lado da sala, o relógio de parede começou a badalar. Eram cinco da tarde.

Encontrei a arma do crime sob a mesa. Uma faca de sacrifícios asteca, da própria coleção de Margaret Krusemark, a lâmina obsidiana escurecida pelo sangue que respingava. Deixei onde estava; não havia sinal algum de luta: o sofá fora cuidadosamente removido. Era fácil reconstituir o crime.

Margaret Krusemark mudara de idéia com relação às compras. Em vez disso, voltara direto para casa; o assassino, ou assassina, esperava por ela dentro do apartamento, surpreendendo-a por trás, com um pano encharcado de éter. Margaret ficara inconsciente antes que tivesse tempo de lutar. Um tapete enrugado perto da entrada mostrava de onde ela havia sido arrastada até a sala de estar. Com cuidado, quase amorosamente, o assassino colocou-a sobre a mesa e afastou a mobília para ter espaço para trabalhar.

Dei uma olhada pelo apartamento, mas aparentemente nada fora levado. A coleção de quinquilharias ocultistas parecia intacta, só a adaga fora tirada do lugar. Nenhuma gaveta fora aberta; nenhum armário remexido: nem mesmo tentou-se simular um roubo.

Perto da grande janela, entre um filodendro e um pé de cotovia, fiz uma pequena descoberta. Numa bacia assentada sobre um tripé alto de bronze havia um pedaço de músculo ensangüentado, do tamanho aproximado de uma bola de tênis deformada. Fiquei observando por um longo tempo antes de descobrir o que era: o Dia dos Namorados jamais seria o mesmo novamente; era o coração de Margaret Krusemark.

Uma coisa tão simples o coração humano. Vai batendo dia após dia, ano após ano, até que chega alguém e o arranca fora, e ele termina parecendo comida de cachorro. Virei, não suportando mais olhar para o coração da Bruxa de Wellesley, sentindo todas as dezoito ostras prontas para serem expelidas.

Após procurar um pouco, encontrei um pano embebido em éter numa cesta de lixo de vime no vestíbulo. Deixei-o lá para os rapazes da Homicídios. Que o levassem para a chefatura junto com o cadáver e o examinassem no laboratório. Era trabalho deles, não meu.

Havia pouca coisa de interesse na cozinha. Era uma cozinha como qualquer outra, com livros de receita, potes e panelas, uma prateleira de molhos, a geladeira cheia de restos de comida. Verifiquei o conteúdo do lixo acondicionado numa sacola de compras da Bloomingdale's: apenas pó de café usado e ossos de galinha.

O quarto parecia mais promissor: a cama estava desfeita, e os lençóis amarrotados impregnados pelo odor de sexo. Num pequeno banheiro contíguo encontrei um envoltório plástico de diafragma. Ela ainda o deveria estar usando, já que aparentemente fora para a cama com um de seus amantes feiticeiros naquela manhã. Mas isso também era tarefa para o pessoal da Homicídios.

O armário de remédios de Margaret consistia em altas prateleiras ladeando o espelho sobre a pia: aspirina, pó dental, leite de magnésia e frascos de remédio disputavam espaço com jarras de pós de odor repulsivo assinaladas com obscuros símbolos alquimistas e ervas aromáticas em latas de metal, das quais a única que reconheci pelo cheiro foi hortelã.

Um crânio amarelo sorria para mim do topo de uma caixa de lenços de papel. Uma adaga de dois gumes, um exemplar da *Vogue*, uma escova de cabelos e quatro velas pretas superlotavam a tampa da privada. Atrás de uma jarra de creme facial encontrei uma mão humana: escura e enrugada, jazia ali com uma luva jogada fora, tão leve que quase a derrubei ao pegá-la. Só não encontrei um olho de salamandra, o que não significa que não tenha procurado.

Havia uma pequena sala ao lado do quarto, onde ela trabalhava, com um fichário repleto de nomes de clientes, no qual procurei em "F" por Favorite e em "L" por Liebling, sem sucesso. Havia um globo e uma pequena fileira de livros de astrologia apoiados contra um porta-jóias de alabastro, do tamanho de uma

caixa de charutos, com uma serpente de três cabeças esculpida na tampa.

Folheei os livros, procurando em vão por alguma anotação. Entre os papéis desarrumados na escrivaninha, um pequeno cartão preto chamou-me a atenção: a cabeça de um bode com chifres fora impressa sobre um pentagrama invertido, inscrito dentro de um círculo, com os dizeres *MISSA NÍGER* abaixo, em letras maiúsculas com arabescos. Havia um texto em latim, com uma data representada pelos algarismos III, XXII, MCMLIX. Encontrei também o envelope do cartão endereçado a Margaret Krusemark. Guardei ambos em minha pasta.

A maioria dos outros papéis na escrivaninha era de cálculos relativos a constelações e horóscopos inacabados. Examinei-os sem interesse e encontrei um com meu nome. O que não daria o tenente Sterne para pôr as mãos naquilo? Deveria tê-lo queimado, mas, em vez disso, guardei-o na pasta também.

O horóscopo fez-me pensar em verificar a agenda de Margaret Krusemark. Ali estava, na segunda, 16: "H. Angel, 13:30". Arranquei a página e coloquei-a junto com o resto das coisas na pasta. O registro daquele dia na agenda mostrava uma consulta para as dezessete e trinta. Meu relógio estava um pouco adiantado, mas calculei que faltariam apenas dez minutos.

À saída deixei a porta do apartamento ligeiramente aberta. Alguém encontraria o corpo e chamaria a polícia: eu não queria tomar parte naquela confusão; Ledo engano! Estava metido naquilo até o pescoço.

29

DESCI AS ESCADAS sem pressa, já fizera exercício suficiente por um dia. Quando cheguei ao saguão fui para a rua, mas entrei na estreita passagem que dava para a Taverna Carne-gie. Sempre tomo um drinque após achar um corpo: é um velho costume de família.

O bar estava lotado com pessoas aproveitando a dose grátis da Happy Hour. Abri caminho com os cotovelos por entre a multidão e pedi um *manhattan* duplo com gelo, sorvendo um longo gole antes de me dirigir, aos tropeços, até o telefone. Liguei para Epiphany Proudfoot, terminando meu drinque enquanto esperava alguém atender, o que não aconteceu. Era um mau sinal. Desliguei, pensando em Margaret Krusemark, aberta como um peru de Natal onze andares acima. Deixei o Cftpo vazio na prateleira sob o telefone e abri caminho até a rua.

Um táxi deixava um passageiro em frente ao City Center Theater, no meio da quadra. Gritei, e ele ficou esperando com a porta aberta, o que não me impediu de ter que correr para chegar antes de uma determinada senhora, que atravessou a rua brandindo seu guarda-chuva.

O motorista, um negro, nem piscou quando lhe disse para me levar à esquina da 123 com a Lenox. Provavelmente imaginou que eu me dirigia a meu funeral e estava feliz de ganhar a última gorjeta. O silêncio no interior do automóvel só era quebrado pelo transistor no banco da frente, transmitindo em alto volume a fala rimada do locutor: "a estação que não te deixa na mão, a sensação da nação". Saltei em frente à Farmácia Proudfoot vinte minutos depois, enquanto o táxi se afastava numa cadência de *rhythm-and-blues*. A loja permanecia fechada, às escuras. Bati na porta e girei a maçaneta sem sucesso.

Epiphany mencionara um apartamento sobre a loja, por isso caminhei até a entrada do edifício, um pouco mais adiante na Lenox, e chequei os nomes nas caixas de correspondência do saguão.

Terceiro, a partir da esquerda: P_{ROUDFOOT}, 2-D. A porta do prédio estava aberta.

O corredor estreito, ladrilhado, cheirava a urina e pé de porco cozido. Subi dois lances pelos degraus de mármore gastos pelo tempo, ouvindo alguém acionar uma descarga em algum andar superior. O apartamento 2-D ficava no final do corredor. Toquei a campainha, por precaução, mas ninguém atendeu.

A fechadura não era problema, eu tinha uma dúzia de chaves mestras que serviam nela. Calcei as luvas de borracha e entrei, instintivamente alerta para o odor de éter. A sala de estar era espaçosa, com janelas dando vista para a Lenox e a 123, decorada com mobília funcional, do tipo que se compra a crediário, e esculturas africanas de madeira.

A cama no quarto estava cuidadosamente arrumada, e um par de máscaras carrancudas ladeava a penteadeira, cujas gavetas revistei, bem como ao armário, nada encontrando além de roupas e objetos pessoais. No criado-mudo, várias fotografias em molduras de prata retratavam a mesma mulher de feições finas e ar arrogante. Havia algo de Epiphany na curva lírica dos lábios, mas o nariz achatado e os olhos profundos e selvagens diferenciavam Evangeline Proudfoot da filha.

Ela ensinara Epiphany a ser asseada: a cozinha estava limpa e arrumada, sem pratos na pia ou migalhas de pão na mesa. O único sinal recente de habitação era a comida fresca na geladeira.

Estava escuro como uma caverna na última sala. O interruptor não funcionava, por isso usei a caneta-lanterna; não queria tropeçar num cadáver. Antigamente aquilo devia ter sido um quarto de dormir, mas há muito tempo. O vidro da janela fora pintado do mesmo azul-escuro das paredes e do teto, no qual havia um arco-íris de néon. Folhas e flores se entrelaçavam ao longo de uma parede; peixes e sereias grosseiramente desenhados ocupavam a outra — o teto era uma panóplia de estrelas e luas crescentes.

A sala era um templo vodu. Havia cântaros de barro dispostos em série sobre um altar de tijolos, como uma barraca de feira livre.

Dúzias de tocos de vela conviviam com litografias coloridas de santos católicos; um sabre enferrujado fora fincado no vão entre as tábuas de madeira no chão diante do altar. Pendurada num canto estava uma muleta de madeira, enquanto, no meio dos cântaros, uma elaborada cruz de ferro retorcido servia de suporte a uma cartola de seda amarrotada. Vi vários chocalhos e um par de pratos de metal numa prateleira, ao lado de garrafas e jarros coloridos. O desenho de um navio a vapor, que parecia ter sido feito por uma criança, ocupava boa parte da parede sobre o altar.

Lembrei-me de Epiphany em seu vestido branco, cantando e praguejando, ao som dos tambores e de chocalhos que sibilavam como cobras em grama seca; do movimento súbito de seu pulso e do jorro de sangue do galo brilhando na noite. À saída do *humfo*, bati a cabeça num par de congas trabalhadas em pele e madeira, penduradas no teto.

Não tive muita sorte com o armário do saguão, mas na cozinha encontrei uma escada estreita que dava para a loja abaixo. Fui primeiro até a saleta nos fundos; remexi no inventário de raízes ressecadas, de folhas e pós, sem saber o que procurar. Sobre o balcão de vidro, havia uma pilha de correspondência ainda fechada. Iluminei-a com a lanterna: uma conta de telefone, uma mensagem impressa do congressista Adam Clayton Powell, várias cartas de casas fornecedoras de ervas, e um apelo de March of Dimes e, por fim, um poster de papelão. Meu coração disparou: o rosto no poster era o de Louis Cyphre. Usava um turbante branco e a pele parecia ressecada pelo vento do deserto; na parte superior da cartolina estava escrito EL ÇIFR, MESTRE DO DESCONHECIDO. Embaixo, a seguinte mensagem: "O Ilustre e Sábio El Çifr fará uma palestra para a congregação do Novo Templo da Esperança, Rua 144 Leste, 139. Sábado, 21 de março, 1959; 8:30 da noite. o público está cordialmente convidado a comparecer. ENTRADA GRÁTIS".

Guardei o poster na pasta. Quem é capaz de resisitir a um show grátis?

30

APÓS TRANCAR o apartamento de Epiphany peguei um táxi na 125, em frente ao Palm Café. A corrida até o centro da cidade pela Via Expressa Oeste deu-me tempo suficiente para refletir. O rio Hudson, mais escuro que o céu noturno, parecia a passarela de um desfile de carnaval flutuante, com as chaminés iluminadas dos luxuosos transatlânticos.

Um carnaval da morte. Venha já assistir à cerimônia de sacrifício vodu! Corra, corra, corra: não perca o sacrifício asteca! Pela primeira vez em cartaz! Haverá também eventos paralelos: bruxas e cartomantes; um cliente que se veste como um *sheik* das Arábias. Eu fazia o papel do bobo neste picadeiro macabro, entorpecido pelas luzes e truques de prestidigitação. Os jogos de sombra representavam figuras que eu mal podia discernir.

Eu precisava de um bar próximo a minha casa. O Silver Rail na esquina da 23 com a Sétima Avenida ficava perto o bastante. Se saí de lá completamente bêbado na hora do fechamento, é algo de que não me lembro; como encontrei minha cama no Chelsea permanece um mistério. Apenas os sonhos pareciam reais.

Sonhei que fora acordado de um sono profundo por gritos vindos da rua. Fui até a janela e afastei as cortinas. Uma multidão enfurecida corria de um lado para outro uivando como se fosse uma única e sinuosa besta. Uma carroça de duas rodas evoluía no meio dessa turba, puxada por um cavalo velho, de lombo arqueado, transportando um homem e uma mulher. Peguei meu binóculo para olhar mais de perto. A mulher era Margaret Krusemark; o homem era eu.

Num repente de mágica onírica, eu surgia naquela carroça segurando a trave tosca de madeira, enquanto a multidão *sem* rosto se debatia ao redor como um mar raivoso. Margaret Krusemark sorria sedutora a meu lado, enquanto a carroça balançava bruscamente. Estávamos tão próximos um do outro que quase nos

abraçávamos. Seria ela uma bruxa a caminho da fogueira? Seria eu o executor?

Sobre as cabeças da multidão, divisei a silhueta inconfundível da guilhotina. Fora injustamente condenado! O carro parou ao pé do cadafalso e mãos rudes agarraram Margaret Krusemark. A turba enfim sossegou, permitindo que ela subisse sozinha os degraus.

Entre as primeiras fileiras de espectadores, um deles chamou-me a atenção. Vestia-se de negro e empunhava uma lança; era Louis Cyphre, com um quepe enfeitado por um laço tricolor. Ao verme, acenou com a lança e curvou-se sarcasticamente.

Perdi o espetáculo no cadafalso. Tambores soaram, a lâmina veio abaixo e, quando olhei para o alto, o carrasco, com as costas para mim, mostrava a cabeça de Margaret Krusemark para a platéia em delírio. Ouvei meu nome ser chamado, e desci da carroça para dar lugar a um caixão. Louis Cyphre sorria; estava se divertindo como nunca.

O sangue tornara lisos os degraus do cadafalso e quase escorreguei ao virar-me para encarar a multidão e seus insultos. Um soldado segurou meu braço e dirigiu-me quase gentilmente até a guilhotina. "Agora você deve se ajoelhar, meu filho", disse o padre.

Abaixei-me para uma derradeira prece, enquanto o carrasco postava-se ao meu lado. Uma rajada de vento levantou seu capuz negro. Reconheci o cabelo engomado e o sorriso velhaco: o executor era Johnny Favorite!

Acordei gritando mais alto que o tocar do telefone. Arrastei-me até o receptor como um náufrago tentando alcançar um salva-vidas:

— Alô... alô? É Angel? Harry Angel? — Era Herman Winesap, meu procurador favorito.

— Angel falando. — Sentia a língua tão grossa que parecia várias vezes maior do que minha boca.

— Por Deus, homem, por onde tem andado? Estou ligando para seu escritório há horas.

— Estava dormindo.

— Dormindo? São quase onze horas.

— Fiquei trabalhando até tarde — eu disse. — Detetives não mantêm o mesmo expediente de advogados da Wall Street.

Se a observação o melindrou, ele foi perspicaz o bastante para não demonstrá-lo:

— Entendo. Você deve fazer o trabalho do modo que achar melhor.

— O que há de tão importante para você não poder deixar um recado?

— Você disse ontem que queria encontrar-se com o senhor Cyphre.

— Sim, e daí?

— Bem, ele sugeriu que almoçassem juntos hoje.

— Mesmo lugar de antes?

— Não. O senhor Cyphre achou que você apreciaria a comida do Le Voisin. Fica na Park Avenue, cinco sete cinco.

— A que horas?

— À uma. Ainda há tempo de você se aprontar, é só não voltar a dormir.

— Estarei lá.

Winesap desligou sem suas costumeiras despedidas elaboradas. Arrastei meu corpo dolorido para fora da cama e, andando com dificuldade, dirigi-me ao banheiro. Vinte minutos de

banho quente e três xícaras de café preto; só então voltei a me sentir quase humano.

Usando um terno bem passado de lã marrom, uma camisa branca engomada recém-saída da lavanderia, e uma gravata limpa, eu estava pronto para o mais esnobe restaurante francês. Fui até o centro pela Park, passando pelo velho túnel do trem sob a colina Murray e chegando ao viaduto que se erguia acima de ambos os lados da Grand Central. Quatro quarteirões adiante, a cúpula no topo do Edifício Central Nova York destacava-se sobre a Park Avenue como um ponto de exclamação gótico. A alça interna do elevador despejava tráfego em direção à Park, uma avenida em verdadeira metamorfose: de um desfiladeiro uniforme de tijolo e alvenaria irrompia numa cordilheira anti-séptica de torres envidraçadas.

Estacionei numa vaga perto da Igreja Científica Cristã, na esquina da 63 com a Park, e caminhei para leste, atravessando a avenida. O toldo do Le Voisin estampava o garboso endereço da Park Avenue, mas a entrada mesmo era na Rua 63. Entrei e deixei meu casaco e mala na chapelaria. Tudo no lugar sugeria a excelência de seus clientes.

O *maitre* recepcionou-me com reserva diplomática. Dei-lhe o nome de Louis Cyphre e ele levou-me, passando pela mesa de massas, até onde estava meu cliente, que se levantou ao nos avistar: usava calça de flanela cinza, uma echarpe vermelha e verde e um blazer azul com a insígnia do Clube de Tênis bordada no bolso, em cuja lapela destacava-se uma

pequena estrela dourada, de cabeça para baixo:

— Bom vê-lo de novo, Angel — disse ele, apertando minha mão.

Sentamo-nos e pedimos nossas bebidas. Optei por uma garrafa de cerveja importada em deferência a minha ressaca; Cyphre preferiu campari com soda. Conversamos amenidades enquanto aguardávamos; Cyphre contou-me de seus planos para uma viagem ao exterior durante a Semana Santa: Paris, Roma, o

Vaticano. Disse que o domingo de Páscoa na Praça de São Pedro era uma cerimônia esplêndida, e que uma audiência com o papa estava programada. Olhei para ele sem qualquer expressão, imaginando suas feições nobres coroadas por um turbante. El Çifr, Mestre do Desconhecido, encontra Sua Santidade, o Supremo Pontífice.

Pedimos o almoço quando os drinques chegaram. Cyphre falou com o garçom em francês, e eu não pude seguir o que conversavam. Sei o bastante da língua, no entanto, para compreender um pouco do *menu*, e pedi um *tournedos Rossini* e uma salada de endívias.

Tão logo ficamos sozinhos, Cyphre tomou a iniciativa:

— E agora, senhor Angel, um relatório completo até o presente momento, por favor — ele sorriu, e bebeu seu drink cor de rubi.

— Há muito que contar. Foi uma longa semana, e ainda nem está terminada. O doutor Fowler está morto. Oficialmente é suicídio, mas eu não apostaria muito nisso.

— Por que não? O homem estava exposto, com a carreira em perigo.

— Houve mais duas mortes, ambas assassinatos, as duas em conexão com o caso.

— Presumo que ainda não encontrou Jonathan.

— Ainda não, mas descobri muito sobre ele, nada lá muito agradável.

— Acha que ele ainda está vivo? — Perguntou Cyphre, mexendo com o misturador no copo.

— É o que parece. Fui até o Harlem na segunda à noite para conversar com um velho pianista de jazz chamado Edison Sweet. Tinha visto uma foto dele com Favorite, de anos atrás, que me interessou. Andei bisbilhotando um pouco e descobri que Sweet era

membro de um culto vodu: *tom-toms*, sacrifícios sangrentos, esse tipo de coisa. Nos anos quarenta Johnny Favorite fazia parte do grupo: tinha um caso com uma sacerdotisa chamada Evangeline Proudfoot e estava metido até o pescoço na feitiçaria. Soube disso por intermédio de Sweet; no dia seguinte ele foi assassinado. Armou-se uma encenação para que parecesse obra de alguém ligado a vodu, mas quem quer que o tenha feito não estava muito por dentro do *vévé*.

— *Vévé?* — Cyphre ergueu uma sobrancelha.

— Símbolos místicos de vodu. Estavam espalhados por toda a parede, pintados com sangue. Um *expert* no assunto descobriu que eram falsos.

— Você mencionou uma segunda morte.

— Vou chegar lá; era minha segunda pista. Estava curioso a respeito da namorada grã-fina de Favorite e fiz algumas investigações nessa direção. Demorei um pouco até achá-la, embora ela estivesse o tempo todo embaixo de meu nariz. Era uma astróloga, Margaret Krusemark.

— A filha do armador? — Animou-se Cyphre, inclinando-se para a frente como uma vizinha mexeriqueira.

— A primeira e única.

— Diga-me o que aconteceu.

-- Bem, estou certo de que foram ela e o pai que tiraram Favorite da clínica em Poughkeepsie. Fui até o apartamento dela fingindo querer um mapa astral, mas ela conseguiu me enganar por um tempo. Quando finalmente descobri que fora ludibriado, voltei para ver o que poderia encontrar, e...

— Você invadiu o apartamento?

— Usei uma gazua.

— O quê?

— Uma chave mestra.

— Entendo. Continue, por favor.

— Entrei no apartamento dela, planejando passar um pente-fino no lugar, só que as coisas não andaram como eu esperava. Ela estava na sala de estar, morta. Alguém arrancou seu coração; encontrei-o depois.

— Revoltante — indignou-se Cyphre, passando o guardanapo pelos lábios. — Não havia menção alguma ao coração nos jornais de hoje.

— Os caras da Homicídios gostam de excluir alguns detalhes para ter como julgar todas as confissões de lunáticos que aparecem.

— Você chamou a polícia? Não vi nada a seu respeito no que li.

— Ninguém sabe que estive lá. Caí fora. Não era a coisa mais correta a fazer, mas a polícia já sabe de minha ligação com o assassinato de Sweet, e eu não queria dar-lhe outra oportunidade de me incriminar.

— Como exatamente você está relacionado ao caso Sweet?
— perguntou Cyphre, franzindo o cenho.

— Dei-lhe meu cartão comercial. Os tiras o acharam na casa dele.

— E a tal Krusemark? — Cyphre não parecia nada satisfeito.
— Também deu seu cartão a ela?

— Não. Nessa parada estou limpo. Encontrei meu nome na agenda dela e um horóscopo que ela fizera para mim, mas levei-o comigo.

— Onde estão eles agora?

— Num lugar seguro. Não se preocupe.

— Por que não os destrói?

— Foi a primeira coisa em que pensei. Mas o horóscopo pode levar a algum lugar. Quando Margaret Krusemark pediu minha data de nascimento, dei a ela a de Favorite.

Nesse instante o garçom chegou com nosso pedido, descobrindo os pratos com um floreio de mágico, enquanto um outro, responsável pelos vinhos, trouxe uma garrafa de Bordeaux. Cyphre procedeu ao ritual de cheirar o vinho e provar um gole antes de concordar em que fôssemos servidos, após o que os garçons desapareceram tão rapidamente como batedores de carteira na multidão.

— Château Margaux quarenta e sete — disse Cyphre. — Excelente ano para o Haut-Medoc. Tomei a liberdade de pedir algo que, em minha opinião, combina com ambos os nossos pratos.

— Obrigado — eu disse —, não sou muito fã de vinho.

— Vai gostar deste — ele ergueu o copo. — Pela continuidade de seu sucesso! Suponho que foi capaz de deixar meu nome de fora, quando a polícia fez contato com você.

— Quando tentaram me coagir, dei a eles o nome de Winesap, e disse-lhes que trabalhava para ele. Desse modo passei a ter o mesmo direito a sigilo que os advogados têm.

— Pensou rápido, senhor Angel. E quais são suas conclusões?

— Conclusões? Nenhuma.

— Acha que Jonathan matou todas essas pessoas?

— Não há a menor chance quanto a isto.

— Por que não? — Perguntou Cyphre, segurando um garfo com patê.

— Porque a coisa parece estar sendo feita sob encomenda. Acho que querem incriminá-lo.

— Hipótese interessante.

Tomei um longo gole de vinho e enfrentei o olhar glacial de Cyphre.

— O problema é que eu não sei por que alguém faria isso. As respostas estão enterradas no passado.

— Descubra-as. Cave mais fundo, homem.

— Meu trabalho seria muito mais fácil, senhor Cyphre, se parasse de me enganar.

— Como assim?

— Você não tem ajudado em nada. Tudo o que sei a respeito de Favorite tive que descobrir por mim mesmo. Você nunca me deu uma pista. No entanto, estive envolvido com ele. Tinham um arranjo: você e esse órfão simples que corta pombos ao meio e carrega um crânio na mala. Há muita coisa que não quer me dizer.

— Quando o conheci — começou Cyphre, cruzando os talheres no prato —, ele trabalhava num restaurante, nunca soube que carregava crânios na mala. Estou mais do que à disposição para lhe responder qualquer coisa que queira perguntar.

— Muito bem. Por que está usando uma estrela invertida?

— Isto? — Cyphre olhou para a lapela. — Ora, você está certo, está de cabeça para baixo — disse ele, virando-a cuidadosamente para cima, na casa do botão. — É a insígnia dos Filhos da República, uma dessas zelosas organizações patrióticas. Fizeram de mim membro honorário por ter-lhes doado certa quantia. É sempre bom parecer patriótico — ele inclinou-se para frente, com

um sorriso mais branco do que os comerciais de pasta de dente. — Sempre que estou na França uso a fita tricolor .

Olhei para seu sorriso ofuscante, e ele piscou para mim. Um calafrio de terror percorreu meu corpo como uma corrente elétrica. Senti-me congelado, incapaz de me mover, magnetizado pelo sorriso imaculado de Cyphre. Era o sorriso que vira no pé do cadafalso. "Sempre que estou na França uso a fita tricolor."

— Está passando bem, senhor Angel? Parece um pouco pálido.

Ele estava me fazendo de bobo, sorrindo como o gato de *Alice no País das Maravilhas*. Dobrei as mãos sobre o colo

para que ele não as visse tremer:

— Algo que engoli — disfarcei — ficou preso na garganta.

— Deve ter mais cuidado. Essas coisas podem asfixiar uma pessoa.

— Não se preocupe, já estou bem. Nada vai me impedir de descobrir a verdade.

Cyphre pôs de lado o prato, com o fino patê ainda pela metade:

— A verdade, senhor Angel, é uma presa que pode facilmente nos iludir.

31

TROCAMOS A SOBREMESA por *brandy* e charutos. Os panatelas de Cyphre eram tão bons quanto o aroma indicava. Nada mais foi dito quanto ao caso. Tentei manter a conversação do melhor modo que pude, a sensação de terror descera pela garganta como um quisto. Teria eu imaginado aquela piscada zombeteira? Leitura de mente era o embuste mais velho do mundo, mas saber disso não fazia meus dedos pararem de tremer.

Deixamos o restaurante juntos. Um Rolls-Royce cinza-prateado esperava no meio-fio. O chofer uniformizado abriu a porta de trás para Louis Cyphre:

— Manteremos contato — disse ele, apertando minha mão antes de entrar no interior de madeira polida e couro do automóvel. Fiquei na calçada até que eles desaparecessem, dobrando a esquina.

Meu Chevy parecia um pouco mais sujo quando dei a partida, tinha o mesmo cheiro decadente dos cinemas da Rua 42: tabaco envelhecido e memórias perdidas. Segui a faixa verde deixada pela parada de dois dias atrás na Quinta Avenida, pegando depois a 45 leste. Achei uma vaga a meio quarteirão entre a Sexta e a Sétima e ali estacionei o carro.

Encontrei Epiphany Proudfoot adormecida no sofá cor de canela da ante-sala do escritório. Ela vestia um terno cor de ameixa por cima de uma blusa de cetim cinza de gola bufante, e usava um casaco azul-escuro dobrado sob a cabeça como travesseiro. Uma cara sacola de couro estava no chão. Seu corpo curvava-se num gracioso "Z", as pernas dobradas e os braços segurando o casaco azul. Parecia uma adorável figura de proa num navio. Toquei-lhe o ombro gentilmente e suas pálpebras se mexeram:

— Epiphany?

Os olhos dela se abriram, brilhando como âmbar polido:

— Que horas são? — perguntou.

— Quase três.

— Tão tarde assim? Eu estava tão cansada!

— Há quanto tempo está esperando?

— Desde as dez. Suas horas de trabalho não são muito regulares.

— Tive que ir ver meu cliente. Onde estava ontem à tarde? Fui até a loja, mas não havia ninguém.

Ela sentou-se, deixando os pés tocarem o chão:

— Fui visitar uma amiga. Tive medo de ficar em casa.

— Por quê?

— O que você acha? — disse ela, olhando-me como se eu fosse uma criança estúpida. — Primeiro Toots é morto. Depois ouço no noticiário sobre o assassinato de uma mulher que foi noiva de Johnny Favorite. Pelo visto, sou a próxima.

— Por que a chama de "mulher que foi noiva de Johnny Favorite"? Não sabe o nome dela?

— E deveria?

— Não banque a espertinha comigo, Epiphany. Eu segui você até o apartamento de Margaret Krusemark quando saiu daqui ontem, e ouvi a conversa de vocês duas. Está querendo me fazer de idiota.

As narinas dela se dilataram, e a luz, incidindo sobre seus olhos, fez com que brilhassem como gemas preciosas:

— Estou tentando salvar minha vida!

— Fazer o jogo dos outros contra mim não é a melhor maneira de salvar seu pescoço. O que exatamente você e Margaret Krusemark estavam tramando?

— Nada. Até ontem eu nem sabia da existência dela.

— Pode fazer melhor que isso, Epiphany.

— Como? Inventando uma história? — Ela deu a volta ao redor da mesa baixa. — Depois que liguei para você ontem, recebi um chamado dessa mulher, Margaret Krusemark, dizendo ser uma amiga de mamãe, de muitos anos atrás. Ela queria ir me ver, mas eu disse que precisava passar no centro, por isso me pediu que desse um pulo até sua casa quando tivesse tempo. Não falou de Johnny Favorite até que eu chegasse lá, e essa é a verdade.

— Tudo bem — eu disse —, vou acreditar na sua palavra; não há ninguém que possa me provar o contrário. Onde dormiu a noite passada?

— No Plaza. Imaginei que um hotel chique seria o último lugar onde procurariam uma garota negra do Harlem.

— Ainda está lá?

— Não tenho dinheiro — disse ela, balançando a cabeça. — Além do que não me senti realmente segura, não preguei olho a noite inteira.

— Deve sentir-se segura aqui. Dormia como um anjo quando cheguei.

Ela estendeu a mão delicada e alisou a lapela de meu sobretudo:

— Sinto-me muito mais segura agora que você está aqui.

— Eu, o valente detetive?

— Não zombe de si mesmo. — Epiphany segurou as duas lapelas e se aproximou. Seu cabelo estava tão seco e limpo quanto linho ao sol. — Você tem que me ajudar.

Ergui o queixo dela até que nossos olhos se encontrassem e acariciei seu rosto com os dedos:

— Pode ficar em minha casa. É mais confortável que dormir no escritório.

Ela agradeceu muito solenemente, como se eu fosse um professor de música elogiando-a por uma aula produtiva:

— Levarei você para lá agora.

32

ESTACIONEI O CHEVY perto da esquina da Oitava Avenida com a Rua 23, em frente à velha Grand Opera House, antigo escritório central da Ferrovia Erie:

— Onde é o Hotel Grand Central? — perguntou Epiphany, enquanto eu fechava o carro.

— Mais abaixo na Broadway, acima da Rua Bleecker. Chama-se Broadway Central agora; também já foi chamado de Casa La Farge.

— Você conhece muito bem a cidade — elogiou ela, pegando meu braço enquanto atravessávamos a avenida.

— Detetives são como motoristas de táxi, aprendem a geografia no trabalho. — Conduzi Epiphany por uma espécie de passeio turístico durante todo o trajeto, o que parecia agradá-la a ponto de encorajar-me com perguntas ocasionais.

— Acho que nunca estive antes nesta parte da cidade — disse ela, apreciando a fachada de ferro fundido de um velho prédio comercial na Rua 23.

— Era aqui que Jim 'Diamante' Brady costumava fazer a corte a Lillian Russell — expliquei, quando passávamos pelo restaurante Cavanaugh's. — Esse distrito era bastante chique no século passado, quando a Madison Square era o centro da cidade, e todas as grandes lojas de departamento ficavam na Sexta Avenida. Os prédios em que elas funcionavam são agora residenciais, mas foram preservados na arquitetura. Aqui, venha, chagamos a minha casa.

Epiphany virou-se para olhar a extravagância vitoriana de tijolo aparente do Chelsea, sorrindo fascinada com as delicadas varandas que embelezavam cada andar:

— Qual é seu apartamento?

— O do sexto, sob o arco — indiquei, apontando com o dedo.

— Vamos entrar — disse ela.

Além dos grifos negros esculpidos na lareira, o saguão nada tinha de interessante, e não despertou a atenção de Epiphany, que se voltara inteiramente para uma mulher de cabelos brancos que saía do elevador, levando um leopardo na corrente. Meu apartamento tinha duas salas, uma cozinha pequena e uma modesta varanda dando para a rua. Nada de tão luxuoso para os padrões nova-iorquinos, mas parecia a mansão dos Rockefeller pela cara que Epiphany fez ao entrar:

— Adoro tetos altos — exclamou ela, dobrando o casaco no encosto do sofá. — Fazem a gente se sentir importante.

— São mais altos que os do Plaza? — perguntei, pegando seu casaco e pendurando-o no armário com o meu.

— Mais ou menos da mesma altura. As salas daqui são maiores.

Ela aceitou o drinque que lhe ofereci, e então fui até a cozinha preparar dois uísques *sour*. Quando voltei trazendo os copos, ela estava no umbral da porta do quarto, olhando para a cama de casal:

— São essas as acomodações — eu disse, passando-lhe o copo. — A gente se arranja de algum jeito.

— Estou certa de que sim — insinuou ela. Epiphany tomou um gole da bebida, aprovando meus dotes de *barman*, e sentou-se no sofá diante da lareira. — Ela pode ser usada?

— Sim, desde que eu me lembre de comprar madeira.

— Não deixarei que esqueça; é um pecado não usá-la.

Abri minha mala e mostrei-lhe o poster de El Çifr:

— Sabe algo sobre esse sujeito?

— El Çifr? É uma espécie de *swami*, um sábio hindu. Anda lá pelos lados do Harlem há anos, pelo menos desde que eu era garotinha. Tem sua própria pequena seita, mas reza em qualquer lugar onde é convidado, para o Pai da Graça, para o Pai Divino, para os muçulmanos, qualquer um, até para a Igreja Abissínia. Recebo seus posters pelo correio umas duas vezes por ano, e penduro na vitrine do mesmo modo que faço com entidades de caridade e com a Cruz Vermelha. Você sabe, serviço de utilidade pública.

— Já o encontrou pessoalmente alguma vez?

— Nunca. Por que estaria interessada em El Çifr? Ele tem algo a ver com Johnny Favorite?

— Talvez. Não tenho certeza.

— Ou será que não quer me dizer?

— Vamos deixar uma coisa bem clara desde já: não comece a querer: arrancar informações de mim.

— Desculpe. Só fiquei curiosa. Acho que também faço parte disso tudo.

— Faz, mas não por vontade própria. É por isso que não deve saber de certas coisas.

— Tem medo de que eu conte a alguém?

— Não. Tenho medo de alguém achar que você possa ter algo a contar.

Nossos drinques acabaram; preparei outros e sentei-me ao lado dela no sofá:

— Saúde — brindou Epiphany.

— Vou ser honesto com você, Epiphany. Estou tão perto de encontrar Johnny Favorite quanto estava na noite em que nos conhecemos. Favorite era seu pai, sua mãe deve ter lhe falado sobre ele. Tente se lembrar de qualquer coisa que ela tenha dito, por mais insignificante que pareça.

— Ela não falou quase nada a respeito dele.

— Mas deve ter dito algo.

Ela mexeu no brinco, um pequeno camafeu banhado a ouro:

— Mamãe disse que ele era uma pessoa de força e poder. Ela o chamava de mágico; Obeah era um entre muitos caminhos que ele explorava. Mamãe disse que aprendera com ele muito sobre magia negra, mais até do que gostaria.

— Ela não estava interessada em magia negra?

— Mamãe era uma boa mulher; seu espírito era puro. Uma vez disse que Johnny Favorite estava mais próximo do verdadeiro Mal do que ela jamais ousaria chegar.

— E essa era provavelmente a causa da atração que sentia por ele.

— Talvez. Muitas vezes é por algum cafajeste que o coração de uma garota bate mais forte.

Será que o dela estaria batendo mais forte naquele momento?

— Pode lembrar de mais alguma coisa que sua mãe tenha dito?

Epiphany sorriu com um olhar felino:

— Bem, ela disse mais uma coisa; que ele era um amante fabuloso.

Pigarreei, enquanto ela se acomodava nas almofadas do sofá, esperando que eu tomasse alguma iniciativa. Pedi licença para ir ao banheiro.

A empregada economizara uma ida à despensa e deixara o esfregão e o balde encostados no espelho, que ocupava toda uma parede, e o avental pendurado no cabo do esfregão. Enquanto subia o zíper da calça, disse a mim mesmo que era um idiota por estar me envolvendo com uma suspeita. Era anti ético, pouco inteligente, e mesmo perigoso: devia pensar no trabalho e dormir no sofá; só quando fui olhar para o espelho é que me dei conta do sorriso malicioso estampado em meus lábios.

Epiphany sorriu quando voltei à sala; ela tirara os sapatos e o terno, deixando à mostra o pescoço esguio:

— Gostaria de outro drinque? — perguntei, apanhando seu copo vazio.

— Por que não?

Preparei duas doses reforçadas, acabando com a garrafa, e, quando passei o copo a Epiphany, notei que os dois botões superiores de sua blusa estavam abertos. Pendurei o terno no espaldar da cadeira e afrouxei o nó da gravata, observado atentamente por seus olhos de topázio. O silêncio caiu sobre nós como um cilindro de vidro.

O fluxo de sangue martelava minhas têmporas quando sentei-me sobre um dos joelhos ao lado dela; peguei seu drinque inacabado e coloquei na mesinha ao lado do meu. Os lábios de Epiphany se abriram um pouco, e ela respirou pesadamente quando passei a mão por detrás de sua nuca e puxei-a para perto de mim.

33

NOSSA PRIMEIRA tentativa no sofá não passou de um emaranhado frenético de pernas e roupas. Três semanas de abstinência pouco contribuíram para aperfeiçoar minhas habilidades sexuais. Prometi uma melhor performance no caso de uma nova chance.

— Não tem nada a ver com chance — disse Epiphany, deixando a blusa desabotoada escorregar pelos ombros. — Sexo é o modo pelo qual conversamos com os deuses.

Vamos continuar a conversar no quarto? — Sugeri, desvencilhando-me da cueca e das calças.

— Falo sério — sussurrou ela, enquanto tirava minha gravata e desabotoava vagorosamente minha camisa. — Há uma história mais velha que a de Adão e Eva: a de que o mundo começou com a população dos deuses. Fazermos amor é como um espelho da criação.

— Não fale sério demais.

— Não é sério, é alegre — retrucou Epiphany, deixando o sutiã cair no chão. — A fêmea é o arco-íris; o macho, raios e trovão. Assim, desse modo.

Vestindo apenas cinta-liga e meias de náilon, Epiphany arqueou as costas suavemente com a facilidade de um mestre de ioga. Os músculos delicados de seu corpo forte e maleável contraíram-se sob a pele morena, enquanto suas mãos tocavam o chão formando um arco perfeito. Seus movimentos vagorosos, fáceis, eram como as maravilhas da Natureza, um vislumbre da perfeição. Ela foi abaixando o corpo até apoiá-lo apenas nos ombros, cotovelos e solas dos pés. Era a posição mais carnal que eu já vira uma mulher assumir.

— Sou o arco-íris — murmurou.

— E lá vêm os trovões e os raios — disse eu ajoelhando-me diante dela como um sacristão febril, e atingindo o centro de suas coxas abertas. Ela se aproximou com um movimento repentino, e me engoliu. O arco-íris era agora uma tigresa, com o abdômen retesado pulsando contra meu corpo.

— Não se mexa — sussurrou ela, contraindo os músculos com um pulsar rítmico. Foi difícil conter um grito de gozo quando atingi o orgasmo. Epiphany aninhou-se contra meu peito e eu rocei os lábios pela sua testa suada. — É melhor com tambores — disse ela.

— Você faz isso em público?

— Às vezes somos possuídas pelos espíritos. *Banda* ou *bambouché*, ocasiões em que se pode dançar e beber a noite toda e trepar até o amanhecer.

— O que é *banda* e *bambouché*?

Epiphany sorriu, acariciando meus mamilos:

— *Banda* é uma dança em honra a Guédé, muito selvagem e sagrada, e sempre feita nos *hounforts* da *société*, aquilo que você conhece como templo vodu.

— Toots dizia *humfo*.

— É a mesma palavra, só que em dialeto diferente.

— *E bambouché*?

— *Bambouché* é apenas uma festa: membros da *société* queimando um pouco de energia.

— Algo como uma quermesse?

— Sim, mas muitíssimo mais divertido.

Passamos a tarde como crianças, nus, rindo, tomando banhos, assaltando a geladeira, conversando com os deuses. Epiphany achou uma estação porto-riquenha no rádio, e dançamos até o suor tomar conta de nossos corpos. Quando sugeri sairmos para jantar, minha *mambo* faceira levou-me até a cozinha e passou *chantilly* em nossos sexos: foi a mais doce refeição que alguém poderia imaginar.

Quando a noite caiu, pegamos nossas roupas do chão e nos recolhemos ao quarto, acendendo várias velas encontradas na despensa. O corpo de Epiphany luzia como um fruto maduro na-luz pálida, um fruto para ser apreciado por inteiro. Entre uma degustação e outra, conversamos; perguntei a Epiphany onde ela havia nascido.

— No Hospital de Mulheres, na Rua 110. Mas fui criada por minha avó em Bridgetown, Barbados, até os seis anos. E você?

— Num pequeno lugar do qual você nunca ouviu falar, nos arredores de Madison. Atualmente já deve fazer parte da cidade.

— E você não deve voltar lá com freqüência, não é?

— Não o faço desde que fui para o Exército. Para ser exato, desde a semana seguinte a Pearl Harbor.

— Por que não? Não pode ser assim tão ruim.

— Não havia mais nada lá para mim. Meus pais morreram quando eu estava no hospital do Exército. Devia ter ido aos funerais, mas não estava em condições de viajar. Depois de receber alta, tudo o que me restava eram lembranças vagas.

— Era filho único?

Fiz que sim com a cabeça:

— Adotado. Mas isso só aumentou o amor deles por mim — disse aquilo como um escoteiro prestando juramento. Crença no amor deles era o que eu tinha em lugar de patriotismo; perdurou

por anos e anos, tempo no qual mesmo as feições deles se apagaram de minha memória. Por mais que tentasse, lembrava-me apenas de instantâneos desfocados do passado.

— Wisconsin — disse Epiphany. — Não me admira que fale de quermesses.

— Também de danças de quadra, vendas de bolos, carros envenenados.

Ela adormeceu nos meus braços, enquanto eu permaneci acordado ainda por longo tempo, a observá-la. Seus seios subiam e desciam acompanhando o movimento suave da respiração, os mamilos eram como confeitos de chocolate na luz das velas. Devia estar sonhando, porque de vez em quando as pálpebras se agitavam. Parecia uma garotinha; a expressão inocente em nada lembrava o êxtase estampado no rosto quando ela avançou sobre mim uivando como uma tigresa.

Foi loucura ter me envolvido com ela. Aqueles dedos roliços sabiam como manejar uma faca sem o menor escrúpulo. Se fora ela quem matara Toots e Margaret Krusemark, eu estava numa grande enrascada.

Não me lembro de ter caído no sono. Adormeci ainda tentando conter meu sentimento de ternura por uma garota que eu tinha todas as razões para considerar extremamente perigosa, como diziam os cartazes de PROCURA-SE.

Meus sonhos eram uma sucessão de pesadelos. Imagens violentas, distorcidas, alternadas com cenas de completa desolação. Estava perdido numa cidade desconhecida, de ruas vazias. Quando cheguei a um cruzamento, as placas nos postes estavam em branco; nenhum dos prédios parecia familiar, não tinham janelas e eram todos muito altos.

Vi uma silhueta ao longe pregando um cartaz numa parede. Ao passo que as tiras iam sendo coladas, uma imagem começava a se formar. Aproximei-me.- a cara de Louis Cyphre sorria no cartaz, um sorriso de curinga indo de orelha a orelha, como o do sr. Tilyou

do Parque Steeplechase. Gritei, e o homem virou-se com o pincel na mão — era Cyphre e estava rindo. O cartaz partiu-se em dois e abriu como a cortina de um teatro, revelando uma infinita extensão de colinas arborizadas. Cyphre largou o pincel e o pote de cola e correu para dentro, enquanto eu ia em seu encalço, perseguindo-o por entre os arbustos. De algum modo acabei perdendo-o de vista e, quando dei por mim, era eu quem estava perdido.

A trilha de gamo pela qual eu seguia contornava parques e alamedas. Ao parar para beber água num riacho, encontrei uma pegada no musgo da margem; momentos depois, um grito agudo perturbou a tranqüilidade reinante. Ouvi-o ainda uma segunda vez antes de correr em sua direção. Um terceiro grito guiou-me até a entrada de uma pequena clareira, em cujo extremo oposto um urso atacava uma mulher. Corri ao encontro deles: o enorme carnívoro arrastava sua vítima pela perna como se ela fosse uma boneca de pano. Vi o rosto ensangüentado da mulher: era Epiphany

Atirei-me contra o urso sem pensar duas vezes, mas ele ergueu-se sobre as patas traseiras, acertando-me em cheio com a pata dianteira. Apesar das presas e do focinho, o urso parecia-se nitidamente com Cyphre. Quando recobrei a consciência, estirado alguns metros adiante, Cyphre estava nu no meio da folhagem alta e, ao invés de atacar Epiphany, fazia amor com ela. Rastejei até onde ele estava e agarrei-o pelo pescoço, tirando-o de cima de Epiphany, que soluçava. Nos engalfinhamos na grama, e, embora ele fosse mais forte, não me custou muito apertar sua garganta até ele ficar roxo.

Epiphany, ao lado, gritava. Seus gritos me acordaram.

Sentei na cama, com as pernas ao redor da cintura de Epiphany, cujos olhos estavam congelados de terror e medo. Minhas mãos a estrangulavam. Ela agora parara de gritar.

— Oh, meu Deus! Você está bem? — perguntei.

Epiphany respirou com dificuldade, arrastando-se para um canto seguro da cama quando tirei meu peso de cima dela:

— Você deve ser louco — exclamou, tossindo.

— Às vezes temo que seja mesmo.

— O que deu em você? — ela disse, esfregando o pescoço ainda marcado pela pressão de meus dedos.

— Não sei. Quer um pouco d'água?

— Sim, por favor.

Fui até a cozinha e voltei com um copo de água gelada.

— Obrigada — agradeceu ela, sorrindo quando lhe passei o copo. — Trata assim todas as mulheres que dormem com » você?

— Geralmente, não. Estava tendo um sonho.

— Que tipo de sonho?

— Sonhei que alguém a machucava.

— Alguém que você conhece?

— Sim. Tenho sonhado com ele todas as noites, sonhos violentos, loucos; pesadelos. E o mesmo homem sempre volta a aparecer, zombando de mim, causando dor. Esta noite sonhei que ele a machucava.

Epiphany pôs de lado o copo e segurou minha mão:

— Parece que algum *boko* colocou um poderoso *wanga* em você.

— Fale de um jeito que eu possa entender, boneca.

— É melhor eu ensiná-lo logo — disse ela, rindo. — Um *boko* é um mau *hungan*. Que lida apenas com magia negra.

— *Um hungan?*

— Um sacerdote de Obeah. O mesmo que *mambo*, como eu, só que homem. *Wanga* é o que vocês chamam de maldição. O que contou a respeito de seus sonhos me faz pensar que você está sob o poder de algum feiticeiro.

— Alguém está usando magia contra mim? — perguntei, sentindo o coração bater mais forte.

— É o que parece.

— Poderia ser o homem que aparece nos *sonhos*?

— Muito provavelmente. Você o conhece?

— De certo modo. Digamos que me envolvi com ele recentemente.

— Johnny Favorite?

— Não, mas está ficando quente.

Epiphany segurou meu braço.

— Este é o tipo de negócio em que meu pai estava metido, ele era um adorador do demônio.

— E você não é a mesma coisa? — indaguei, alisando seu cabelo.

— É isso o que você pensa? — Ofendeu-se ela, afastando-se.

— Sei que é uma *mambo* vodu.

— Sou uma *mambo*, sim, e trabalho pelo bem, o que não significa que não conheça o mal. É preciso estar atento quando se tem um adversário tão poderoso.

— Acha que pode fazer um encanto para me proteger em meus sonhos? — perguntei, colocando o braço ao redor dela.

— Poderia, se você tivesse fé em minha crença.

— Minha fé está aumentando a cada minuto. Desculpe se a machuquei.

— Está tudo bem. — Ela beijou-me a orelha. — Sei de uma maneira de fazer a dor desaparecer. E sabia mesmo.

34

QUANDO ABRI meus olhos, partículas de poeira dançavam num estreito fecho de luz do sol da manhã. Epiphany dormia a meu lado, com o braço delgado e o ombro cor de canela por sobre os cobertores. Sentei-me e apanhei um cigarro, recostando-se no travesseiro. O raio de sol dividia a cama, contornando a topografia de nossos corpos como uma fina estrada dourada.

Inclinei-me e beijei as pálpebras de Epiphany; foi quando começaram as pancadas na porta da frente. Somente um tira poderia se anunciar com tamanho alarido:

— Vamos! Abra aqui, Angel! — Era Sterne.

Epiphany acordou apavorada, arregalando os olhos. Levei o dedo aos lábios, pedindo silêncio:

— Quem é? — perguntei, fazendo uma voz de quem está sonado.

— Tenente Sterne. Vamos, Angel, não temos o dia todo.

— Só um minuto.

Epiphany sentou-se, os olhos bem abertos, aguardando em pânico silencioso alguma explicação:

— É a polícia — sussurrei. — Não sei o que querem. Provavelmente só conversar. É melhor você ficar aqui.

Ela balançou a cabeça negativamente, saindo do quarto com largas passadas. Ouvi a porta do banheiro fechar-se devagar, enquanto me levantava e empurrava as roupas de Epiphany para debaixo da cama. As batidas continuavam. Levei a maleta de Epiphany até o armário e guardei-a na prateleira superior, sob minhas malas de viagem.

— Estou indo, estou indo — gritei, colocando um roupão amarfanhado. — Não precisa botar a porta abaixo.

Na sala de estar encontrei uma das meias de Epiphany pendurada no encosto do sofá. Amarrei-a ao redor da cintura, sob o roupão, e abri a porta.

— Já era tempo — bufou Sterne, entrando. O sargento Deimos veio logo atrás, com um terno verde-oliva e chapéu-panamá. Sterne usava a mesma roupa de pele de cabra, mas sem a capa cinza.

— Vocês, rapazes, são como pássaros anunciando a primavera — eu disse.

— Dormindo até tarde como de costume, Angel? — disse Sterne, empurrando para trás o chapéu manchado de suor e examinando a desordem da sala. — O que aconteceu aqui, uma batalha campal?

— Cruzei com um velho amigo dos tempos de guerra. Acho que fizemos uma pequena celebração ontem à noite.

— Eh, vida boa, hem, Deimos? — Disse Sterne. — Farra a noite inteira, bebe no escritório, dorme à hora que quer. Fomos burros em ter entrado para a Polícia. Qual era o nome desse seu amigo?

— Pound — improvisei —, Ezra Pound.

— Ezra? Parece nome de fazendeiro.

— Mas não é. Tem uma loja de acessórios para carros em Hailey, Idaho. Saiu daqui direto para o aeroporto, às cinco da manhã.

— Tem certeza de que está dizendo a verdade?

— E eu iria mentir para o senhor, tenente? Olhe, estou precisando urgentemente de um café. Vocês se incomodam se eu

colocar a chaleira no fogo?

— Vá em frente — disse Sterne, sentando-se no braço do sofá. — Se a gente não gostar, joga na privada.

Como que aproveitando a deixa, ouviu-se um barulho alto de algo batendo ao banheiro.

— Há alguém aí? — disse Deimos, apontando o polegar para a porta fechada.

A porta do banheiro se abriu e Epiphany apareceu com o avental cinza de empregada, o balde e o esfregão, um trapo sujo de pano prendendo o cabelo. Entrou na sala com o andar desengonçado de uma velha encarquilhada.

— Já acabei o banheiro, senhor Angel — disse ela em tom de lamúria, com voz anasalada. — Vejo que tem companhia; voltarei mais tarde, se o senhor não se importa.

— Faça como quiser, Ethel — respondi, contendo o riso enquanto ela passava por mim, com seu andar vacilante. — Devo sair logo, entre quando quiser para terminar o serviço.

— Pode ficar sossegado. — Ela estalou os lábios como se sua dentadura estivesse fora do lugar e se dirigiu para a porta. — Bom dia, senhores. Espero não ter atrapalhado muito.

Sterne encarou-a boquiaberto, enquanto Deimos, estático, coçava a cabeça. Fiquei imaginando se eles haviam notado que Epiphany estava descalça, e preni a respiração até que a porta se fechasse.

— Essa gente — murmurou Sterne —, nunca deveríamos ter deixado que saíssem da selva.

— Ah, Ethel não dá problemas — eu disse da cozinha, enchendo a chaleira. — É um pouco obtusa, mas mantém o lugar limpo e arrumado.

— É, tenente — zombou Deimos —, alguém tem que limpar as privadas.

Sterne encarou o parceiro com desgosto, como se limpar banheiros fosse uma tarefa para a qual o sargento estivesse melhor qualificado.

— O que querem de mim, rapazes? — perguntei, após regular a chama do fogão de duas bocas e pôr uma fatia de pão na torradeira.

Sterne levantou-se do sofá e foi até o vestíbulo, encostando-se à parede ao lado da geladeira.

— O nome Margaret Krusemark significa alguma coisa para você?

— Absolutamente nada.

— O que sabe a respeito dela?

— Só o que li nos jornais.

— O que foi que leu?

— Que era filha de um armador milionário e foi assassinada outro dia.

— Algo mais?

— Não posso estar a par de todos os assassinatos que acontecem na cidade. Tenho meu próprio trabalho a fazer.

— E quando faz isso? — perguntou Sterne, mudando de posição e fixando o olhar em algum ponto no teto acima de minha cabeça. — Quando está sóbrio?

— O que é isso? — gritou da sala o sargento Deimos. Coloquei a cabeça no corredor e lá estava ele, ao lado de minha pasta aberta, segurando o cartão que eu achara na escrivaninha de Margaret Krusemark.

— Isto? — Disfarcei, com um sorriso. — É o convite da primeira comunhão do meu sobrinho.

— Por que está escrito em língua estrangeira? — perguntou Deimos, olhando para o cartão.

— É latim.

— Com ele, tudo é em latim — disse Sterne, com os lábios fechados.

— O que significa esse troço aqui em cima? — Deimos apontou para o pentagrama invertido.

— Posso ver que vocês não são católicos — eu disse. — É o emblema da Ordem de Santo Antônio. Meu sobrinho é coroinha.

— Parece com uma coisa que a Krusemark estava usando.

— Talvez ela também seja católica — observei, passando manteiga na fatia de pão, que pulara na torradeira.

— Católica coisa nenhuma — atalhou Sterne. — Acho que pagã é a melhor definição para ela.

— E o que tudo isso tem a ver com o preço do salame? — brinquei, mordendo a torrada. — Pensei que estivessem investigando a morte de Toots Sweet.

— Você está certo, Angel — disse Sterne, deitando seu olhar de cabra morta sobre mim. — Acontece que o *modus operandi* de ambos os crimes é muito similar.

— Acha que eles estão relacionados?

— Talvez eu devesse perguntar isso a você.

— E em que isso ajudaria? — perguntei, baixando o fogo do café, que começara a borbulhar. — Já que é assim, por que não pergunta ao cara da recepção lá embaixo?

— Não banque o esperto, Angel. O pianista acreditava em vodu. Essa tal Krusemark era obcecada por estrelas e constelações, e, ao que parece, também chegada a uma magiazinha negra. Ambos foram mortos na mesma semana, com diferença de um dia, sob circunstâncias extremamente parecidas, por uma pessoa desconhecida, talvez mais de uma.

— De que maneira as circunstâncias se parecem?

— Isto é algo que não podemos revelar.

— Como posso ajudá-los, então, se não sei o que querem? — perguntei, pegando três xícaras no armário.

— Está escondendo algo de nós, Angel?

— E por que não deveria? — Apaguei o fogo e servi o café.
— Não trabalho para a polícia.

— Ouça aqui, espertinho; liguei para o tal advogado de que me falou. Parece que você conseguiu... Pode ficar de boca fechada e nós não podemos botar as mãos em você. Mas, se eu descobrir que você infringiu alguma lei, mesmo que seja estacionar em local proibido, vou pegar você direitinho; não vai conseguir licença nem para vender amendoins nesta cidade.

— Eu sempre obedeco a lei, tenente — disse, respirando a fragrância do vapor do café, antes de tomar um gole.

— Não me venha com essa. Caras como você não obedecem coisa alguma. Algum dia, muito em breve, você vai dar um passo em falso, e eu estarei lá, esperando, de braços abertos.

— Seu café está esfriando.

— Dane-se o café! — rosnou Sterne, os lábios arreganhados deixando à mostra os dentes tortos, amarelados, e bateu com as costas das mãos nas canecas, que se espatifaram na parede, espalhando cacos pelo chão. Sterne olhou pensativamente para a

mancha marrom chapinhada, como alguém que aprecia uma pintura numa galeria. — Parece que fiz uma bagunça; a negra que limpe quando eu for embora.

— E poderia me dizer quando isso vai acontecer? — perguntei.

— Quando eu bem entender.

— Da minha parte não há problema. — Peguei minha xícara e sentei-me no sofá da sala de estar. Sterne encarou-me como se eu fosse algo desagradável no qual houvesse acabado de pisar. Deimos olhou para o teto.

Segurei a xícara com ambas as mãos, ignorando-os. Deimos começou a assobiar, mas desistiu após quatro notas desafinadas. São tiras de estimação, é o que diria a amigos que fossem me visitar. São melhores companhias que periquitos, e uma garantia contra assaltos.

— Tudo bem, vamos dar o fora — rosnou Sterne. Deimos tomou-lhe a frente como se a decisão fosse sua.

— Voltem logo — provoqueei.

Sterne afundou o chapéu de brim na cabeça:

— Estarei esperando que dê um passo em falso, idiota. — E bateu a porta com força o bastante para derrubar da parede do vestibulo uma litografia, estilhaçando o vidro da moldura.

35

ESTAVA PENDURANDO O quadro de volta na parede quando ouvi uma leve batida na porta da frente:

— Entre, Ethel, está aberta.

— Eles se foram para sempre? — perguntou Epiphany, pondo a cara para dentro da sala, ainda com o pano na cabeça.

— Provavelmente, não. Mas não voltarão a nos incomodar hoje.

Ela trouxe o balde e o esfregão para dentro do apartamento, fechou a porta, e desatou num riso forçado, no qual havia um quê de histeria. Quando a tomei nos braços, pude sentir seu corpo tremendo:

— Você esteve ótima — elogiei.

— Espere até ver a limpeza que fiz no banheiro.

— Onde ficou até agora?

— Escondi-me na escada de incêndio até ouvi-los sair.

— Está com fome? Há um bule de café pronto e ovos na geladeira.

Preparamos o café da manhã, uma refeição que não estou acostumado a fazer, e levamos os pratos para a sala de estar. Epiphany mergulhou uma torrada na gema do ovo:

— Eles acharam alguma de minhas coisas?

— Não, eles não estavam procurando nada, na verdade. Um deles xeretou em minha mala e descobriu uma coisa que tirei do apartamento de Krusemark, mas não sabia o que era. Diabos, nem eu sei do que se trata.

— Posso dar uma olhada?

— Por que não? — Levantei-me e mostrei-lhe o cartão.

— "MISSA NÍGER. *Invicto te venire ad clandestinum ritum...*" — Ela segurou o cartão como se fosse um ás de espadas. — É o anúncio de uma missa negra.

— Uma o quê?

— Missa negra. É um tipo de cerimônia mágica, adoração do diabo. Não conheço muito a respeito.

— Como pode estar tão certa, então?

— Porque sei ler latim.

— Como aprendeu?

— O que mais você aprende após dez anos num colégio de freiras? — disse ela, sorrindo com prazer.

— Colégio de freiras?

— Sim, o Sagrado Coração. Minha mãe não tinha em boa conta as escolas públicas. Ela acreditava em disciplina: "Aqueles freiras vão colocar algum juízo nessa sua cabeça dura", era o que costumava dizer.

— A princesa do vodu no Sagrado Coração — eu disse, rindo. — Adoraria ver seu álbum de fotografias da escola.

— Mostrarei a você qualquer dia. Era presidente da classe.

— Posso apostar que era. Consegue traduzir tudo o que está aí?

— Fácil — disse Epiphany com um sorriso. — "Você está convidado a comparecer a uma cerimônia em honra a Satã, nosso Senhor, e seu poder"; isso é tudo. A data está aqui, é vinte e dois de

março; a hora, nove da noite. E aqui embaixo diz: Estação de Metrô da Rua Dezoito.

— E a estrela de cabeça para baixo com a cabeça de bode? Tem alguma idéia do que significa?

— Estrelas são um símbolo importante em todas as religiões que conheço; a estrela islâmica, a estrela de Belém, a de Davi. O talismã de Agove Royo também tem estrelas.

— Agove Royo?

— Obeah.

— Este convite tem algo a ver com vodu?

— Não, não, isto é adoração do demônio — admirou-se Epiphany, chocada com minha ignorância. — O bode é o símbolo do diabo. Uma estrela invertida significa má sorte. Provavelmente outro símbolo satânico.

— Você vale seu peso em ouro, garota. — Puxei Epiphany para junto de mim, abraçando-a. — Obeah tem algum demônio?

— Muitos demônios.

Ela sorriu para mim, e dei um leve tapa afetuoso em seu traseiro. Belo traseiro.

— É hora de iniciar meus estudos em magia negra. Você pode me ajudar a fazer a lição de casa.

Era uma bela manhã, quente o bastante para sair sem casaco. Os raios de sol refletiam nas partículas de mica nas calçadas. Ainda faltava um dia para o início oficial da primavera, mas tempo bom como aquele de novo, talvez só em maio. Epiphany, de saia e suéter, parecia uma colegial. Subindo de carro pela Quinta, perguntei-lhe sua idade:

— Dezesete, no último dia seis de janeiro.

— Cristo, você não tem idade nem para comprar um drinque num bar.

— Não é verdade. Dependendo de como estiver vestida, sou servida sem problemas. Eles nem pediram minha identidade no Plaza.

Eu acreditei nela; com aquele casaco cor de ameixa parecia cinco anos mais velha.

— Não é um pouco nova demais para cuidar da loja?

— Sou responsável pelo inventário e pela contabilidade desde que minha mãe adoeceu — a expressão divertida dela continha um traço de escárnio. — Só fico no balcão à noite. Durante o dia tenho dois ajudantes.

— E o que faz durante o dia?

— Estudo. Estou no primeiro ano da faculdade.

— Bom. Deve estar acostumada com bibliotecas. Deixarei a pesquisa em suas mãos.

Aguardei na sala de leituras principal enquanto Epiphany pesquisava o fichário. Catedráticos de todas as idades ocupavam as compridas mesas de madeira com abajures numerados, como uniformes de presidiários. A sala tinha tetos tão altos quanto uma estação de trem, e enormes candelabros suspensos como bolos de noivado de ponta cabeça. Apenas algumas tossidas abafadas perturbavam o silêncio reinante.

Encontrei um lugar vazio na ponta de uma mesa de leitura. O número no abajur correspondia ao de uma plaqueta oval de latão parafusada na superfície da mesa: 666. Lembrei-me do *maître* esnobe do Top of the Six e mudei de lugar; o 724 parecia ser muito mais confortável.

— Espere até ver o que encontrei — disse Epiphany, despejando na mesa um monte de livros, o que levantou uma

nuvem de pó e chamou a atenção de várias pessoas. — Uma parte disso é lixo, mas há um exemplar do *Livro de Magia do Papa Honório*, edição particular de mil setecentos e cinqüenta e quatro.

— Não entendo francês.

— Está em latim; vou traduzir. Aqui está uma nova edição, contém principalmente desenhos.

Apanhei o grosso volume e abri ao acaso numa pintura medieval, de página inteira, mostrando um ser chifrudo com escamas de lagarto e garras em lugar de pés, que soltava fogo pelas orelhas e pela boca; a legenda indicava: SATÃ, PRÍNCIPE DOS INFERNOS. Folheei as páginas seguintes. Uma gravura em madeira do século 16 ou 17 mostrava uma mulher de saia-balão ajoelhada atrás de um diabo nu, que tinha a compleição física de um salva-vidas, asas, cabeça de bode e unhas compridas. A mulher abraçava suas pernas, sorrindo, com o nariz postado diretamente sob a cauda erguida do monstro:

— O beijo abominável — explicou Epiphany, olhando por cima de meu ombro. — É a maneira pela qual uma bruxa tradicionalmente selava sua obediência ao demônio.

— Acho que eles não tinham cartórios naquela época. — Passei os olhos por mais algumas páginas, observando uma sucessão de diabos e similares. Havia várias estrelas de cinco pontas invertidas na seção de talismã. Indiquei a Epiphany uma em cujo interior fora impresso o número 666. — Eis o número que mais detesto.

— É do Livro das Revelações.

— O quê?

— A Bíblia: "Quem tiver a perspicácia que calcule o número da besta, porque é o número de um homem, e esse número é seiscentos e sessenta e seis".

— Fala sério?

— Será que você não sabe de coisa alguma?! — ralhou Epiphany, franzindo o cenho para mim por detrás das lentes de seus óculos de leitura.

— Absolutamente nada, mas estou aprendendo rápido. Aqui está uma mulher com o mesmo nome do restaurante onde almocei ontem — mostrei a ela a representação de uma matrona vestindo um manto encapuzado.

— *Voisin* quer dizer vizinha em francês — disse ela.

— Aquelas freiras realmente fizeram um bom trabalho com você. Aqui, leia a legenda.

Epiphany pegou o livro e começou a ler em voz baixa as letras miúdas sob a ilustração:

— Catherine Deshayes, chamada La Voisin, uma feiticeira e cartomante da alta sociedade. Preparou missas negras para a Marquesa de Montespan, amante do rei Luís Catorze, bem como para outros notáveis da corte. Presa, torturada, julgada e condenada em mil seiscentos e oitenta.

— É exatamente o livro de que precisávamos.

— É interessante, mas o que realmente contam são esses: *Malleus Maleficarum*, *A Descoberta da Bruxaria*, de Reginald Scott, *Magick*, de Aleister Crowley, e os *Segredos de Albertus Magnus*, e...

— Ok, ótimo. Quero que vá para casa, se ajeite no sofá e os leia. Assinale as passagens que achar importantes, especialmente coisas ligadas a missas negras.

— Não vem comigo? — perguntou Epiphany, empilhando os livros.

— Tenho trabalho a fazer. Você estará bem lá. Tome, aqui está a chave do apartamento. — Peguei vinte dólares da carteira e entreguei a ela. — Isto é para quaisquer despesas que você tiver.

— Tenho meu próprio dinheiro.

— Guarde-o. Talvez eu vá precisar dele mais tarde.

— Não quero ficar sozinha.

— Passe a corrente na porta. Tudo correrá bem.

Coloquei Epiphany no táxi, arrumando os livros a seu lado no banco. Ela estava amedrontada, o que a fazia parecer uma garotinha. Nosso beijo apaixonado de despedida mereceu um olhar de desdém de dois executivos que passavam e aplausos e assobios de um engraxate gazeteiro sentado aos pés da estátua de leão que ornamentava a entrada da biblioteca.

36

DEIXEI O CHEVY na garagem e voltei à Broadway pela 44, do lado da calçada banhada pelo sol. Caminhava tranqüilo, apreciando o tempo, quando avistei Louis Cyphre saindo da entrada principal do Astor. Ele vestia um terno de *tweed*, boina marrom, botas de montaria de cano alto, bem engraxadas, luvas e carregava uma sacola de couro enrugado.

Vi-o recusar quando o porteiro ofereceu-se para chamar um táxi; dirigiu-se apressadamente para o centro, passando pelo Edifício Paramount. Pensei em segui-lo, mas imaginei que ele estivesse indo para meu escritório, e decidi economizar minhas energias; além disso, eu estava próximo demais para segui-lo. Mas, quando ele passou rápido pela entrada de meu prédio, voltei-me instintivamente e procurei abrigo junto à vitrine de uma loja, mal conseguindo conter a curiosidade. Observei da esquina quando ele atravessou a 42 e seguiu para o leste; resolvi acompanhá-lo pelo lado oposto da rua.

Cyphre, vestido como quem vai ao Leilão de Cavalos no Garden, sobressaía-se em meio à multidão de malandros, drogados, gigolôs e foragidos da 42. Achei que seu destino fosse Port Authority, mas, para minha surpresa, ele parou no meio do quarteirão e entrou no Hubert's Museum and Flea Circus.

Atravessei como um louco as quatro pistas de tráfego intenso, dando de cara com um cartaz na entrada do museu: O ASSOMBROSO DR. CIPHER, ilustrado com fotos oito por doze de meu cliente, usando fraque e cartola como Mandrake, o mágico. ENTRADA RESTRITA, finalizava o anúncio.

O andar térreo do Hubert era um fliperama, o palco ficava no subsolo. Comprei um ingresso e entrei na sala escura, sentando-me em frente à mureta alta de madeira que mantinha a platéia — na verdade, cinco pessoas além de mim — afastada do palco, pequeno

e fortemente iluminado. Uma robusta dançarina fazia evoluções com o ventre ao som de um lamento árabe.

Que diabos estava o elegante Louis Cyphre fazendo num lugar ordinário como aquele? Apresentações em circos de pulgas não pagam limusines ou advogados em Wall Street; talvez esse fosse seu meio de divertir-se. Ou então era uma armadilha, preparada para me fisgar.

Quando o disco riscado chegou ao fim, alguém nos bastidores fê-lo tocar novamente. A dançarina parecia enfadada; olhou para o teto, com a mente distante dali. A música ainda chegou a recomeçar uma terceira vez antes que a vitrola fosse desligada e ela pudesse se retirar rapidamente do palco.

Ninguém aplaudiu.

Ficamos quietos, os seis, na platéia, até aparecer um velho esquisito, usando uma túnica vermelha com elásticos no antebraço. Sua voz anasalada anunciou:

— Senhoras e senhores, é com profundo respeito e admiração que lhe apresentamos o assombroso, misterioso, inesquecível Doutor Cipher. Vamos dar-lhe uma recepção calorosa — as únicas palmas ouvidas foram as do próprio velho, ao se dirigir para a coxia.

As luzes foram enfraquecendo até se apagarem completamente. Ouviu-se um baque surdo e cochichos nos bastidores, como ocorre em peças de teatro amador, seguidos de um *flash* fosforescente. As luzes voltaram logo depois, mas eu ainda demorei a recobrar a visão e, quando isso aconteceu, uma mancha azul-esverdeada pairava sobre a figura no palco, obscurecendo suas feições.

— Qual de nós sabe como terminarão nossos dias? Quem pode prever o amanhã? — proclamou Louis Cyphre, sozinho no centro do tablado, cercado por um feixe de fumaça e pelo odor de magnésio queimado. Usava um fraque preto comprido e um colete de dois botões, tendo ao lado uma mesa sobre a qual estava uma

maleta com dobradiças, do tamanho de uma caixa de biscoitos. — O futuro é um texto não escrito, e aquele que se aventura a ler suas páginas em branco o faz por sua própria conta e risco.

Cyphre retirou as luvas e fez com que desaparecessem com um estalar de dedos. Pegou então uma bengala de ébano na mesa e fez um gesto na direção da coxia. A dançarina reapareceu, envolta num manto de veludo que arrastava pelo chão:

— O tempo pinta um retrato que homem algum pode ignorar — Cyphre descreveu um pequeno círculo com as mãos acima da cabeça da mulher, que começou a girar em torno de si mesma. — Qual de nós ousaria olhar para o resultado final? É diferente de nos observarmos no espelho dia após dia; aí, a nuance da mudança passa despercebida.

A dançarina virou-se de costas para a platéia, em cuja direção Cyphre brandiu a bengala de ébano, como uma espada:

— Aqueles que se atrevem a querer conhecer o futuro, olhem para mim com terror! — desafiou ele, enquanto a mulher encarava a audiência: uma velha desdentada, o rosto arruinado emoldurado por uns poucos fios de cabelo grisalho. Um de seus olhos, cego, reluziu como cerâmica esmaltada na luz dos holofotes. Eu não a vira colocar máscara alguma, e o efeito de sua transformação era aterrador, a ponto de o bêbado a meu lado, num sobressalto, ter ficado sóbrio. — A carne é mortal, meus amigos, e a luxúria crepita e morre como uma vela no vento. Cavalheiros, ofereço-lhes os prazeres que há pouco despertaram sua cobiça.

A um movimento da bengala de Cyphre, a dançarina abriu as dobras do pesado manto: ela ainda usava a roupa ornada com borlas, mas os seios haviam murchado; o ventre, antes robusto, agora pendia frouxo entre ancas esqueléticas. Ela mudara completamente — não havia como falsear os sulcos dos joelhos ou as coxas flácidas:

— A que fim estaremos destinados? — perguntou Cyphre.

— Obrigado, querida; sua presença foi muito esclarecedora.

— Ele despediu a anciã com outro movimento de bengala, e ela retirou-se do palco, coxeando, sob aplausos indecisos. O dr. Cipher ergueu a mão, agradecendo — Obrigado, meus amigos —, e fez um meneio gracioso com a cabeça. — Ao fim de cada trilha jaz um túmulo. Somente a alma é imortal. Guardem bem esse tesouro: seu invólucro decadente é apenas o meio de transporte temporário de uma viagem infinita.

— Deixem que lhes conte uma história — recomeçou ele.

— Quando era jovem e estava apenas iniciando minhas viagens, tive a oportunidade de conhecer um marinheiro aposentado num bar defronte ao mar em Tanger. Meu interlocutor era alemão, nascido na Silésia, mas gozando seus últimos dias sob o sol marroquino, passando o inverno em Marrakesh e bebendo nos verões em qualquer porto que lhe apetecesse. Comentei que ele havia encontrado um ancoradou-ro confortável. "Tem sido um navegar tranqüilo já há quarenta e cinco anos", ele me falou. Então, comentei que ele era um homem de sorte por não ter enfrentado nenhuma das tempestades da vida. "Sorte", riu-se o velho lobo do mar, "é assim que chama? Considere-se sortudo, então: tenho que passá-la adiante este ano". Pedi a ele que se explicasse, e é o seu relato que passo a lhes contar agora: quando ele tinha minha idade e saía ao mar pela primeira vez, encontrou um velho que vasculhava as areias das praias de Samoa, sendo por este presenteado com uma garrafa contendo a alma de um contramestre espanhol, membro da armada do Rei Felipe; qualquer doença ou infortúnio que porventura se abatesse sobre ele seria sofrido por aquele atormentado prisioneiro. Como a alma do espanhol foi parar na garrafa ele não sabia, mas quando chegasse aos setenta anos de idade, deveria entregar a garrafa ao primeiro jovem que a aceitasse, ou então seria obrigado a tomar o lugar do ser desafortunado que habitava seu interior. Foi quando o alemão me olhou tristemente. Faltava apenas um mês para o seu septuagésimo primeiro

aniversário. "Hora de saber como é realmente a vida", disse ele. Em seguida me deu a garrafa. Era uma peça artesanal, feita por um soprador de vidro, uma garrafa âmbar de rum fechada por um tampão de ouro, e percebia-se claramente que tinha centenas de anos.

O dr. Cipher esticou a mão por trás da maleta e pegou a garrafa:

— Atenção — disse ele, depositando-a sobre a maleta. Sua descrição fora exata, a não ser pela silhueta instável que se agitava lá dentro. — Tenho tido uma vida longa e feliz; mas ouçam — todos os seis espectadores esticaram o pescoço para a frente para escutar —, ouçam... — A voz de Cyphre transformou-se num sussurro. Ao silêncio que se seguiu, contrapôs-se um leve murmúrio, como cliques de papel revirando numa taça de cristal. Esforcei-me para compreender o que era aquele som; parecia vir do interior da garrafa:

— Ajudem-me... ajudem-me... — A mesma frase melódica, sobrenatural repetia-se indefinidamente. Tentei detectar algum movimento nos lábios de Cyphre, mas ele regozijava-se, sorrindo com um prazer selvagem, incontido.

— Misterioso destino! — exclamou ele. — Por que devo eu gozar de uma vida sem sofrimentos, enquanto uma alma humana está condenada à angústia eterna dentro de uma garrafa de rum? — perguntou, retirando do bolso um saco preto de veludo onde guardou seu tesouro. Puxou os cordões, fechando o saco, e desferiu-lhe um golpe com a bengala, arremessando-o para o ar e pegando-o antes que caísse no chão. Não houve barulho de vidro se quebrando. Louis Cyphre fez uma bola do veludo e enfiou-a no bolso, agradecendo os aplausos com um leve curvar de cabeça:

— Ainda tenho algo a lhes mostrar — disse ele. — Mas, antes que o faça, devo enfatizar que não sou adestrador de animais, e sim um mero colecionador de coisas exóticas. — Cyphre tocou com a bengala na maleta. — Comprei o que está aqui dentro em Zurique,

de um mercador egípcio que conheci em Alexandria. Segundo ele, aquilo que estão prestes a ver são almas originalmente encantadas na corte do Papa Leão Décimo, um divertimento para sua imaginação de Médici. Isto parece impossível, não parece?

Dr. Cipher desprendeu os fechos de metal da maleta, que se abriu num tríptico. Era um teatro em miniatura, com cenário e fundo pintados de acordo com a perspectiva meticulosa do Renascimento italiano. Camundongos brancos ocupavam o palco, todos vestidos com minúsculos brocados e sedas: lá estavam o Pierrô e a Colombina, Scaramouche e Arlequim, todos caminhando sobre as patas traseiras numa delicada pantomima, ao som do tilintar metálico de uma caixa de música:

— O egípcio assegurou que eles jamais morreriam — disse Cyphre. — Isto seria talvez um tanto extravagante. Posso apenas assegurar-lhes que não perdi nenhum em seis anos.

Os diminutos acrobatas equilibravam-se sobre cordas bambas e bolas coloridas, empunhavam espadas e guarda-sóis do tamanho de palitos de fósforo, davam cambalhotas e caíam sentados como que comandados por preciosos mecanismos:

— Presumivelmente, seres "encantados não precisam se alimentar — disse o dr. Cipher, inclinando-se deliciado para observar mais de perto o espetáculo. — No entanto, providencio-lhes água e comida diariamente, e posso acrescentar que eles têm um apetite incrível.

— Bonecos — exclamou o homem a meu lado na platéia —, eles só podem ser bonecos.

Como se tivesse escutado, Cyphre baixou o braço. O pequeno Arlequim subiu correndo pela manga de seu fraque e postou-se em seu ombro, respirando agitadamente. O encanto se quebrava: era apenas um roedor paramentado com uma minúscula vestimenta com apliques de diamante. Cyphre pinçou-o pela cauda rosada e devolveu o Arlequim ao palco onde ele começou a plantar bananeiras, algo que seria impossível para um rato fazer:

— Como vêem, não preciso de televisão — disse o dr. CIPHER, fechando o teatro em miniatura e erguendo a mala da mesa. — Toda vez que a caixa é aberta, a performance recomeça. Mesmo o *show-business* tem seu Purgatório.

Cyphre botou a bengala debaixo do braço e despejou algo sobre a mesa. Houve um clarão de luz, que cegou-me momentaneamente: pisquei e esfreguei os olhos, e quando recobrei a visão, só a mesa permanecia no palco. A voz de Cyphre fez-se ouvir, amplificada por algum alto-falante invisível:

— Zero, o ponto intermediário entre positivo e negativo, é um portal pelo qual todo homem tem de passar.

O velho que introduzira Cyphre adentrou o palco e carregou a mesa para os bastidores, enquanto o alto-falante começava a reproduzir uma gravação gasta de "Trem Noturno"; a dançarina reapareceu, rosada e saudável, e começou a dançar com movimentos tão mecânicos quanto a música. Subi apressadamente as escadas, experimentando novamente a sensação de desespero que me tomara de assalto no restaurante francês. Cyphre estava me ludibriando, confundindo minha mente com seus truques.

37

NA ENTRADA do Hubert, um rapaz gordo despregava as fotos de Cyphre da tabuleta envidraçada, observado por um sujeito nervoso que usava jaqueta do Exército e tênis.

— Grande show — eu disse. — Esse tal de doutor CIPHER é uma maravilha.

— Esquisito, é isso que ele é.

— Foi a última apresentação dele?

— Acho que sim.

— Gostaria de cumprimentá-lo. Há algum modo de se chegar aos camarins?

— Tarde demais — disse ele, desprendendo mais uma foto e guardando-a num envelope pardo. — Ele não gosta de perder tempo após o show.

— Tarde demais? Impossível.

— Ele usa uma gravação no fim da apresentação, para ganhar tempo. Nem troca de roupa.

— Ele estava com uma sacola de couro?

— Sim, e com uma grande mala preta também.

— Onde ele mora?

— Como posso saber? — disse o rapaz gordo, piscando. — O que você é, um tira?

— Não, nada disso. Só queria dizer ao doutor CIPHER que ele agora tem um novo fã.

— Diga ao agente dele — disse o empregado do Hubert, passando-me uma das fotos, cuja superfície brilhante era ofuscada pelo reluzente sorriso de Louis Cyphre. No verso do instantâneo estava escrito: *WARREM WAGNER ASSOCIADOS; WY.9-3500*. O moço trêmulo desviou a atenção para uma das máquinas no interior do fliperama. Devolvi a fotografia ao rapaz gordo, agradecendo-lhe. Peguei um táxi até a Broad- way, parando em frente ao Teatro Rivoli, do lado oposto ao Edifício Brill. O vagabundo do casaco do Exército parecia estar de folga desta vez. Tomei o elevador até o oitavo andar. A recepcionista de cabelos oxigenados pintara as unhas de prateado, e não parecia lembrar-se de mim:

— O senhor Wagner está? — indaguei, mostrando a ele meu cartão.

— Ele está ocupado no momento.

— Obrigado. — Contornei a mesa e escancarei a porta com a inscrição *PRIVADO*.

— Ei! — exclamou ela, tentando deter-me com suas garras de ave de rapina —, não entre — ainda tentou dizer-me quando fechei a porta em sua cara.

— Três por cento do bruto é um insulto — choramingava um anão metido num suéter de gola olímpica, sentado no velho sofá, balançando no ar os pés minúsculos.

— O que pensa que está fazendo, arrombando a porta desse jeito? — exclamou Warren Wagner Jr., olhando-me, furioso, da cadeira por detrás da escrivaninha marcada por brasas de cigarro.

— Conhece esse homem? — perguntou o anão com seu falsete estridente. Reconheci-o das comédias matinais dos sábados de minha infância: seus traços envelhecidos ainda eram os mesmos de quando ele era jovem, apenas a cor do cavanhaque negro pontudo mudara; era branco como as roupas dos comerciais de detergente.

— Nunca o vi antes em minha vida — rosnou Warren Jr. —
Caia fora, palhaço, antes que eu chame a polícia.

— Estive aqui na segunda-feira — eu disse, tentando manter
a calma enquanto falava —, estava trabalhando sob disfarce. —
Peguei a carteira e mostrei a ele minha licença.

— Então, grande coisa, você é detetive particular. Pensa que
isso lhe dá o direito de se intrometer numa reunião privada?

— Por que não economiza adrenalina, dizendo-me o que
quero saber? Pode se livrar de mim em trinta segundos.

— Johnny Favorite nada significa para mim — disse ele —,
era apenas uma criança naquela época.

— Esqueça Johnny Favorite. Fale-me sobre um cliente seu
que se auto denomina doutor Cipher.

— O que quer saber? Assinei contrato com ele na semana
passada.

— Qual é seu nome verdadeiro?

— Louie Seafur. Se quer saber como se soletra terá que pedir
a minha secretária.

— Onde ele mora?

— Janice pode ver isso para você também — disse ele. —
Janice!

'.'Unhas-prateadas" abriu a porta e olhou timidamente para o
interior do escritório:

— Sim, senhor Wagner? — guinchou ela.

— Providencie ao senhor Angel aqui a informação que ele
procura.

— Sim, senhor.

— Muito obrigado.

— Da próxima vez, bata antes de entrar.

Desta vez Janice não me privilegiou com seu sorriso ruminante à base de chiclete, mas procurou o endereço de Louis Cyphre no fichário circular, fazendo até o favor de anotá-lo para mim:

— Você é que ficaria bem num zoológico — disse, ao entregar-me o papel. Ela esperara uma semana para conseguir essa desforra.

O Hotel 1-2-3 ficava entre a Broadway e a Sexta, e devia o nome a seu endereço: Rua 46 Oeste, número 123. Remates elaborados, frontões e águas furtadas recauchutavam um outrora despretensioso prédio de tijolo aparente. Entrei e dei ao recepcionista meu cartão comercial, embrulhado numa nota de dez dólares:

— Quero o número do apartamento de um homem chamado Louis Cyphre — disse, soletrando o nome para ele. — E não precisa dizer nada ao inspetor de plantão.

— Lembro-me dele. Tinha barba branca e cabelo escuro.

— É esse o homem.

— Pediu a conta há uma semana.

— Deixou o endereço do lugar para onde foi?

— Não.

— E o quarto que ele usou, ainda está vago?

— Não encontraria nada lá; já foi limpo de cima a baixo.

Voltei para a calçada e para a luz do sol, dirigindo-me à Broadway. Era um belo dia para se andar a pé. Um trio do Exército

da Salvação, tuba, acordeão e tamborim, se apresentava para um vendedor de castanhas, sob a marquise do Teatro Loew, onde "Novos Camarotes" eram anunciados para a grande reabertura no domingo de Páscoa. Prestei atenção aos sons e odores, tentando lembrar-me do mundo real de uma semana atrás, quando ainda não existiam para mim coisas como feitiçaria. Usei uma estratégia diferente com o recepcionista do Astor:

— Com licença, talvez possa me ajudar. Meu tio deveria ter me encontrado no café há cerca de vinte minutos. Gostaria de ligar para ele, mas não sei o número de seu apartamento.

— Qual é o nome de seu tio, senhor?

— Cyphre; Louis Cyphre.

— Lamento muito. O senhor Cyphre pediu a conta esta tarde.

— O quê? Voltou para a França?

— Ele não deixou endereço algum conosco.

Eu deveria ter jogado tudo para o alto naquela hora e levado Epiphany para um passeio de barco ao redor de Manhattan. No entanto, acabei ligando para Hermann Winesap e exigindo uma explicação:

— Que diabos estava Louis Cyphre fazendo no Hubert Flea Circus?

— E por que isso seria da sua conta? Não foi contratado para ficar seguindo o senhor Cyphre. Sugiro que se atenha ao serviço para o qual está sendo pago.

— Você sabia que ele era mágico?

— Não.

— E isto não o deixa intrigado, Winesap?

— Conheço o senhor Cyphre há anos e tenho grande admiração por sua sofisticação. Ele é um homem com uma vasta gama de interesses, e não me surpreenderia nem um pouco se prestidigitação estivesse entre eles.

— Num circo de pulgas no subsolo de um fliperama?

— Talvez seja um *hobby*, um meio de relaxar.

— Não faz sentido.

— Senhor Angel, por cinqüenta dólares ao dia, meu cliente e, devo acrescentar, seu cliente também pode achar outra pessoa para o trabalho.

Desliguei, assegurando a Winesap que entendera seu recado. Comprei mais fichas telefônicas e fiz três outras ligações. A primeira, para o meu serviço de recados: uma senhora do Vale Stream queria falar comigo por causa do roubo de um colar de pérolas; alguém no seu clube de bridge era o suspeito. Nem anotei o número da mulher. A seguir, liguei para a Estaleiros Krusemark e fui informado de que o presidente da companhia estava de luto e não fora trabalhar; tentei sua residência, e dei o nome a um dos serviçais. Não tive de esperar muito:

— O que você sabe a respeito, Angel? — perguntou o velho.

— Alguma coisa. Por que não entramos num acordo? Preciso vê-lo, de preferência imediatamente.

— Muito bem. Vou pedir ao pessoal lá embaixo que o espere.

38

O NÚMERO 2 "da Sutton Place era o edifício em que Marilyn Monroe morava e chegava-se a ele por uma alameda particular que saía da Rua 57. Saltei do táxi sob uma abóbada de pedra calcária cor-de-rosa. Do outro lado da viela, as janelas de casas de tijolo de quatro andares, destinadas à demolição, tinham sido pintadas com cruces brancas rudimentares, como o desenho de um cemitério feito por uma criança. O porteiro tinha mais divisas douradas que um almirante, e apressou-se em me receber. Dei-lhe meu nome e perguntei como chegar ao apartamento de Krusemark:

— Pois não, senhor. Use o elevador da esquerda.

Desci no décimo quinto andar, adentrando um vestíbulo espartano com revestimento de nogueira, multiplicado pelo reflexo de grandes espelhos com molduras douradas. Havia apenas uma porta além da do elevador. Toquei a campainha duas vezes e esperei. Um homem com uma verruga no lábio superior veio atender:

— Entre, por favor, senhor Angel. O senhor Krusemark está a sua espera. — Ele vestia terno cinza com bolinhas castanho-avermelhadas e estava mais para contador de banco do que para mordomo. — Tenha a bondade de me acompanhar, por favor.

Atravessamos salas espaçosas com vista para o lado leste do rio e para a Sunshine Biscuit Company, em Queens. A mobília luxuosa e peças de antiquário dispostas com precisão lembravam as exposições do Metropolitan; era o tipo de lugar para se assinar tratados com bico-de-pena. Paramos diante de uma porta, meu guia bateu uma vez .e disse:

— O senhor Angel está aqui, senhor.

— Traga-o onde eu possa vê-lo. — Mesmo com toda a espessura da porta, a voz áspera de Krusemark reverberava

autoridade.

Fui introduzido num pequeno ginásio de paredes espelhadas, sem janelas. Ethan Krusemark, de camiseta e short de boxeador, estava deitado de costas em um dos vários aparelhos de ginástica de aço inoxidável, fazendo flexões com as pernas. Para um homem de sua idade, ele andava levantando bastante peso. Ao som da porta se fechando, Krusemark sentou-se e mediu-me de cima a baixo:

— O enterro é amanhã — disse ele. — Passe-me aquela toalha.

Fiz o que ele pedia, e Krusemark enxugou o suor do rosto e dos ombros. Era um homem poderosamente constituído; músculos rijos saltavam sob as varizes. Aqui estava um velho com quem era melhor não brincar:

— Quem a matou? — rugiu ele.— Johnny Favorite?

— Vou perguntar isto a ele, logo que o encontrar.

— Aquele cantorzinho gigolô. Devia tê-lo mandado para as entranhas da terra quando tive a chance — praguejou ele, arrumando cuidadosamente os cabelos compridos.

— E quando foi isso? Quando você e sua filha o tiraram da clínica lá no norte?

— Está completamente equivocado, Angel — disse ele, olhando-me fixamente.

— Não penso que esteja. Quinze anos atrás você pagou ao doutor Albert Fowler vinte e cinco mil dólares em troca de um paciente, fazendo-se passar por Edward Kelley. Fowler deveria fazer todos acreditarem que Favorite era ainda um vegetal em alguma enfermaria esquecida. Até cerca de uma semana atrás ele fez um trabalho bastante razoável.

— Quem o está pagando para desenterrar essas coisas?

— Sabe que não lhe direi isso — respondi, pegando um cigarro e rolando-o por entre os dedos.

— Eu poderia oferecer-lhe algo vantajoso como recompensa.

— Sei que pode, mas ainda assim não estou interessado. Importa-se de eu fumar?

— Vá em frente.

Acendi o cigarro, expeli a fumaça e disse:

— Olhe, você quer o homem que matou sua filha. Eu quero Johnny Favorite: talvez estejamos ambos interessados na mesma pessoa. Não saberemos a menos que possamos encontrá-lo.

Krusemark cerrou os punhos, grandes punhos, dobrando os dedos grossos. Um estrondo ecoou pela sala quando ele socou a palma da mão.

— Está bem, Edward Kelley era eu — confessou ele. — Dei os vinte e cinco pacotes a Fowler.

— Por que usou esse nome?

— Acha que eu usaria meu nome verdadeiro? Esse negócio de Kelley foi idéia de Meg, não me pergunte por quê?

— Para onde levaram Favorite?

— Para a Times Square. Largamos ele lá, na noite do *réveillon* de mil novecentos e quarenta e três, e ele desapareceu de nossas vidas; pelo menos foi o que pensamos.

— Vamos começar outra vez — eu disse. — Espera que eu acredite que após pagar vinte e cinco mil dólares por Favorite você o deixou na Times Square?

— Foi o que aconteceu. Fiz aquilo por minha filha. Sempre dei a ela tudo o que me pedia.

— E ela queria que Favorite desaparecesse?

— Acho que foi algo que eles tramaram antes de ele ir para a guerra. Algum tipo de feitiçaria com que estavam envolvidos na ocasião — disse Krusemark, vestindo um robe de veludo.

— Você quer dizer magia negra?

— Branca, preta, que diferença faz? Meg sempre foi uma criança engraçada: brincava com cartas de tarô antes mesmo de aprender a ler.

— Como ela foi se interessar por isso?

— Não sei. Pode ter sido uma governanta supersticiosa; ou então um de nossos cozinheiros europeus. Você nunca sabe o que passa pela cabeça das pessoas quando as contrata.

— Sabia que sua filha se fazia passar por cartomante em Coney Island numa determinada época?

— Sim, fui eu quem arranjou isso para ela também. Ela era tudo o que eu tinha, por isso a estraguei.

— Sabia que ela guardava uma mão mumificada no apartamento?

— A mão da Glória; é um feitiço destinado a abrir qualquer fechadura. A mão direita de um assassino condenado, cortada quando ele ainda está na forca. A de Meg tinha um *pedigree*: pertenceu a um salteador galês chamado Capitão Silverheels, morto em mil setecentos e oitenta e seis. Foi comprada numa loja de quinquilharias em Paris, há alguns anos.

— Um *souvenir* macabro, como o crânio de Favorite; eles parecem ter tido gostos idênticos.

— Sim, Favorite deu o crânio a Meg uma noite antes de zarpar. Todos os outros deram a suas garotas o anel de formatura,

ou um blusão com o brasão da universidade, coisas do tipo; ele deu um crânio.

— Pensei que nessa época já não houvesse mais nada entre sua filha e Favorite.

— Oficialmente, não. Deve ter sido mais alguma das jogadas que eles combinaram.

— Por que acha isso? — Bati a cinza do cigarro no chão.

— Aceita um drinque? — perguntou ele, apertando um botão próximo à porta.

— Um uisquinho não seria nada mau.

— Escocês?

— Bourbon, se tiver. Com gelo. Sua filha alguma vez mencionou uma mulher chamada Evangeline Proudfoot?

— Proudfoot? Não me lembro. Talvez sim.

— E vodu? Falou sobre vodu alguma vez?

Após uma única batida a porta se abriu:

— Pois não, senhor — prontificou-se o homem de terno cinza.

— O senhor Angel aceita um copo de Bourbon, com gelo. *Brandy* para mim.

— Sim, senhor.

— Traga também um cinzeiro para o senhor Angel.

Benson assentiu com a cabeça e fechou a porta:

— É seu mordomo? — perguntei.

— Benson é meu secretário particular, ou seja, um mordomo com cérebro. — Krusemark ajeitou-se numa bicicleta mecânica e começou a pedalar distâncias imaginárias. — O que dizia a respeito de vodu?

— Johnny Favorite estava andando com praticantes de vodu na época em que presenteou sua filha com o crânio. Queria saber se ela conversou com você a respeito.

— Vodu foi uma das poucas coisas com que Meg não se envolveu.

— O doutor Fowler contou-me que Favorite estava sofrendo de amnésia aguda quando vocês o tiraram do hospital.

reconheceu sua filha?

— **Não.** Agiu como um sonâmbulo, quase não abriu a boca. Só ficou olhando pela janela do carro.

— Em outras palavras, tratou-os como estranhos?

— Meg quis que fosse assim — revelou Krusemark, pedalando com todas as suas forças. — Ela insistiu para que não o chamássemos de Johnny, e que nada fosse dito a respeito do relacionamento anterior deles dois.

— Isso não lhe pareceu estranho?

— Tudo o que Meg fazia era estranho.

Ouviu-se um leve tilintar de cristal do lado de fora, segundos antes de Benson bater na porta. O mordomo com cérebro entrou empurrando um bar portátil. Serviu meu drinque e o *brandy* do patrão, perguntando se desejávamos mais alguma coisa:

— Isso é tudo — disse Krusemark, segurando sob o nariz, como uma flor em botão, o copo em formato de tulipa. — Muito obrigado, Benson.

Benson saiu, e eu apaguei o cigarro no cinzeiro ao lado do balde de gelo.

— Ouvi você dizer a sua filha, certa vez, para colocar algo no meu drinque. Disse que aprendera a arte da persuasão no Oriente.

— Não há nada em seu copo — retrucou Krusemark, com ar surpreso.

— Terá que me persuadir disso. — Passei-lhe meu drinque. — Beba você mesmo.

— É tarde demais para brincadeiras — disse ele, após vários goles —, preciso de sua ajuda, Angel.

— Então jogue limpo comigo. Sua filha voltou a ver Favorite de novo após aquele ano-novo?

— Nunca.

— Tem certeza?

— É claro que sim. Tem alguma razão para duvidar?

— Meu trabalho é duvidar do que os outros me dizem. Como sabe que eles não voltaram a se ver?

— Não tínhamos segredos. Ela não esconderia tal coisa de mim.

— Você não parece conhecer às mulheres tão bem quanto seus negócios.

— Conheço minha filha. Se ela alguma vez voltou a ver Favorite, foi no dia em que ele a matou.

— Não é uma maravilha? — exclamei, sorvendo um gole de Bourbon. — Um cara com amnésia aguda, não sabe nem o próprio nome, mistura-se à multidão das ruas de Nova York, numa noite de

ano-novo há quinze anos, desaparece sem deixar pistas, e de repente ressurgiu do nada e começa a assassinar pessoas.

— Quem mais ele matou? Fowler?

— O caso do doutor Fowler foi suicídio — respondi, sorrindo.

— Isso é bem fácil de ser arranjado — bufou Krusemark.

— É mesmo? Como você o faria, senhor Krusemark?

— Não comece a colocar palavras em minha boca, Angel — disse Krusemark, fitando-me com um olhar gelado de bucaneiro. — Se quisesse eliminar Fowler, eu o teria feito há muito tempo.

— Duvido. Desde que ele encobrisse a saída de Favorite da clínica, seria muito mais útil para você vivo.

— Eu devia ter dado cabo de Favorite, não de Fowler — rosnou ele. — Qual assassinato está investigando, afinal de contas?

— Nenhum. Estou apenas procurando um homem.

— Espero sinceramente que o encontre.

— Falou dele à polícia?

— Foi difícil — disse Krusemark, esfregando o queixo rude —, queria botá-los no caminho certo sem envolver a mim mesmo.

— Estou certo de que arranjou uma boa história.

— Acho que sim. Eles perguntaram se eu conhecia o tipo de gente com quem Meg se envolvera intimamente. Dei-lhes os nomes de uns dois sujeitos de quem ela me falara, mas sublinhei que o único grande amor de sua vida fora Johnny Favorite. Naturalmente eles quiseram saber mais sobre Johnny Favorite.

— Naturalmente — concordei.

— Então contei-lhes sobre o noivado dos dois, e sobre como Favorite era esquisito e tudo o mais. Coisas que não saíam rios jornais nos tempos em que ele era manchete.

— Aposto que você pintou um quadro de cores bem fortes.

— Eles queriam acreditar na história; não foi difícil convencê-los.

— Onde disse que eles poderiam encontrar Favorite?

— Não falei nisso; disse-lhes que não o via desde a guerra. Que a última notícia que tivera dele era que tinha sido ferido. Se eles não puderem seguir sozinhos a partir daí, é melhor que mudem de profissão.

— Eles chegarão até Fowler. É quando vão começar a se complicar.

— Esqueça os problemas da polícia. O que me diz dos seus? Onde pretende chegar a partir do ano-novo de mil novecentos e quarenta e três?

— A lugar algum. — Terminei meu drinque e coloquei o copo no carrinho. — Não posso procurá-lo no passado. Se ele estiver aqui na cidade, logo vai dar as caras de novo. Da próxima vez, estarei a sua espera.

— Acha que sou um alvo provável? — Krusermark des**ceu** da bicicleta.

— O que acha?

— Não vou perder um minuto de sono por causa disso.

— Pode ser uma boa idéia mantermos contato — eu diste, — Meu número está na lista, caso precise. — Eu não iria dar meu cartão a outro cadáver em potencial.

Krusemark deu um tapinha em minhas costas, abriu seu sorriso de um milhão de dólares e levou-me até a porta da frente, transpirando charme como um gambá exala mau cheiro:

— Você terá notícias minhas — disse ele —; pode apostar nisso.

39

O CUMPRIMENTO enérgico de Krusemark ainda latejava em minha mão quando saí à rua:

— Táxi, senhor? — prontificou-se o porteiro.

— Não, obrigado. Prefiro andar alguns quarteirões. — Eu precisava pensar, não queria discutir filosofia, os atos do prefeito ou beisebol com algum chofer.

Dois homens esperavam na esquina quando deixei o prédio. O menor, mais robusto, vestia uma jaqueta de agasalho azul, de fibra sintética, calça escura de algodão e parecia um treinador de futebol americano de alguma universidade. Estava acompanhado de um garoto de cerca de vinte anos, com olhos úmidos de um Jesus de cartão-postal, e vestindo um terno de couro de tubarão, de seis botões, com lapelas pontudas e enchimento nos ombros, que parecia estar muitos números acima de seu manequim.

— Ei, amigo, pode me conceder um minuto? — perguntou o "treinador", caminhando em minha direção. — Tenho algo para mostrar-lhe.

— Fica para outro dia.

— Tem que ser agora mesmo. — O zíper do abrigo do "treinador" estava puxado pela metade, e pela abertura em "V" projetava-se o cano de uma automática calibre 22, o que significava que o cara tinha boa pontaria, ou pelo menos achava que tinha.

— Está enganado.

— De jeito algum. É Harry Angel, não é? — perguntou ele, enquanto a automática desaparecia de vista, escorregando para o interior da jaqueta.

— Por que pergunta, se já sabe a resposta?

— Há um parque do outro lado da rua. Vamos até lá, eu e você, onde podemos conversar melhor.

— E ele? — perguntei, movendo a cabeça em direção ao garoto do terno de couro de tubarão, que nos observava nervosamente com seus olhos fluidos.

— Ele vem também.

Atravessamos a Sutton Place e descemos os degraus que conduziam ao estreito parque, com fundos para o lado leste do rio:

— Truque bem bolado este — eu disse —, de cortar os bolsos do abrigo.

— Funciona maravilhosamente, não?

Uma trilha acompanhava a margem do rio, cujas águas corriam três metros abaixo de um corrimão de ferro. Na outra extremidade do pequeno parque, um homem de cabelos brancos com suéter de cardigã passeava com seu *terrier*. Ele vinha em nossa direção, mas caminhava na trajetória errática e descontínua do animal.

— Espere aqui até que aquele idiota e seu melhor amigo dêem o fora — disse o homem com a automática. — Aprecie a vista.

O rapaz de olhos úmidos apoiou os cotovelos no corrimão e ficou observando uma barcaça atravessar o canal da Welfare Island. O treinador ficou às minhas costas, apoiado nas pontas dos pés como um boxeador. Mais ao longe, o *terrier* levantava uma das patas diante de uma lata de lixo. Esperamos.

Olhei para o gradil ornamentado da Ponte Queensborough e para o reflexo do céu azul sem nuvens na viga mestra. "Aprecie a vista." Um dia tão bonito... impossível pedir para morrer num dia tão bonito, por isso era preciso apreciar a vista e não fazer nenhum drama. Apenas olhar em silêncio para o céu até que a única testemunha saísse de perto; e tentar não pensar na ondulação

iridescente das águas oleosas do rio até ser lançado por sobre o corrimão com uma bala nos olhos.

Apertei a alça de minha pasta; pouco importava que meu Smith & Wesson estivesse lá dentro. O homem com o cachorro estava a menos de seis metros de distância. Aprumei o corpo e olhei para o treinador, esperando que ele se distraísse. O leve desviar de seus olhos para conferir a posição do sujeito do *terrier* foi exatamente o que eu precisava.

Desferi um violento golpe com a pasta em sua virilha; o homem berrou com indubitável sinceridade e dobrou-se, enquanto uma bala perdida saía pela abertura de sua jaqueta, indo se alojar na calçada. O tiro fez tanto barulho quanto um espirro.

O *terrier* agitou-se, latindo muito alto. Agarrei a pasta com as duas mãos e alvejei a cabeça do treinador, que foi ao solo com um grunhido. Chutei seu cotovelo, e um Colt Woodsman voou sobre o concreto:

— Chame a polícia — berrei para o boquiaberto cavalheiro do suéter de cardigã, enquanto o rapaz com Olhos de Cristo saltava sobre mim —, esses caras querem me matar!

Usei a pasta como escudo, aparando o primeiro golpe, e tentei acertar um chute em meu oponente, que se esquivou. O Colt de cano longo jazia sedutoramente ali perto, mas eu não podia me arriscar a abaixar-me para pegá-lo. O jovem o viu também, e tentou barrar meu caminho, mas não foi suficientemente rápido. Chutei a automática, que afundou nas águas do rio.

Aquele movimento abriu totalmente minha guarda. Fui atingido no pescoço, e agora era minha vez de gritar. Lágrimas de dor brotaram de meus olhos enquanto eu me debatia para conseguir respirar. Protegi a cabeça do melhor modo que pude, mas quem dava as cartas agora era meu adversário. Após um violento golpe no ombro, senti meu ouvido explodir. Enquanto caía, vi o homem do *terrier* pegar o cachorro no colo e subir as escadas do parque, gritando.

Observei sua partida envolto numa névoa rósea de dor, caído de quatro no chão. Minha cabeça rugia como um trem expresso a toda velocidade. O rapaz acertou-me de novo, e o trem entrou num túnel.

Pontos de luz luziram na escuridão. O concreto áspero sob meu rosto parecia grudento e escorregadio. Sentia-me como se *tivesse* desmaiado já há muito tempo, mas quando abri o olho que ainda enxergava vi o rapaz ajudando o outro a se levantar. Fora um dia duro para o treinador, que segurava o baixo ventre com as duas mãos, enquanto era puxado pela manga por seu comparsa, para que se apressasse. Em vez disso ele parou e se dirigiu, mancando, até onde eu estava, dando-me um pontapé em cheio na cara:

— Tome, canalha. — Ele chutou-me ainda uma segunda vez, após o que eu já não ouvia mais nada.

Eu estava submerso, me afogando. Só que não era água, era sangue. Fui arrastado por uma vaga vermelha, sem conseguir respirar. Quando tentei recobrar o fôlego, engoli golfadas doces de sangue. A maré levou-me a uma praia distante, e rastejei para longe do alcance das ondas, temendo ser novamente arrastado por elas. Minhas mãos tocaram algo frio e metálico. Era o pé retorcido do banco do parque. Vozes se aproximaram em meio a uma densa névoa:

— Lá está ele, guarda, era esse homem. Oh, Deus! Veja o que fizeram a ele.

— Fique calmo, amigo — disse uma outra voz. — Está tudo bem agora. — Fui erguido da poça ensangüentada por braços fortes. — Deite-se de costas, amigo. Você vai ficar bom.

Pode me ouvir?

Tentei responder, mas o som que emiti era semelhante a um gargarejo. Agarrei-me ao banco do parque, meu salva-vidas num mar encapelado. A névoa vermelha dissipou-se, e pude ver um rosto franco, anguloso, cercado de azul, e uma fileira dupla de botões

brilhando como sóis nascentes. Tentei focalizar o distintivo, e quase consegui ler os números nele, mas quando tentei agradecer, ouvi de novo aquele som de gargarejo:

— Acalme-se, amigo — disse o patrulheiro. — Conseguiremos ajuda num minuto.

Fechei os olhos, e ouvi a outra voz dizer:

— Foi simplesmente horrível. Tentaram atirar nele.

— Fique aqui com ele — disse o policial. — Vou chamar uma ambulância.

Senti o calor do sol em meu rosto castigado. Cada um dos ferimentos intumescidos pulsava separadamente, como se tivessem corações em miniatura batendo dentro deles. Apalpei minha cara, mas as feições não pareciam familiares. Era o rosto de um estranho.

Outro murmúrio de vozes me fez perceber que ficara inconsciente de novo. O policial agradeceu ao sr. Groton, o dono do *terrier*, e pediu-lhe que fosse à delegacia prestar depoimento, quando julgasse conveniente. Groton respondeu que iria naquela tarde; demonstrei minha gratidão da melhor maneira que pude, e o policial pediu novamente que me acalmasse:

— A ajuda está a caminho, amigo.

O pessoal da ambulância pareceu chegar naquele exato momento, mas eu sabia que houvera novo lapso de tempo.

— Devagar - disse um deles. — Segure-o pelas pernas, Eddie.

Eu disse que podia andar sozinho, mas meus joelhos se dobraram quando tentei me levantar. Fui colocado numa padiola e carregado até a ambulância cujo interior cheirava a vômito. Não havia muito sentido em tentar prestar atenção ao que ocorria; por entre o grito da sirene, o motorista e o enfermeiro gargalhavam.

40

RECOBREI A CONSCIÊNCIA na sala de emergências do Hospital Bellevue. Um atarefado estagiário limpava e aplicava pontos em meu escalpo dilacerado, prometendo fazer o que estivesse a seu alcance para salvar o que restava de meu ouvido esquerdo. Um sedativo tornou as coisas melhores; sorri para a enfermeira com o que restava de meus dentes.

O detetive do distrito vizinho apareceu quando eu estava sendo levado para os raios-X. Caminhando ao lado da cadeira de rodas, perguntou se eu conhecia os homens que haviam tentado me assaltar. Nada fiz para desencorajar suas suspeitas de latrocínio, e ele partiu após ouvir minha descrição do treinador e de seu colega.

Ho logo acabaram de tirar as chapas de minha cabeça, o doutor disse que seria melhor que eu descansasse. Fui colocado num leito da enfermaria do pronto-socorro e novamente sedado. Só acordei com a enfermeira trazendo-me o jantar.

Enquanto comia minha refeição à base de cenouras, fui avisado de que teria de passar a noite no hospital, em observação. As radiografias não revelavam a ocorrência de fraturas, mas ainda havia a possibilidade de uma concussão cerebral. Eu não estava em condições de opor resistência, e após terminar minha papinha de bebê, fui levado pela enfermeira a um telefone no corredor, de onde liguei para Epiphany, para avisá-la que não dormiria em casa. Ela pareceu preocupada de início, mas fiz uma piada e disse que ficaria bom após uma noite de sono. Ela fingiu acreditar.

— Sabe o que fiz com o dinheiro que me deu?

— Não.

— Comprei lenha.

Disse a ela que tinha um monte de fósforos; Epiphany riu, e nos despedimos. A enfermeira levou-me de volta para mais uma

injeção.

Quase não tive sonhos, mas o espectro de Louis Cyphre atravessou a cerrada cortina das drogas para me provocar. Lembrava de pouca coisa ao acordar; apenas uma imagem permanecia: Cyphre, de fraque, sorria, olhando para uma praça lotada do alto de um templo asteca. Ele balançava no ar um coração ensangüentado; era o meu coração.

Na manhã seguinte, o tenente Sterne fez uma visita de surpresa à enfermaria, quando eu terminava meus flocos de trigo. Deduzi que ele estava de folga, já que usava uma camisa de flanela azul, sem gravata. Quem o visse, no entanto, não teria dúvidas de que se tratava de um tira.

— Parece que alguém fez um trabalhinho bem razoável em você — disse ele.

— Não preferia que tivesse sido você? — Mostrei-lhe meu novo sorriso.

— Se tivesse sido eu, você não sairia daqui em menos de uma semana.

— Esqueceu as flores.

— Estou guardando para seu túmulo, idiota. — Sterne sentou-se na beira da cama e olhou-me como um abutre faria com um cadáver. — Liguei para sua casa ontem à noite, e fiquei sabendo pelo serviço de recados que voeê estava no hospital. Só agora permitiram que eu o visse.

— O que tem em mente, tenente?

— Pensei que talvez se interessasse por algo que encontramos no apartamento de Margaret Krusemark, já que nunca estive lá.

— Estou prendendo a respiração.

— É o que fazem nas câmaras de gás — disse Sterne. —
Prendem a respiração. De nada adianta.

— E o que eles fazem na penitenciária estadual?

— O que eu faço é tapar o nariz. Porque assim que dão a
descarga na cadeira elétrica, os condenados se borram todos, e fica
um fedor dos diabos.

Com um nariz como o seu, pensei, deve precisar das duas
mãos.

– Diga-me o que encontrou no apartamento de Krusemark.

– O problema é com o que não encontrei, ou seja, a página
relativa ao dia dezesseis de março na agenda dela. Era a única que
faltava, coisas desse tipo acabam deixando a gente intrigado, por
isso mandei a página imediatamente anterior para ser examinada no
laboratório. Sabe o que descobriram?

Respondi que não fazia a menor idéia.

— A inicial H, seguida-das letras A-n-g...

— Entendo... Hang, enforcar.

— Enforcar é o que faremos com você, Angel; sabe muito
bem o que essas letras significam.

— Coincidência e prova não são a mesma coisa, tenente.

— Onde estava na quarta à tarde por volta de três e meia?

— No Terminal Central.

— Pegando o metrô?

— Comendo ostras.

— Nada feito — disse Sterne, balançando sua grande cabeça.

— O cara do bar deve se lembrar. Fiquei lá um bocado de tempo, comi até não aguentar mais. Fizemos piadas: ele disse que ostras pareciam bolas de cuspe; eu, que eram afrodisíacas. Pode conferir.

— Pode apostar seu pescoço que farei isso — esbravejou o tenente, levantando-se. — Vou checar seus passos desde o domingo, e sabe de uma coisa: estarei lá, tapando o nariz, quando eles te executarem na cadeira elétrica.

Sterne pegou um copo de suco de fruta intacto em minha bandeja, bebeu-o de um só gole e saiu porta afora. Já era quase meio-dia quando minha papelada ficou pronta, e fui autorizado a deixar o hospital.

41

À SAÍDA DO Bellevue, deparei-me com a Primeira Avenida toda esburacada, cheia de montes de entulho e pilhas de pedra de calçamento cercada por placas de HOMENS TRABALHANDO, apesar de ser sábado e não haver nenhum trabalhador à vista. As ruas dessa parte da cidade eram cobertas apenas por uma fina camada de piche, por isso aqui e acolá afloravam superfícies de pedra arredondada, usadas para pavimentação no século passado. Postes de lampião de ferro trabalhado e uma ou outra laje de pedra azul nas calçadas eram os únicos outros remanescentes daquele tempo esquecido.

Contrariando minhas expectativas, ninguém me seguia quando saí do hospital. O tempo ainda estava quente, mas o céu ficara nublado. A cada passo que dava sentia o revólver chacoalhar no bolso do paletó. Tomei um táxi em frente ao terminal aéreo em construção na Rua 38, e minha primeira parada foi no dentista, para quem havia ligado do hospital: ele concordara em abrir seu consultório do Edifício Graybar apenas para colocar capas provisórias em meus dentes. Falamos de pescarias, e ele lamentou não poder estar na baía de Sheepshead àquela hora. Zonzo com a anestesia, apressei-me para não perder um encontro, marcado para a uma hora no saguão do Edifício Chrysler. Cheguei dez minutos atrasado, mas Howard Nussbaum aguardava pacientemente na entrada da Avenida Lexington.

— Isso é chantagem, Harry, pura e simples — disse ele ao apertar minha mão. Era um homem pequeno, de aparência assustada.

— Não o nego, Howard. Agradeça por eu não estar atrás de seu dinheiro.

— Minha esposa tem parentes em New Canaan, em Connecticut. Havíamos planejado sair mais cedo nesse final de

semana para visitá-los. Quando você ligou tive de dizer a ela que nos atrasaríamos.

Howard Nussbaum era o encarregado do controle de chaves de uma firma responsável pela segurança de vários escritórios do centro da cidade. Ele devia a mim esse emprego, ou pelo menos o fato de que eu omitira seu nome de um relatório que fizera para sua firma a respeito de uma matriz que apareceu na bolsa de uma prostituta.

— Você trouxe? — perguntei.

— E do contrário viria até aqui? — Recebi um pequeno envelope marrom aberto; a chave que coloquei na palma da mão parecia igual a qualquer outra.

— É uma matriz?

— E eu te deixaria com uma matriz do Edifício Chrysler? É uma submatriz do quadragésimo quarto andar. Poderia me dizer o que procura?

— Não faça perguntas, Howard. Que belo cúmplice você é!

— Você disse bem: cúmplice. É o que tenho sido a vida inteira.

— Divirta-se em Connecticut.

Subi o elevador cutucando o nariz para não ser observado pelo ascensorista. O envelope estava selado e endereçado: as instruções de Howard eram para guardar a chave dentro após usá-la e depositá-lo na primeira caixa de correio que encontrasse. Havia uma pequena chance de que, em minha coleção de gazuas, eu tivesse uma que servisse a meus propósitos, mas chaves mestras requerem fechaduras já gastas pelo uso de duplicatas, e a firma de Howard Nussbaum prefere trocar uma fechadura a economizar Com chaves de terceira geração.

As luzes do escritório da Estaleiros Krusemark estavam apagadas. Do outro lado do corredor alguém datilografava erráticamente numa máquina de escrever. Coloquei as luvas de látex e abri a primeira de várias fechaduras com a submatriz, um talismã para abrir portas tão eficiente quanto a Mão da Glória de Margaret Krusemark.

Dei uma volta pelo escritório, passando por salas repletas de máquinas de escrever encapadas e telefones silenciosos. Pelo jeito, nenhum jovem executivo mais ambicioso trocara seu golfe por um expediente extra naquele sábado. Mesmo os teletipos pareciam estar de folga. Meu canivete e um clipe de papel entortado foram tudo de que precisei para abrir os fichários e as gavetas da escrivaninha. Eu não sabia o que procurar, mas Krusemark tinha algo importante a esconder, do contrário não teria mandado seus capangas atrás de mim.

A tarde arrastou-se enquanto eu folheava centenas de arquivos, fotografando tudo o que parecesse promissor. Inventários de carga de navios adulterados e uma carta referindo-se a um congressista subornável foi o que encontrei de melhor. O que não significava que não houvesse mais nada: sempre há algum crime sob o tapete das grandes corporações, se você souber onde procurar.

Gastei quinze rolos de filmes documentando as grandes transações envolvendo a Estaleiros Krusemark. Em qualquer lugar no meio de todas aquelas estatísticas havia irregularidades suficientes para manter a Procuradoria Pública ocupada durante meses.

Passando para o escritório particular de Krusemark, servi-me de um drinque no bar e chequei o revestimento das paredes, olhando atrás de cada um dos quadros. Nada encontrei que sugerisse a existência de um cofre. Além do sofá, do bar, e da mesa oval não havia mais nada na sala: nenhum fichário, gaveta ou prateleira. Olhei embaixo da mesa: quem visse de cima nada perceberia, mas uma gaveta de aço fora inteligentemente concebida sob a superfície oval de mármore. Uma pequena alavanca soltava a

lingüeta, e molas invisíveis impulsionavam a gaveta para a frente, como as das caixas registradoras. Dentro dela havia canetas-tinteiro, um porta-retrato oval de prata com uma fotografia de Margaret Krusemark, uma pequena adaga com cabo de pérola, e várias cartas. Achei um envelope familiar e dele retirei um cartão; as palavras em latim já não eram mais problema: Ethan Krusemark tinha seu próprio convite para a missa negra.

42

COLOQUEI TUDO de volta no lugar e guardei a câmara. Antes de sair, lavei o copo no toalete executivo e o repus cuidadosamente na prateleira de vidro, na parte superior do bar. Tinha pensado em deixá-lo sobre a mesa de Krusemark, para dar-lhe o que pensar na segunda pela manhã, mas, refletindo melhor, desisti da idéia.

Chovia quando saí do edifício, e a temperatura caíra quinze graus. Levantei o colarinho do paletó e atravessei a Avenida Lexington, ligando para Epiphany da primeira cabine vaga que encontrei. Perguntei-lhe quanto tempo levaria para se aprontar. Ela respondeu que estivera pronta o dia inteiro:

— Parece convidativo, doçura, mas estou falando de negócios. Tome um táxi e encontre-me no escritório em meia hora. Sairemos para jantar e depois vamos a uma palestra.

— Que palestra?

— Talvez eu devesse ter dito sermão.

— Sermão?

— Pegue minha capa de chuva no armário da frente e não se atrase.

Antes de me dirigir ao metrô, parei numa banca de jornal onde faziam cópias de chaves e tirei uma duplicata da sub-matriz, antes de colocar o envelope pré-endereçado com a original numa caixa do correio.

Tomei o metrô até a Times Square. A chuva ainda caía quando saí da estação, e o reflexo das luzes de néon e dos sinais de trânsito se confundiam nas poças d'água das calçadas. Gigolôs, traficantes e prostitutas se acotovelavam nos bares e fliperamas, ensopados como gatos vadios. Comprei charutos numa loja da esquina e olhei através da garoa para as manchetes ao redor da

Torre Times:,.. TIBETANOS ENFRENTAM CHINESES EM LHASA... Cheguei ao escritório às dez para as seis, onde Epiphany já me aguardava. Ela estava fantástica em seu terno cor de ameixa. Foi reconfortante poder tomá-la novamente nos braços e beijá-la:

— Senti sua falta — sussurrou ela, acariciando suavemente a bandagem em minha orelha esquerda e o local onde meu cabelo fora raspado — Oh, Harry, você está bem?

— Sim, estou. Talvez não tão bonito quanto antes.

— Está parecendo Frankenstein, com esses pontos na cabeça.

— Tenho evitado espelhos.

— E coitadinha da sua boca...

— Como está o nariz?

— Quase igual, um pouquinho pior talvez.

Disse a Epiphany, no restaurante, que, se alguém ficasse nos olhando, os outros clientes pensariam que éramos celebridades. Passamos despercebidos:

— O tal tenente foi vê-lo? — perguntou ela, mergulhando um camarão na tigela do molho.

— Sim, estive lá, alegrando meu café da manhã. Esperteza sua dizer que era o serviço de recados.

— Sou uma garota esperta.

— Você é uma boa atriz. Enganou Sterne duas vezes no mesmo dia.

— Não sou apenas uma mulher, sou várias. Tanto quanto você tem dentro de si mais de um homem.

— O que é isso? Vodou?

— Não, é uma constatação óbvia.

Por volta de oito da noite atravessamos o Central Park. Ao passarmos pelo Meer, perguntei a Epiphany a razão pela qual ela e seu grupo haviam feito o sacrifício a céu aberto na noite em que nos conhecêramos, e não em casa, no *humfo*. Ela respondeu algo relacionado ao *loa* das árvores:

— *Loa?*

— Espíritos, manifestações divinas. *Rada loa, petro loa*: o bem e o mal. Damballa é um *loa*; Badé é o *loa* do vento; Legba, o *loa* do trovão; Barão Samedi, que toma conta do cemitério, é o senhor do sexo e das paixões; Papa Legba cuida das casas e pontos de encontro, portões e cercas. *Maître* Carrefour é o guardião das encruzilhadas.

— Ele deve ser o meu *loa*, então.

— É o protetor dos feiticeiros.

O Novo Templo da Esperança fora, no passado, um cinema. Na velha marquise onde outrora eram anunciados os filmes, letras de trinta centímetros de altura destacavam o nome de Ei Ç_{IFR}. Parei um pouco mais abaixo no quarteirão.

— Por que está interessado em Çifr? — perguntou Epiphany, enquanto nos dirigíamos para a entrada, de braços dados.

— Ele é o mago que habita meus sonhos.

— Çifr?

— Ele mesmo, o bom doutor Cipher.

— O que quer dizer com doutor Cipher?

— Esse negócio de sábio hindu é apenas um dos vários papéis que já o vi desempenhar. Ele é como um camaleão.

— Tenha cuidado, Harry — disse Epiphany, apertando meu braço com força —, por favor.

— Farei o possível.

— Não faça piadas. Se tudo o que você diz é verdade, esse homem deve ser muito poderoso. Não é alguém com quem se possa brincar.

— Vamos entrar.

Uma figura de El Çifr em tamanho natural, recortada em cartolina, saudava os fiéis com o braço estendido ao lado da bilheteria. O balcão, no saguão de entrada, em vez de doces e pipocas, vendia uma coleção completa de livros ligados a magia. Entramos na antiga sala de projeção e sentamos num lugar ao lado da passarela que separava as fileiras de poltronas. Ouvia-se o som abafado de um órgão por detrás das cortinas vermelhas; a platéia e os camarotes estavam com lotação esgotada. Ninguém parecia notar que eu era o único cau- casiano presente.

— Que linha eles seguem nessa igreja? — sussurrei no ouvido de Epiphany.

— Os procedimentos se parecem com os da Igreja Batista — respondeu Epiphany, pousando as mãos no colo. — Isto aqui pertence ao Reverendo Love. Não me diga que nunca ouviu falar nele.

Confessei minha total ignorância:

— Bem, ele tem um carro pelo menos cinco vezes maior que seu escritório.

As luzes diminuíram de intensidade, o som do órgão fez-se nítido e a cortina se abriu, revelando um coral de uma centena de vozes disposto em forma de cruz. A congregação ergueu-se, cantando ' 'Jesus Era Um Pescador". Juntei-me às palmas que eles batiam e sorri para Epiphany, que a tudo observava com o

desprendimento sisudo de uma verdadeira fiel em meio aos bárbaros. Quando a música alcançou um crescendo, um mulato baixo vestido em cetim branco e com os dedos repletos de anéis de diamante entrou no palco. O coro desfez sua formação inicial, marchando em perfeita sincronia e reagrupando-se em torno do sujeito em fileiras de vestes brancas, como raios de lua. Perguntei a Epiphany se aquele era o Reverendo Love; ela aquiesceu com a cabeça.

— Sentem-se por favor, irmãos e irmãs — bradou o reverendo do centro do palco, com uma voz comicamente aguda e estridente. Ele parecia o mestre de cerimônias de um clube de jazz. — Irmãos e irmãs, é com amor que lhes dou as boas-vindas ao Novo Templo da Esperança. Hoje, como sabem, não é um de nossos encontros regulares. Estamos honrados de ter junto de nós esta noite um homem muito especial, o ilustre El Çifr. Embora não compartilhe de nossa fé, este é um homem que respeito, um homem de grande sabedoria que tem muito a ensinar. Nos será de grande valia ouvir atentamente as palavras de nosso estimado convidado, El Çifr.

O reverendo Love virou-se e abriu os braços em direção às coxias. O coro começou a entoar "Um Novo Dia Está Alvorecendo". A congregação batia palmas quando El Çifr adentrou o palco, vestido como um sultão. Peguei o binóculo na pasta. Enrolado num robe bordado e com um turbante na cabeça, bem que El Çifr poderia ser uma pessoa qualquer. No entanto, quando focalizei seu rosto de perto, certifiquei-me de que era meu cliente, usando algum *tipo* de maquiagem que escurecia sua pele.

— Que meu sorriso da prosperidade esteja com vocês — disse ele, curvando-se num salameleque afetado. — Não está escrito que o paraíso está aberto aos que nele tiverem coragem de entrar?

Uma onda de améns ecoou pela platéia.

— O mundo pertence aos fortes, não aos humildes. Não é assim que são as coisas? O leão devora as ovelhas; o falcão faz do

sangue do pardal seu banquete. Quem nega isso nega a ordem do universo.

— É verdade, é verdade — gritou dos camarotes alguém mais exaltado.

— Está parecendo um Sermão da Montanha às avessas — observou Epiphany, com o canto da boca.

El Çifr caminhou até a beira do palco. Suas mãos estavam coladas como numa súplica, mas os olhos faiscavam com crueldade selvagem.

— É a mão que segura o chicote que conduz a carruagem. A pele do cavaleiro não sente o ferrão das esporas. É preciso ser forte na vida: prefira sempre ser o lobo ao invés da gazela.

A congregação respondia a cada sugestão de Cyphre, batendo palmas e manifestando aos berros sua aprovação. As palavras proferidas no palco eram repetidas pela platéia, que gritava: "ser um lobo... ser um lobo...".

— Olhem a seu redor nas ruas apinhadas de gente. Não são os fortes que predominam?

— Sim, são eles. Sim, são eles.

— E os humildes, não sofrem em silêncio?

— Amém. Eles sofrem.

— É um mundo selvagem lá fora, apenas os fortes podem sobreviver.

— Apenas os fortes...

— Seja como o leão e o lobo, não como o carneiro. Deixe que outras gargantas sejam decepadas. Não obedeça o instinto covarde dos rebanhos; forjem seus corações na bravura. Se tiver que haver apenas um vencedor, que seja você.

— Um vencedor... forjar em bravura... ser um leão...

Cyphre os tinha em suas mãos. Ele rodopiou no palco como um faquir, o roupão balançando, exortando os fiéis com sua voz melodiosa:

— Sejam fortes. Sejam corajosos. Conheçam o ímpeto de atacar, bem como a sabedoria de recuar. Quando surgir a oportunidade, agarrem-na, como o leão agarra o veado. Extraíam da derrota o sucesso. O que vocês têm a temer? São as feras mais perigosas do planeta.

Cyphre dançou e entoou cantos, declamando sua arenga de força e poder, contagiando mesmo os membros do coral, que gritavam respostas furiosas e socavam o ar. Quando dei por mim estava divagando, sem ligar para toda aquela retórica selvagem. Subitamente meu cliente disse algo que atraiu de pronto minha atenção:

— Arranquem os olhos de seus inimigos! Atirem neles! Que seja olho por olho! — bradou El Çifr, olhando, ao menos aparentemente, para mim.

Aquelas palavras me atravessaram com um espasmo de dor. Sentei-me na ponta da poltrona, tão alerta quanto possível:

— Por que oferecer a outra face? Por que deixar-se atingir? Se corações se interpõem em seu caminho, cortem-nos fora. Não esperem até serem atacados, acabem antes com seus Inimigos. Se o problema for com os olhos deles, arranquem-nos; se for com os corações, despedacem-nos; se for com qualquer um de seus membros, cortem-nos fora e enfiem pela goela abaixo.

Eu estava estarrecido, pasmado. Estava enganado ou Louis Cyphre acabara de descrever três assassinatos?

— Sejam fortes — berrou ele, erguendo os braços numa saudação triunfal. — Prometam-me que serão fortes.

— Seremos... prometemos... — gritaram os espectadores, engrandecidos.

El Çifr deixou o palco, enquanto o coral se reagrupava e punha-se a cantar um arranjo vigoroso de "O Braço Forte do Senhor". Puxei Epiphany pelo braço e saímos apressadamente pela passarela, passando por entre os que estavam a nossa frente com murmúrios de "com licença, por favor". Atravessamos correndo o saguão e ganhamos a rua.

Reconheci o chofer uniformizado, que aguardava junto ao pára-choque dianteiro do Rolls-Royce cinza-prateado estacionado no meio-fio. A porta de uma saída de emergência se abriu e projetou sobre a calçada um retângulo de luz. Dois negros de terno e óculos escuros, sólidos como a grande Muralha da China, saíram à rua e fizeram um levantamento dos arredores.

El Çifr juntou-se a eles e ao grupo veio se somar a outra dupla de pesos-pesados:

— Só um minuto — gritei, me aproximando. Fui imediatamente barrado pelo guarda-costas principal.

— Não vá fazer nada do que possa se arrepender depois — disse ele.

Não discuti com o segurança: voltar ao hospital não estava em meus planos. Quando o motorista abriu a porta traseira, meu olhar encontrou-se com o de Louis Cyphre, que, erguendo a bainha do robe, entrou no carro, aparentemente não me reconhecendo. Vi o Rolls-Royce se afastar por detrás dos ombros do guarda-costas, que permaneceu impassível como uma estátua, esperando que eu tentasse algo:

— Vamos para casa, acender a lareira — sugeri Epiphany, tomando meu braço.

43

O AMANHECER daquele domingo anterior à Páscoa foi cheio de ócio e sensualidade, marcado pela novidade de acordar novamente ao lado de Epiphany, deitado no chão entre almofadas e cobertores. Apenas uma acha de lenha carbonizada ainda ardia na lareira quando esquentei um bule de café e peguei os jornais no capacho da porta. Epiphany acordou antes que eu tivesse acabado de ler os quadrinhos:

— Dormiu bem? — perguntou ela, aninhando-se em meu colo. — Sem pesadelos?

— Sem pesadelos. — Acariciei sua pele macia.

— Isto é bom.

— Talvez a maldição esteja quebrada.

— Talvez. Fui eu quem sonhou com ele esta noite.

— Quem? Cyphre?

— Cyphre, Çifr, como queira. Sonhei que estava num circo, assistindo a um espetáculo comandado por ele. Você era um dos palhaços.

— O que aconteceu?

— Nada demais! Foi um sonho agradável — disse ela, sentando-se — Harry, o que ele tem a ver com Johnny Favorite?

— Não sei ao certo. Acho que fui pego num fogo-cruzado entre dois feiticeiros.

— Foi Çifr quem o contratou para procurar meu pai?

— Foi.

— Tenha cuidado, Harry. Não confie nele.

Será que devo confiar em você?, pensei, abraçando-a.

— Estarei bem.

— Eu te amo. Não quero que nada de mau lhe aconteça.

Contive o desejo de fazer eco às palavras dela, de repetir indefinidamente que a amava:

– É só uma paixão súbita de colegial — desconversei, sentindo o coração disparar.

— Não sou uma criança — retrucou Epiphany, olhando fundo em meus olhos. — Perdi a virgindade aos doze anos, como oferecimento a Baka.

Baka?

Um *loa* malvado, muito perigoso e mau.

- Sua mãe deixou isso acontecer?

— Foi uma honra. A cerimônia foi conduzida pelo *hungan* mais poderoso do Harlem. E ele era vinte anos mais velho que você, por isso não venha me dizer que sou jovem demais.

— Gosto de seus olhos quando se zanga — eu disse. — Brilham como âmbar.

— Como posso ficar zangada com alguém tão doce como você? — Epiphany beijou-me. Retribuí o beijo e fizemos amor sentados na poltrona, cercados pelos quadrinhos dos jornais dominicais.

Mais tarde, após o café, carreguei a pilha de livros da biblioteca até o quarto e lancei-me ao trabalho. Epiphany ajoelhou-se a meu lado na cama, usando meu roupão de banho e seus óculos de leitura:

— Não perca tempo com figuras — disse ela, tirando o livro de minhas mãos. — Aqui — ela entregou-me um outro volume, pouco mais pesado que um dicionário. — O capítulo que assinaei é

todo a respeito de missa negra. A liturgia é descrita em detalhes, desde o latim de trás para a frente até a virgem deflorada no altar.

— Parece igual ao que ocorreu com você.

— Sim, há semelhanças. Sacrifícios, danças; paixões violentas são despertadas, como com Obeah. A diferença é que uma das cerimônias é para aplacar a força do mal, enquanto a outra a encoraja.

— Acredita que realmente exista algo como a força do mal?

— Às vezes acho que a criança aqui é você — riu-se Epiphany. — Não pode sentir essa força quando dorme, quando Çifr invade seus sonhos?

— Prefiro sentir você — repliquei, passando os braços ao redor de sua cintura macia.

— Não brinque, Harry, estes não são apenas um outro bando de trapaceiros. São homens de poder, poder demoníaco. Se não souber se defender, estará perdido.

— Está sugerindo que é hora de mergulhar de cabeça nos livros?

— É bom que saiba contra o que está lutando — disse Epiphany, batendo com o indicador na página aberta. — Deste livro o que interessa são esse capítulo e o próximo. No livro de Crowley, assinalei algumas passagens interessantes. O de Reginald Scott você pode deixar de lado — ela arrumou os livros segundo sua ordem de importância, uma hierarquia diabólica, e deixou-me a sós com eles.

Li até o cair da noite, mergulhando num curso de faça-você-mesmo em ciências satânicas. Epiphany acendeu o fogo e recusou um convite para jantar no Cavanaugh's, reabilitando num passe de mágica um *bouillabaisse* que fizera quando eu ainda estava no hospital. Comemos à luz da lareira, as sombras dançando como duendes nas paredes a nossa volta. Não conversamos muito; os

olhos de Epiphany diziam tudo. Era o mais belo par de olhos que eu já vira.

Mesmo os melhores momentos têm de acabar. Por volta de sete e meia comecei a me aprontar: vesti calça jeans, um casaco de marinheiro azul de gola olímpica e um par de botas de amarrar de borracha. Ajustei o Tri-X na máquina fotográfica Leica e peguei o 38 no bolso da capa de chuva, observado por uma Epiphany silenciosa, os cabelos em desalinho, enrolada num cobertor diante do fogo.

Coloquei todo o equipamento sobre a mesa: câmera, dois rolos extras de filme, revólver, algemas e minhas indispensáveis gazuas. Adicionei ao molho de chaves a submatriz de Howard Nussbaum. Sob as camisas, no quarto, encontrei uma caixa de munição e enrolei cinco balas num lenço. Pendurei a Leica no pescoço e vesti uma jaqueta de aviador de couro que eu tinha desde os tempos de guerra, cujo forro de lã de carneiro tornava extremamente apropriada para trabalhos de rua em invernos frios. Retirei da jaqueta as divisas militares, não queria nada que pudesse refletir a luz. O Smith & Wesson ficou no bolso direito com a munição; as algemas, filmes e chaves foram para o bolso esquerdo.

— Esqueceu seu convite — disse Epiphany quando me enfiei sob o cobertor para abraçá-la uma última vez.

— Não preciso dele; vou entrar na festa sem ser convidado.

— E sua carteira? Não acha que precisará dela?

Ela estava certa, eu a deixara no paletó que usara no dia anterior. Começamos a rir e nos beijar ao mesmo tempo, mas ela se afastou com um sobressalto, segurando com força o cobertor:

— Vá embora — ela disse. — Quanto mais cedo for, mais cedo voltará.

— Tente não ficar preocupada.

— Cuide-se. — Ela sorriu para demonstrar que estava tudo bem, mas seus olhos estavam úmidos e inchados.

— É o que sempre tento fazer.

— Estarei a sua espera.

— Não esqueça de passar a corrente na porta. — Peguei a carteira e o quepe bordado da Marinha. — Hora de zarpar.

Epiphany acompanhou-me até a porta, ainda enrolada no cobertor e beijou-me longa e apaixonadamente:

— Aqui — disse ela, colocando em minha mão um pequeno objeto —, guarde isso sempre com você. — Era um disco de couro, com uma árvore toscamente desenhada, cercada por relâmpagos em ziguezague.

— O que é isto?

— Um amuleto, um talismã, um *mojo*: as pessoas o chamam de várias maneiras. É o símbolo do Gran Bois, um *loa* muito poderoso. Afasta o azar.

Guardei o amuleto no bolso e nos beijamos novamente, um beijo um tanto quanto pudico. Nada mais foi dito. Ouvi a corrente sendo passada na porta enquanto me dirigia ao elevador. Por que não disse a ela que a amava quando tive a chance?

Após fazer uma baldeação na Rua 14, cheguei até a praça Union e, apesar de descer apressadamente os degraus de ferro da plataforma, perdi por questão de segundos um trem que saía. Tive tempo de comer alguns amendoins antes da chegada do carro seguinte, que estava quase vazio. Apesar disso, preferi não me sentar, ficando de pé, encostado junto à porta, observando as paredes brancas encardidas passarem pelo carro em movimento.

As luzes das luminárias pareciam piscar com o deslocamento do trem, que transpunha uma curva, após adentrar um túnel. As rodas de metal gemiam como águias feridas contra os trilhos. Agarrei-me à barra de sustentação para não cair. Ganhamos velocidade e pouco tempo depois passávamos por ela.

Era preciso estar bem atento para vê-la. Somente as luzes do trem, refletindo nas lajes repletas de fuligem, revelavam a presença fantasmagórica da estação abandonada da Rua 18. A maioria dos passageiros, fazendo esse mesmo percurso duas vezes ao dia durante todas as semanas de suas vidas, provavelmente jamais a notara. De acordo com o mapa oficial do metrô, ela nem existia.

Pude distinguir os numerais em mosaico decorando cada coluna e vi uma pilha de lixo mergulhada em sombras, amontoada junto à parede. Então, o trem entrou novamente no túnel, e a estação desapareceu.

Desci na parada seguinte, na Rua 23. Subi a escada, atravesei a avenida, desci e paguei quinze centavos por outra passagem. Várias pessoas aguardavam na plataforma, por isso fiquei admirando a mulher de um anúncio, em cujo rosto pintaram um bigode com caneta esferográfica e escreveram *CONTRIBUA PARA A SAÚDE MENTAL*, rabiscado a lápis na testa.

Um carro com destino à Ponte Brooklin chegou, e todos o pegaram, com exceção de mim e de uma velha senhora. Caminhei na direção dela, olhando os posters na parede, fingindo interesse pelo homem sorridente que conseguira seu emprego através do *New York Times* e pelo garoto chinês mastigando uma fatia de pão preto de centeio.

A velha não parecia notar minha presença. Vestia um gasto sobretudo preto, com vários botões faltando, e carregava uma sacola de compras. Olhando de esguelha, vi que ela subiu no banco de madeira, abriu a gaiola de arame da luminária e rapidamente desatarraxou a lâmpada. Quando cheguei, ela já descera do banco com a lâmpada na sacola. Sorri para ela:

— Poupe suas energias — eu disse. — Estas lâmpadas de nada lhe adiantarão. Todas elas rosqueiam para a esquerda.

— Não sei do que está falando.

— O Departamento de Trânsito usa lâmpadas especiais, que rosqueiam para a esquerda. Fazem isso para desencorajar roubos. Elas não servem em soquetes comuns.

— Não tenho a menor idéia do que está falando. — A velha afastava-se rapidamente, sem olhar para trás uma única vez. Esperei até que ela estivesse na segurança do banheiro feminino.

Um trem expresso para o centro passou rugindo, enquanto eu descia a estreita escada de metal no fim da plataforma, chegando a uma passarela que corria paralela aos trilhos. O brilho débil de lâmpadas de baixa intensidade, postadas a distantes intervalos do túnel, mostrava o caminho em meio à penumbra. Entre as passagens dos carros, tudo ficava muito silencioso, e era mesmo possível ouvir o barulho dos ratos ao lado, no leito dos trilhos.

O túnel do metrô era como uma caverna interminável. Água gotejava do teto e o limbo tornava escorregadias as paredes sujas. À passagem de um dos trens, encostei-me contra a parede viscosa e fiquei observando, a poucos centímetros de meu rosto, a sucessão de carros iluminados. Fui visto por um garotinho de expressão meiga, sentado de joelhos num dos bancos, mas quando ele, atônito, fez menção de apontar para mim, seu vagão já estava longe.

Eu parecia ter caminhado muito mais do que cinco quarteirões. De vez em quando, chegava a galerias cheias de canos e escadas de metal que levavam ao lado oposto. Apressei-me, com as mãos nos bolsos. O contato dos dedos com a empunhadura trabalhada do meu 38 era algo reconfortante.

Não vi a estação abandonada até chegar a três metros da escada. As lajes de fuligem brilhavam como as ruínas de um templo ao luar. Fiquei completamente paralisado, segurando a respiração, sentindo o bater do coração contra a Leica pendurada sob a jaqueta. Ouvi, a distância, um choro de bebê.

44

O SOM ECOOU na escuridão. Fiquei a escuta ainda por um longo tempo antes de perceber que ele viera da plataforma oposta. Atravessar quatro fileiras de trilho não era nada agradável, e fiquei pensando os prós e os contras de usar minha caneta-lanterna antes de perceber que a esquecera em casa.

As luzes distantes do túnel lançavam reflexos sobre as linhas dos trilhos. Embora estivesse escuro, eu podia divisar as vigas mestras de ferro, postadas ali como troncos imersos na escuridão de uma floresta à meia-noite. O que eu não podia ver eram os meus próprios pés, e senti a ameaça oculta dos fios de alta-tensão, letais como cascavéis escondidas nas sombras.

Ouvi o som de um trem se aproximando e olhei para a extremidade do túnel; nada à vista no leito de trilhos em que eu estava. Aproveitei a passagem do trem para transpor o suporte de um par de cabos de eletricidade e segui em frente, medindo meus passos pela distância entre os dormentes.

O barulho de um outro trem alertou-me. Chequei minha retaguarda e senti o despejo de uma carga de adrenalina: o trem vinha à toda velocidade, exatamente em minha direção. Postei-me entre as vigas que separavam as duas fileiras e fiquei imaginando se o condutor me vira quando o carro passou, rugindo como um dragão bravo, cuspidando faíscas pelas rodas. Atravessei pela última vez os fios de alta-tensão, e o barulho ensurdecedor cobriu qualquer som de meus passos na plataforma oposta. Quando as quatro luzes vermelhas do vagão traseiro perderam-se no breu, eu já estava encostado contra a parede fria da estação.

O bebê não chorava mais, ou pelo menos não chorava tão alto que pudesse ser ouvido acima da cantoria. Soava como um palavrório ininteligível, mas eu sabia, pela minha pesquisa daquela tarde, que era latim de trás para frente. Eu estava atrasado para a missa.

Saquei o 38 do bolso e me aproximei cuidadosamente, encostado à parede. Uma cortina fraca de luz erguia-se no ar a minha frente. Logo pude discernir grotescas silhuetas bruxuleantes no que antes fora a galeria de entrada da estação. As catracas e portões tinham sido removidos já há muito tempo. Do local onde me escondia, vi as velas: grossas e negras. Se o livro estivesse correto, eram feitas de gordura humana, como as que encontrei no banheiro de Margaret Krusemark.

A congregação usava roupões e máscaras de animais. Bodes, tigres, lobos, vários tipos de criaturas com chifres, todos entoando sua litania ao contrário. Guardei a arma no bolso e peguei a Leica. As velas cercavam o altar baixo, envolto em tecido negro, acima do qual pendia uma cruz de cabeça para baixo.

O sacerdote que comandava a cerimônia era gordo e rosado, e vestia um manto negro aberto ao meio, com uma faixa de símbolos cabalísticos bordados com linha dourada. Sob a vestimenta, ele estava nu, e percebia-se pela luz da vela que seu pênis estava ereto. Dois jovens acólitos, também nus debaixo de suas finas sobrepelizes de algodão, ladeavam cada extremo do altar, balançando o incensório, cuja fumaça tinha a doçura acre de ópio queimado.

Tirei algumas fotos do pastor e de seus belos assistentes.

Não havia luz suficiente para fazer melhor. O sacerdote recitou as rezas, e a congregação respondeu urrando e uivando. À passagem de mais um trem, aproveitei a luz dos vagões para contar quantos estavam presentes: dezessete pessoas, incluindo o padre e os coroinhas. Pelo que pude perceber, todos ali estavam nus sob as vestes tremulantes. Julguei ter visto o corpo rijo de Krusemark, fantasiado com uma máscara de leão. Vi um tufo de seus cabelos prateados enquanto ele andava e grunhia. Tirei mais quatro chapas antes que o trem se fosse.

O padre fez um gesto e do meio das sombras surgiu uma adorável adolescente. O cabelo, que lhe chegava à cintura, caía sobre a roupa como a luz do sol clareando a noite. Ela não se moveu

enquanto o sacerdote abria as pregas de suas vestes. O manto escorregou em silêncio até o chão, revelando ombros delgados e seios ainda em gestação, o púbis brilhando *como* ouro à luz das velas.

Tirei mais fotos do sacerdote acompanhando-a até o altar. Seus movimentos lerdos, lânguidos, sugeriam que estava fortemente drogada. Agacharam-na até o pano preto e deitaram-na de costas, as pernas pendendo e os braços esticados. Em cada uma de suas mãos, viradas para cima, o sacerdote colocou uma vela preta, grossa e curta.

— Aceite a pureza imaculada dessa virgem — entoou o sacerdote —, ó Lúcifer, nós Lhe rogamos. — Ele caiu de joelhos e beijou a garota entre as pernas, deixando ali brilhantes gotículas de saliva. — Que esta carne casta honre seu nome divino. — O sacerdote ergueu-se e um dos coroinhas entregou-lhe uma caixa de prata, da qual ele retirou uma hóstia sagrada, e depois, virando a caixa de ponta cabeça, espalhou os discos translúcidos aos pés da congregação. Não houve mais latim de marcha à ré quando os fiéis engoliram suas hóstias; vários deles urinaram no chão.

Um acólito deu ao sacerdote um cálice alto de prata; o outro ajoelhou-se e recolheu restos de hóstia do chão, colocando-os no cálice. A congregação grunhia como porcos no cio, enquanto o coroinha equilibrava o cálice na barriga da garota.

— Ó Astaroth, Asmodeus, príncipes da amizade e *do* amor, peço-lhes que aceitem este sangue, que é derramado em sua honra.

O choro vigoroso de um bebê interrompeu os gritos bestiais. Um dos ajudantes surgiu das sombras carregando uma criança, que chorava e esperneava. O sacerdote ergueu-a pela perna, dizendo:

— Ó Baalberith, ó Belzebu, esta criança é oferecida em vosso nome.

Tudo aconteceu muito repentinamente. O sacerdote deu o bebê ao acólito, recebendo deste uma faca. A luz da vela refulgiu na

lâmina quando a garganta da criança foi cortada. A pequena criatura ainda se debateu, e seus gritos tornaram-se um gargarejo abafado:

— Eu te sacrifico em honra ao Divino Lúcifer. Que a paz de Satã esteja sempre contigo. — O sacerdote segurou o cálice sob o sangue que jorrava. Usei um rolo de filme registrando a morte do bebê.

Os cantos da congregação aumentaram de intensidade, abafando o barulho de um trem que se aproximava. Abaixei-me junto à parede e coloquei outro filme na câmara, enquanto o acólito sacudia o corpo flácido da criança, em busca das últimas gotas preciosas. Nas paredes e na pele pálida da garota do altar, reluziam manchas vividas de sangue. Desejei que cada instantâneo que eu tirara fosse uma bala, e que não fosse daquele bebê o sangue que escurecia aquelas lajes esquecidas.

Um trem passou zunindo, *iluminando o ambiente com suas luzes*. O sacerdote bebeu do cálice e jogou o que restava sobre os mascarados, que urravam, deliciados. O pequeno corpo sem vida foi jogado fora. Os acólitos masturbavam uns aos outros, rindo e jogando as cabeças para trás.

Desfazendo-se de suas vestes, o sacerdote ajoelhou-se diante da virgem ensangüentada, penetrando-a com investidas curtas, como um cachorro. A garota não esboçou qualquer reação, segurando ainda as velas nas palmas das mãos esticadas e olhando para o vazio com olhos arregalados. A congregação agora estava enlouquecida. Tirando suas capas e máscaras, copulavam freneticamente no solo, homens e mulheres em todas as posições possíveis, incluindo um quarteto. Os gemidos e urros ergueram-se acima do bater violento das rodas de um trem, cujas luzes projetavam as silhuetas nas paredes. Vi Ethan Krusemark penetrando um bomenzinho barrigudo de cabelos compridos. Os dois estavam diante da entrada do banheiro masculino e pareciam atores de um filme pornográfico mudo, na luz bruxuleante das velas. Tirei um rolo inteiro de filme mostrando o tubarão dos negócios em ação.

A festa ainda continuou por cerca de meia hora. Mas o tempo não estava para orgias no metrô, e o ar úmido e gelado acabou por solapar o entusiasmo mesmo do mais ardente admirador do diabo. Logo todos estavam procurando suas roupas e sapatos, o que não era muito fácil naquela escuridão. Fiquei de olho em Krusemark.

Ele guardou suas roupas numa valise e deu uma mão aos companheiros na limpeza. O altar e a cruz invertida foram removidos, o sangue limpo com trapos. Mais tarde, apagaram as velas e os integrantes do grupo começaram a se dispersar, sozinhos ou em pares. Alguns, com lanternas, atravessaram os trilhos até o outro lado. Um deles carregava um saco pesado, do qual pingavam algumas gotas.

Krusemark foi um dos últimos a sair. Ficou cochichando com o sacerdote por vários minutos, enquanto a garota loira passava por eles como um zumbi, arrastando os pés. Os dois se despediram e deram-se as mãos como presbiterianos ao final de uma missa. Krusemark passou ao alcance de meus braços, caminhando através da plataforma deserta.

45

KRUSEMARK ADENTROU o túnel, andando rapidamente pela estreita passarela; via-se que não era a primeira vez que ele saía para passear no metrô. Deixei-o alcançar a primeira luminária antes de sair em seu encalço, acompanhando seu ritmo, passo a passo, silencioso como uma sombra em minhas botas de solado de borracha. Se ele, por algum acaso, olhasse para trás, eu estaria perdido: seguir um homem num túnel era como tentar um flagrante de adultério escondendo-se debaixo de uma cama de hotel.

A aproximação de um trem deu-me a cobertura de que precisava. Quando o expresso foi chegando perto, comecei a correr o mais rápido que podia, o barulho dos passos sufocado pelo trovejar do trem, com o 38 na mão. Krusemark nada ouviu.

Após a passagem do último vagão, notei que ele desaparecera. Estava a menos de dez metros e de repente sumira; como pude perdê-lo no túnel? Mais cinco passadas e vi uma porta aberta. Era algum tipo de saída de serviço, que dava para uma escada de metal. Krusemark estava subindo por ela quando o surpreendi.

— Parado! — gritei, segurando o Smith & Wesson com as duas mãos.

Krusemark virou-se, piscando os olhos na luz escassa.

— Angel?

— Vire-se e fique de frente para a escada. Coloque as mãos no degrau, acima de sua cabeça.

— Seja razoável, Angel. Vamos conversar.

— Faça o que lhe mandei — ordenei, baixando a mira, A primeira vai atravessar sua rótula, Terá que usar bengala pelo resto da vida.

Krusemark obedeceu, deixando a valise de couro cair no chão. Aproximei-me e apalpei suas roupas, revistando-o, mas ele estava limpo. Peguei as algemas do bolso do paletó e preendi seu pulso direito ao degrau que ele segurava. Krusemark encarou-me, e eu soquei sua boca com toda a minha força.

— Seu porco imundo! — gritei, colocando o cano dó 38 sob seu queixo e forçando sua cabeça para trás. Os olhos de Krusemark arregalaram-se como os de um garanhão preso numa armadilha. — Minha vontade é espalhar seus miolos pela parede, desgraçado.

— Você ficou l-louco? — gaguejou ele.

— Louco? Acertou na mosca. Fiquei louco desde que seus capangas me pegaram.

— Está cometendo um engano.

— Merda! Tudo o que você diz é um monte de merda. Talvez se eu fizer um remanejamento em seus dentes, você consiga se lembrar — sorri para ele, mostrando o trabalho do dentista em minha boca. — Como seus caras fizeram comigo.

— Não sei do que está falando.

— É claro que sabe. Você me armou uma cilada e agora está tentando salvar seu pescoço. Vem mentindo desde o primeiro minuto em que nos encontramos. Edward Kelley é o nome de um mago do século dezoito. É por isso que você o usou como pseudônimo, não porque sua filha achava bonito.

— Você parece estar muito bem informado.

— Tenho feito minhas lições de casa, estou progredindo em magia negra. Por isso não me venha com histórias sobre como a empregada deu as cartas de tarô a sua filha quando ela ainda usava fraldas. Era você o tempo todo. Você é o adorador do demônio.

— Se não fosse, seria um tolo. O Príncipe das Trevas protege os poderosos. Você deveria rezar para ele, Angel. Ficaria surpreso com as coisas boas que lhe aconteceriam.

— Como o quê? Cortar gargantas de bebês? De onde roubou a criança, Krusemark?

— Não foi nada disso — escarneceu ele. — Pagamos bastante dinheiro por aquele pequeno bastardo. Menos uma boca da previdência social para os contribuintes sustentarem. Você paga impostos, não paga, Angel?

Cuspi no rosto dele. Nunca fizera algo parecido com ninguém antes.

— Uma barata é a escolhida dos deuses perto de você. Não sinto nada quando piso numa barata, por isso pisar em você seria um prazer. Vamos começar do início. Quero saber tudo a respeito de Johnny Favorite. Qualquer coisa que tenha visto ou ouvido.

— Por que deveria falar? Você não vai me matar. É fraco demais — desafiou Krusemark, limpando a saliva da cara.

— Não preciso matar você. Posso simplesmente ir embora e deixá-lo preso aqui. Quanto tempo acha que levaria antes que alguém o achasse? Dois dias? Duas semanas? Pode matar o tempo contando os trens passarem.

Krusemark empalideceu um pouco, mas continuou bravateando:

— O que você ganharia com isso? — Perdi o resto de suas palavras, abafadas por mais um trem.

— Seria divertido — respondi, após a passagem dos vagões. — E quando isto for revelado, terei lembranças suas em meu álbum de fotografias. — Ergui um rolo amarelo de filme para que ele pudesse dar uma boa olhada. — Minha favorita é a que mostra você e o barrigudinho. Acho até que vou fazer uma ampliação dela.

— Está blefando.

— Será que estou? — Mostrei a ele minha Leica. — Tirei dois rolos de trinta e seis chapas. Está tudo preto no branco, como dizem.

— Não há luz suficiente para fotografias aqui embaixo.

— Há para o Tri-X; já vi que fotografia não deve ser um de seus *hobbies*. Vou pendurar alguns dos instantâneos no quadro de avisos de seu escritório. Talvez mande alguns para os jornais também. Para não falar da polícia. — Virei-me para sair. — Vejo você por aí. Por que não experimenta apelar para o demônio? Talvez ele venha soltá-lo.

O sorriso de desdém de Krusemark deu lugar a uma carranca de profunda preocupação:

— Espere, Angel, podemos conversar.

— Era exatamente o que eu tinha em mente, figurão. Você fala, eu escuto.

— Dê-me o filme — disse ele, erguendo a mão que não estava algemada. — Digo tudo o que quiser saber.

— Nada disso — respondi, divertindo-me com a proposta. — Primeiro você canta. Sé eu gostar da música, o filme é seu.

Krusemark esfregou o nariz e olhou para o chão imundo:

— Tudo bem. — Os olhos dele subiram e desceram como ioiôs enquanto me observavam jogar o filme para o alto e pegá-lo no ar. — Conheci Johnny no inverno de trinta e nove. Era a comemoração da Festa da Purificação da Virgem Maria na casa de, bem, o nome não vem ao caso, faz dez anos que ela faleceu. Essa pessoa tinha uma casa na Quinta, perto de onde estão construindo aquele horrível museu de Frank Lloyd Wright. Naqueles tempos, o lugar era famoso pelos bailes que lá eram realizados; o da senhora Astor, o dos Quatrocentos, esse tipo de coisa. Mas o grande salão de

festas era usado apenas para cerimônias da Velha Fé e Sabás quando o conheci.

— Missas negras?

— Às vezes. Nunca compareci a nenhuma naquela casa, mas amigos meus, sim. Bem, de qualquer modo, naquela noite conheci Johnny. Já de início fiquei impressionado com ele: não podia ter mais de dezenove ou vinte anos, mas tinha algo especial; era possível sentir o poder correndo através dele como uma corrente elétrica. Seus olhos eram os mais vivos que eu já vira em minha vida, e eu já cruzei com muitos.

— Apresentei-o a minha filha, e eles logo sê identificaram. Meg já era mais versada nas artes obscuras do que eu, e reconheceu aquele algo especial em Johnny. A carreira dele estava apenas começando, e Johnny estava faminto por fama e riqueza. Poder era algo que ele já tinha: vi-o conjurar o espírito de Lucifuge Rofocale bem na minha sala de estar, um procedimento bastante complicado.

— Você espera que eu engula o que está dizendo?

— Engolir, cuspir, de nada me interessa — exasperou-se Krusemark, encostando-se na escada e descansando um dos pés no primeiro degrau. — É a verdade: Johnny estava metido naquilo muito mais fundo do que eu ousaria ir. As coisas que ele fez teriam deixado um homem comum maluco. Ele sempre queria mais; queria tudo. É por isso que fez um pacto com Satã.

— Que tipo de pacto?

— O arranjo de sempre. Vendeu sua alma por estrelato.

— Ridículo.

— É verdade.

— É mentira, e você sabe disso. O que fez ele, assinou um contrato com sangue?

— Não conheço os detalhes. — O olhar insolente de Krusemark traía impaciência e escárnio. — Johnny foi sozinho, à meia-noite, ao cemitério da Igreja Trinity para a invocação. Você não deveria fazer tão pouca conta do que lhe digo, Angel, não quando está diante de forças fora de seu controle.

— Ok, digamos que eu acredite: Johnny Favorite fez um pacto com o diabo.

— Lorde Satã em pessoa ergueu-se das profundezas do inferno. Deve ter sido magnífico.

— Parece bastante arriscado vender a alma. A eternidade é um tempo por demais longo.

Krusemark sorriu. Em seu sorriso havia mais do que simples sarcasmo.

— Orgulho. O pecado de Johnny era o orgulho. Pensou que poderia enganar o próprio Príncipe das Trevas.

— Como assim?

— Você deve entender que não sou um catedrático, apenas um fiel. Testemunhei o ritual, mas nada posso dizer-lhe a respeito da natureza mágica das invocações ou o que aconteceu durante os preparos que as precederam, que levaram uma semana.

— Vã direto ao ponto.

Antes que ele pudesse começar a falar, foi interrompido pela passagem de um expresso. Encarei-o, e ele sustentou meu olhar. Nem um piscar de pálpebras o traiu enquanto se recordava de sua história até a passagem do último vagão.

— Com a ajuda de Satã, Johnny explodiu de uma hora para outra. Explodiu mesmo. Da noite para o dia estava nas manchetes;

em poucos anos estava rico como o Forte Knox. Acho que isso lhe subiu à cabeça. Começou a achar que era ele a fonte do poder, e não o Príncipe. Não demorou muito antes que começasse a dizer que arranjaria um jeito de escapar de sua parte na barganha.

— E conseguiu?

— Tentou. Ele tinha uma biblioteca razoável, e nela encontrou um rito obscuro, num manuscrito de algum alquimista do Renascimento. Envolvia a transmutação de almas. Johnny achava que poderia trocar a identidade psíquica com alguém; tornar-se, na realidade, a essência de outra pessoa.

— Vá em frente.

— Bem, ele precisava de uma vítima: alguém da sua idade, nascido sob o mesmo signo. Encontrou um jovem soldado recém-chegado do norte da África, uma das primeiras baixas de guerra. Acabara de receber alta e estava na Times Square, comemorando o *réveillon*. Foi lá que Johnny o pegou, drogou-o num bar, e levou-o para sua casa, onde se deu a cerimônia.

— Que tipo de cerimônia?

— O ritual de transmutação. Meg serviu de assistente e eu, de testemunha. Johnny tinha um apartamento no Waldorf Astoria, onde mantinha um quarto apenas para tais ocasiões. Dizia às empregadas que usava o lugar para praticar canto. Cortinas escuras de veludo cobriam as janelas. O soldado estava deitado de costas, nu, num tapete de borracha. Johnny marcara a fogo um pentáculo no peito dele. Havia suportes com incenso acesos em cada canto da sala, mas o cheiro de pele queimada era muito mais forte. Meg desembainhou uma adaga virgem, nunca usada antes, que Johnny benzeu em grego e hebraico. Aquelas rezas eram novas para mim; não consegui entender uma única palavra. Quando acabou de benzer, ele banhou a lâmina no fogo do altar e cortou fundo no peito do soldado, de um mamilo a outro. Então mergulhou a adaga no sangue do rapaz e com ela traçou um círculo no chão, ao redor do

corpo. Houve então mais cantos e feitiçaria, incompreensíveis para mim. Recordo-me apenas dos odores e das sombras dançando. Meg aspergiu produtos químicos sobre o fogo e as chamas mudaram de cor, verde e azul, violeta, rosa. Foi uma espécie de hipnose.

— Isso está parecendo um show de variedades. O que aconteceu ao soldado?

— Johnny comeu seu coração. Foi cortado tão rapidamente que ainda batia quando ele o engoliu. Aquele foi o fim da cerimônia. Talvez ele tenha se apoderado da alma do sujeito; para mim, ainda aparentava ser o Johnny de sempre.

— O que ganhou ele matando o soldado?

Seu plano era sumir quando tivesse chance e ressurgir com a identidade do soldado. Guardava dinheiro em lugares desconhecidos já há algum tempo. O Lorde Satã presumivelmente jamais descobriria a diferença. O problema é que Johnny não se preparou para todas as eventualidades; acabou sendo convocado antes que pudesse terminar o plano. E quando voltou da guerra não lembrava nem do próprio nome, quanto mais de uma feitiçaria hebraica.

— E é aí que sua filha entra na história.

— Exato. Um ano já se passara e ela insistiu para que o ajudássemos. Subornei o doutor e deixamos Johnny na Times Square, na noite do ano-novo, como Meg queria. Aquele era o ponto de partida, o último lugar de que o soldado se lembrava antes de Johnny tê-lo drogado.

— O que aconteceu ao corpo?

— Foi retalhado e os pedaços dados aos cães de caça do meu canil, ao norte do Estado.

— Do que mais se lembra?

— Para dizer a verdade, de nada. Talvez de Johnny rindo após o término da cerimônia. Ele fez piadas a respeito de sua vítima;

disse que o pobre bastardo tivera muito azar. Mandaram-no para a invasão de Oran, e quem acabou atirando nele? Os malditos franceses! Johnny achou aquilo muito engraçado.

— Eu estive em Oran! — berrei, agarrando-o pela camisa e atirando-o de encontro à escada. — Qual era o nome do soldado?

— Não sei.

— Você estava lá no quarto.

— Não soube nada a respeito do que estava acontecendo até momentos antes da cerimônia. Fui apenas a testemunha.

— Sua filha deve ter lhe contado.

— Não, nem mesmo ela sabia. Fazia parte do feitiço: só Johnny podia saber o verdadeiro nome de sua vítima. Alguém em quem ele confiasse tinha de guardar o segredo, por isso Johnny lacrou as plaquetas de identificação militar do sujeito numa urna canópica egípcia, uma peça bastante antiga, e deu-a a Meg.

— Como era essa urna? — Eu estava quase estrangulando Krusemark. — Chegou a vê-la?

— Muitas vezes. Meg deixava-a sobre a escrivaninha. Era de alabastro, alabastro branco, e tinha uma serpente de três cabeças esculpida na tampa.

46

Eu NÃO TINHA tempo a perder. Mantendo o 38 junto às costelas de Krusemark, tirei as algemas que o prendiam e guardei-as no bolso do paletó.

— Não se mexa — ordenei-lhe, movendo-me em direção à porta com a arma apontada para sua barriga. — Nem mesmo respire.

— E o filme? — perguntou-Krusemark, esfregando o pulso. — Você me prometeu o filme.

— Desculpe. Eu estava mentindo. A gente acaba adquirindo maus hábitos na convivência com gente como você.

— Eu preciso deste filme.

— Sim, eu sei. Estou apenas realizando o sonho de todo chantagista.

— Se é dinheiro o que você quer, Angel...

— Use você mesmo seu dinheiro fedorento. Como papel higiênico.

— Angel?

— A gente se vê por aí, figurão. — Entrei na passarela no momento em que um trem passava, sem ligar para se o condutor me vira ou não. Meu único erro foi guardar o Smith & Wesson no bolso. Todos fazemos coisas estúpidas às vezes.

Não ouvi Krusemark aproximar-se. Então ele agarrou-me pela garganta. Eu o subestimara; ele era como um animal selvagem, perigoso e forte. Incrivelmente forte para um homem da sua idade; respirava em pausas curtas, iradas. Era o único de nós dois que estava respirando.

Mesmo usando as duas mãos, eu não conseguia me libertar. Enganchei um pé entre as pernas dele e, desequilibrados, caímos contra a lateral do trem. O impacto nos lançou pelos ares como bonecos de pano e eu fui atirado contra a parede do túnel.

Krusemark conseguiu erguer-se, enquanto eu, estirado no chão poeirento como um bêbado, vi as rodas de ferro passarem a centímetros de meu rosto. Após a passagem dos vagões, Krusemark tentou atingir minha cabeça-com um pontapé. Segurei seu pé e joguei-o no chão; já fora chutado o suficiente por uma semana.

Não havia tempo para tentar pegar o 38. Krusemark caiu sentado diante de mim e eu o acertei no pescoço. Ele grunhiu; atingi-o de novo, com força, sentindo seu nariz se arrebentar como fruta podre. Ele puxou meus cabelos, batendo minha cabeça contra o peito, e rolamos pela passarela estreita.

O Marquês de Queensberry jamais aprovaria nossa luta, repleta de golpes baixos. Krusemark tentava novamente me estrangular. Como não conseguia me desvencilhar daquele golpe de halterofilista, estiquei a mão direita sob seu queixo e empurrei sua cabeça para trás. Não deu resultado, então enfiei o polegar em seu olho.

Agora sim, conseguira meu intento: ouvi Krusemark gritar, mesmo com o barulho de um novo trem adentrando o túnel. Largou-me e eu respirei fundo para recobrar o fôlego. Agarrei suas mãos e nos engalfinhamos, caindo juntos nos trilhos. Consegui ficar por cima e ouvi o som da cabeça dele batendo contra um dormente de madeira. Acertei-o na virilha; o velho parecia estar fora de combate.

Levantei-me, apalpando os bolsos à procura do Smith & Wesson. A arma se fora, perdida durante a luta. Um som de algo batendo contra os trilhos alertou-me para a silhueta de Krusemark, que se erguia. Tentou alverjar-me com uma direita selvagem, mas acabou levando mais golpes no abdômen. Ele era sólido e pesado, mas eu sabia que sentira o golpe. Levei um direto de esquerda no ombro, inofensivo, e encaixei uma de direita em seu rosto, indo de

encontro ao osso do supercílio. Parecia que eu atingira uma parede de pedra; minha mão adormeceu de dor.

Aquele golpe não diminuiu o ímpeto de Krusemark. Ele atirou-se novamente sobre mim, lançando *jabs* potentes, bem colocados. Não pude bloquear todos os seus golpes, e fui atingido algumas vezes enquanto procurava as algemas nos bolsos. Usei-as como chicote, ferindo-lhe o rosto várias vezes; o som do aço quebrando seus ossos era como música para meus ouvidos. Atingi-o mais uma vez, acima do ouvido, e ele tombou de costas, urrando.

O grito repentino ecoou e morreu na umidade do túnel, como alguém que cai de uma grande altura. Um ruído metálico de eletricidade, como o bater de asas de um besouro, fez-se ouvir na escuridão: o fio de alta-tensão.

Eu não queria tocar o corpo. Estava escuro demais para vê-lo claramente, por isso voltei à segurança da passarela. À luz de uma luminária distante, pude ver suas formas obscuras, estiradas sobre os trilhos. Voltei à saída de serviço e dei uma olhada na valise de couro ao pé da escada. Sob a máscara de leão de papel-machê e a capa preta, encontrei uma pequena lanterna de plástico. Voltei ao túnel e acendi a lanterna: Krusemark jazia encolhido no chão como uma pilha de roupas velhas, a expressão de agonia congelada no rosto. Os olhos sem vida fitavam os trilhos; a boca parecia emitir um grito emudecido. Um filete espiralado de fumaça acre erguia-se de sua pele chamuscada.

Apaguei minhas impressões da alça e joguei a valise ao lado do corpo. Ela abriu-se e a máscara caiu sobre os trilhos. Passando o facho de luz pela passarela, descobri meu 38 encostado contra a parede alguns metros adiante. Peguei-o e guardei-o no bolso. Os nós dos dedos de minha mão direita pulsavam dolorosamente, mas eu ainda podia mexê-los, sinal que não estavam quebrados. O mesmo não se aplicava à máquina fotográfica, cujas lentes estavam cortadas por rachaduras, tal como uma teia de aranha.

Passei as mãos pelos bolsos. Estava tudo lá, exceto o amuleto de couro de Epiphany, perdido durante a luta. Olhei rapidamente nas

proximidades, sem encontrá-lo. Havia coisas mais importantes a fazer, por isso saí apressadamente pela passarela, com a lanterna de Krusemark, deixando o armador milionário caído sobre os trilhos para ser despedaçado pelo próximo trem. Os ratos teriam um belo banquete esta noite.

Saí do metrô pela estação da Rua 23 e tomei um táxi na esquina da Park Avenue South. Dei ao chofer o endereço de Margaret Krusemark e em dez minutos estava em frente ao Carnegie Hall. Um velho em roupas amarfanhadas, próximo à esquina, arranhava Bach num violino que só se mantinha inteiro graças à fita adesiva.

Peguei o elevador até o décimo primeiro andar, sem me preocupar em ser ou não reconhecido pelo mirrado ascensorista; era tarde demais para tais perfeccionismos. A porta do apartamento de Margaret Krusemark fora lacrada pela polícia, mas arranquei o lacre da fechadura, encontrei a gazua apropriada, e entrei, apagando as impressões da maçaneta com a manga do paletó.

Acendendo a lanterna do pai, dirigi o fecho de luz para a sala de estar da filha. A mesinha de café onde o corpo fora deixado tinha sido removida, junto com o sofá e os tapetes persas, substituídos por seus contornos demarcados com fita adesiva. O traçado dos braços e pernas de Margaret Krusemark projetando-se para além de ambos os lados do contorno retangular da mesa lembrava o desenho de um homem vestido com um barril.

Nada havia que me interessasse na sala de estar, por isso atravessei o corredor até o quarto da bruxa. As gavetas da escrivaninha e fichário estavam todas em uma sala do Departamento de Polícia. Iluminei a superfície da mesa com a lanterna: o calendário e os papéis haviam sido retirados, mas a fileira de livros de pesquisa continuava intacta. Numa das extremidades, a urna canópica de alabastro reluzia como osso polido.

Minhas mãos tremiam quando a peguei. Por vários minutos, tentei abri-la, mas a tampa esculpida na forma de serpente

permanecia teimosamente fechada. Num ato de desespero, atirei no chão a urna, que despedaçou-se como se fosse vidro.

Vi um brilho metálico entre os cacos e apanhei a lanterna na escrivaninha: um conjunto de plaquetas de identificação militar reluzia nos aros de uma corrente. Peguei-os do chão, segurando a superfície alongada sob a luz. Um arrepio involuntário correu-me o corpo. Passei os dedos gélidos sobre as letras em alto-relevo; junto com o número de série e o tipo sanguíneo, havia um nome: ANGEL, HAROLD R.

47

As PLAQUETAS batiam uma na outra, enquanto eu descia pelo elevador, olhando para os sapatos do ascensorista e passando o dedo sobre as letras de metal como um cego lendo um texto em braille. Meus joelhos bambeavam, mas minha mente trabalhava a todo vapor, tentando entender o que acontecia. Nada parecia fazer sentido; tinha de ser uma armadilha, e as plaquetas, uma prova forjada. Os Krusemark, um ou os dois, estavam envolvidos; Cyphre era o mentor do plano. Mas por quê? De que se tratava tudo aquilo?

Na rua, o ar gelado da noite acordou-me de meu transe. Joguei a lanterna de Krusemark numa lata de lixo e fiz sinal a um táxi. Antes de qualquer coisa, sabia que tinha de destruir as evidências guardadas em meu cofre.

— Quarenta e dois e Sétima — disse ao motorista, recostando-me no banco traseiro, com os pés sobre o assento reclinável, enquanto descíamos a avenida, aproveitando uma seqüência de semáforos abertos.

Nuvens de vapor escapavam pelas bocas-de-lobo como no último ato de *Fausto*. Johnny Favorite vendeu sua alma a Mefistófeles, e tentou livrar-se de sua parte no pacto sacrificando um soldado com o meu nome. Lembrei-me do sorriso elegante de Louis Cyphre: o que teria ele a ganhar com tudo aquilo? Eu me lembrava tão bem do ano-novo de 1943 como se fosse a primeira noite de minha vida. Estava sóbrio como nunca, em meio a um mar de bêbados, minhas plaquetas de identificação a salvo na carteira, quando fui roubado. Dezesesseis anos mais tarde, elas aparecem no apartamento de uma mulher assassinada. Que diabos estava acontecendo?

A Times Square brilhava como um purgatório de néon. Apalpei meu nariz desfigurado e tentei lembrar-me do passado. A maior parte dele se fora, apagada por uma carga de artilharia francesa em Oran. Restavam apenas pedaços e fragmentos. Odores

freqüentemente os trazem de volta. Diabos, eu sabia quem eu era. Eu sei quem eu sou.

As luzes de meu escritório estavam acesas. Estacionamos em frente à loja de trucagens. O taxímetro apontava setenta e cinco centavos. Dei um dólar ao motorista, dizendo-lhe com um resmungo que guardasse o troco. Desejei que ainda houvesse tempo. Subi pela escada de incêndio até o terceiro andar, para que o barulho do elevador não anunciasse a minha chegada. O corredor estava escuro, bem como a sala de espera, mas a luz do escritório interno, filtrada pelo vidro enrugado, era visível. Peguei meu revólver e entrei cautelosamente. A porta da divisória estava aberta, lançando claridade sobre o tapete gasto. Esperei um instante, mas tudo estava quieto.

No escritório reinava a mais completa bagunça: minha escrivaninha fora revistada, gavetas foram tiradas do lugar e o conteúdo espalhava-se no linóleo. O fichário verde estava tombado de lado e as fotos de fugitivos caídas no chão, como folhas de árvores no outono. Quando coloquei a cadeira giratória novamente em pé, vi a porta de aço do cofre aberta.

Foi quando as luzes se apagaram. Não no escritório, mas na minha cabeça. Alguém me acertara com o que parecia ter sido um taco de beisebol. Ouvei o baque contra minha cabeça, ao mesmo tempo em que caía para a frente na escuridão.

Água fria me trouxe de volta os sentidos. Sentei-me, piscando e chacoalhando a cabeça, que parecia ter uma britadeira em seu interior. Louis Cyphre estava diante de mim, de *smoking*, e derramava água de um copo de papel. Na outra mão, ele segurava o meu Smith & Wesson.

— Encontrou o que procurava? — perguntei.

— Sim, obrigado — respondeu Cyphre sorrindo. Ele amassou o copo e jogou-o no chão. — Um homem na sua profissão não deveria guardar seus segredos em latarias como aquela. — Ele retirou o horóscopo que Margaret Krusemark fez para mim do bolso

interno de sua jaqueta. — Imagino que a polícia ficará feliz em ter isso.

— Você nunca sairá bem desta.

— Mas, sr. Angel, eu já saí.

— Por que voltou? Você tinha o mapa astral.

— Eu nem cheguei a ir embora. Você passou direto por mim.

— Uma armadilha.

— Claro que sim, e uma boa armadilha. Você caiu nela com a maior boa vontade. — Cyphre guardou o horóscopo de volta no bolso. — Desculpe-me por ter atingido você tão rudemente, mas eu precisava de mais algumas de suas coisas.

— Quais?

— Seu revólver. Farei bom uso dele. — Ele enfiou a mão no bolso e retirou vagarosamente as plaquetas, balançando a corrente diante de mim. — E disto também.

— Foi esperto de sua parte — eu disse. — Mantê-las no apartamento de Margaret Krusemark. Como conseguiu a cooperação do pai dela?

— Falando nisso, como está o sr. Krusemark? — perguntou Cyphre, com um sorriso ainda mais franco.

— Morto.

— Que pena.

— Posso ver que está completamente arrasado.

— A perda de um fiel é sempre deplorável — Cyphre brincava com as plaquetas, girando a corrente entre os dedos afilados. O anel de ouro do dr. Fowler brilhava em sua mão bem cuidada.

— Pare com essa idiotice! Só porque tem esse nome ridículo não quer que eu acredite que é o demônio em pessoa.

— Preferia que eu tivesse patas e uma cauda?

— Só consegui juntar as peças do quebra-cabeça hoje à noite. Você brincou comigo o tempo todo: almoço no Le Voisin. Deveria ter descoberto quando soube que seiscentos e sessenta e seis era o número da besta no Livro das Revelações. Não sou mais tão afiado como antigamente.

— Você me desaponta, sr. Angel. Pensei que teria muito pouca dificuldade em "de-cy-phrar" meu nome — ele gargalhou sonoramente com seu próprio trocadilho infame.

— É muita esperteza enquadrar-me por seus crimes — eu disse. — Há só um problema.

— E qual seria?

— Herman Winesap. Nenhum policial acreditaria numa história a respeito de um cliente que julgasse ser Lúcifer. Só um lunático se sairia com uma coisa dessas. Mas eu tenho Winesap para corroborar meu testemunho.

— O procurador Winesap morreu num acidente de barco, ontem, em Sag Harbor — disse Cyphre com um sorriso lupino. — Muito desagradável. O corpo ainda não foi encontrado.

— Pensou em tudo, não?

— Tento ser completo naquilo que faço — ele disse. — Deve me desculpar agora, senhor Angel. Por mais agradável que seja nossa conversa, temo que haja negócios me esperando. Seria realmente muito tolo de sua parte tentar me deter: caso se arrisque a algo antes que eu me vá, serei forçado a atirar — Cyphre parou à porta como um *showman* tirando o máximo proveito de sua última fala. — Apesar de estar ansioso para ver minha cláusula contratual

cumprida, seria uma grande pena que você fosse morto com sua própria arma.

— Vá para o inferno!

— Mas claro, Johnny — sorriu Cyphre. — Estarei lá, a sua espera.

Ele fechou a porta da ante-sala sem fazer barulho ao sair. Arrastei-me de quatro pelo chão atulhado de papel até o cofre. Numa caixa de charutos vazia, na prateleira inferior, guardo uma arma extra. Senti meu coração bater desesperadamente, enquanto afastava uma pilha de documentos que servia de disfarce. A caixa ainda estava lá; abri e tirei um Colt Commander calibre 45. Poder tocar a automática era como a sensação de um sonho tornando-se realidade.

Enfiei a munição sobressalente no bolso e corri até a porta da sala de espera. Com o ouvido colado ao vidro, esperei até que o elevador se fosse. Nesse momento, puxei a trava da pistola e a carreguei com um pente de balas. Ainda vi a parte superior do elevador pelo vidro circular da porta do andar, enquanto corria para a escada de incêndio.

Desci de quatro em quatro degraus, segurando no corrimão para não cair e estabeleci um novo recorde mundial para corridas contra elevadores. Ofegante, mantive a porta corta-fogo do térreo aberta com o pé, apoiando a automática contra o umbral com ambas as mãos. O bater do coração martelava em meus ouvidos.

Rezei para que Cyphre ainda tivesse a arma nas mãos quando a porta do elevador se abrisse. Desse modo, eu poderia sustentar que fora autodefesa. Veríamos o que sua magia poderia fazer contra o Colt. Imaginei-o sendo atingido pelos pesados projéteis, seu sangue escuro manchando os laços da camisa social. Posar de diabo pode enganar pianistas ligados a vodu e astrólogas de meia-idade, mas comigo era diferente: Cyphre escolhera o homem errado para fazer de otário.

A janela circular da porta externa encheu-se de luz, era o elevador que parava no térreo. Aprumei a mira e segurei a respiração. A charada satânica de Louis Cyphre chegara ao fim. A porta de metal vermelho abriu-se: o elevador estava vazio. Cambaleei para a frente, como um sonâmbulo, sem acreditar no que via. Ele não podia ter desaparecido, não havia, como sair. Eu observara pelo indicador sobre a porta e vira os números se acendendo enquanto o carro descia sem fazer paradas. Ele não podia ter saído se o elevador não parara.

Entrei e apertei o botão do último andar. Enquanto o carro subia, trepei no corrimão de latão, apoiando-me contra as paredes e abri a portinhola de emergência no teto. Enfiei a cabeça pela passagem e olhei em volta: apenas cabos cheios de graxa e roldanas girando; nenhum sinal de Cyphre. Parei no quarto andar e subi as escadas até o telhado. Procurei atrás de chaminés e respiradouros, andando sobre as bolhas do revestimento de piche. Ele não estava lá em cima. Apoiei-me sobre a cornija e olhei para a rua. Primeiro, ao longo da Sétima Avenida. Depois, do outro lado, esquadrinhei a Rua 42. Havia poucos transeuntes naquele domingo à noite, apenas garotos e garotas de programa ocupavam as calçadas. A silhueta distinta de Louis Cyphre não estava à vista.

Tentei combater minha confusão com lógica. Se ele não estava nas ruas, nem no telhado, e não saiu pelo elevador, ainda devia estar em algum lugar do prédio. Era a única explicação possível. Ele se escondera em algum lugar, tinha de ser isso. Durante a meia hora seguinte, procurei no prédio inteiro. Olhei em todos os banheiros e armários de serviço. Usando minhas chaves mestras, entrei em cada um dos escritórios escuros. Revistei as salas de Ira Kipnis e da Eletrólise Olga; as salas de espera ordinárias de três dentistas baratos e o escritório, do tamanho de um armário, de um negociante de selos e moedas raras: estavam todos vazios.

Voltei a minha sala, sentindo-me perdido. Não fazia sentido; nada daquilo fazia sentido. Ninguém pode desaparecer assim, tinha de haver algum truque. Afundei-me na cadeira giratória, ainda com o Colt Commander na mão. Do outro lado da rua, as notícias do dia

prosseguiam na incansável marcha do cartaz luminoso: ...PRECIPITAÇÃO RADIOATIVA DE ESTRÔNCIO-90 DOS EUA É A MAIS ALTA DO MUNDO... ESTADO DE SAÚDE DE DALAI LAMA PREOCUPA HINDUS... Quando pensei em ligar para Epiphany, já era tarde demais. Iludido novamente pelo maior dos ilusionistas.

48

O TOCAR ININTERRUPTO do telefone tinha o mesmo quê de desespero da voz solitária do navegante espanhol na garrafa do dr. Cipher. Outra alma perdida, como eu. Sentei por um longo tempo com o ouvido no receptor, cercado pela desolação de meu escritório revirado. Minha boca estava seca e com gosto de cinzas. Eu perdera todas as esperanças. Cruzara o limiar da perdição.

Após um tempo, levantei-me e desci as escadas até a rua. Estava diante da maior encruzilhada de minha vida, e não sabia que rumo tomar. Mas isso não importava mais. Minha caminhada fora suficientemente longa: faltavam-me forças para continuar. Fiz sinal para um táxi que passava na 42 Leste.

— Algum endereço em especial? — O sarcasmo do motorista quebrou um silêncio longo e melancólico.

Minhas palavras soaram distantes, como que ditas por outras pessoas.

— Hotel Chelsea, na 23.

— Aquele entre a Sétima e a Oitava?

— O próprio.

Pegamos a Sétima e eu me encostei junto à janela no banco traseiro, observando um mundo que para mim estava morto! Passamos pelas colunas cinzentas e sombrias da estação Penn, ouvindo ao longe o soar estridente das sirenes de carros de bombeiro. O motorista permeneceu calado, enquanto eu cantarolava uma música de Johnny Favorite, popular durante a guerra. Era um de meus maiores sucessos.

Pobre Harry Angel, comido pelos cães como os restos de um almoço. Eu o assassinei e comi seu coração, mas acabei morrendo junto com ele. Não havia poder ou magia capaz de mudar aquilo. Eu estava vivendo uma vida que não era a minha, com as memórias de

outro homem: era uma criatura híbrida e corrupta tentando fugir de meu passado. Devia ter percebido que seria impossível. Por mais que você tente disfarçar diante do espelho, seu reflexo sempre te encara direto no olho.

— Parece que as coisas estão agitadas por aqui hoje à noite — comentou o chofer, estacionando do outro lado da rua, já que em frente ao Chelsea havia três viaturas e uma ambulância da polícia paradas em fila dupla. — Um dólar e sessenta — disse ele, levantando a bandeira do taxímetro.

Peguei a nota de cinquenta que guardo para situações de emergência, e disse-lhe para ficar com o troco:

— Isto não são cinco dólares. Cometeu um engano, senhor.

— Muitos enganos — retruquei, atravessando a rua, cujo calçamento tinha a cor de lajes de túmulos.

Um patrulheiro estava falando ao telefone da recepção, mas nem prestou atenção a minha passagem.

— Três pretos, cinco com leite, um chá com limão — ouvi o homem dizer antes que a porta do elevador se fechasse.

Dois enfermeiros aguardavam no corredor de meu andar, junto a uma padiola com rodas. Um deles resmungou:

— Por que tanta pressa? — Eles sabiam o tempo todo que tinham um presunto nas mãos.

Um facho de luz surgiu em meio à fumaça de cigarro barato quando entrei pela porta aberta de meu apartamento. Três tiras uniformizados andavam de um lado para outro sem ter o que fazer, enquanto o sargento Deimos, sentado na mesa com as costas viradas para mim, falava com alguém ao telefone, dando-lhe minha descrição. O clarão de um outro facho iluminou o quarto. Fui até lá dar uma olhada. Uma era suficiente: Epiphany estava deitada na cama de barriga para cima, com minhas plaquetas militares penduradas no pescoço e os pulsos e os tornozelos atados aos pés e

à cabeceira da cama por quatro horríveis gravatas. No meio de suas pernas abertas projetava-se o cano de meu Smith & Wesson, e suas coxas estavam manchadas por respingos do sangue do útero.

O tenente Sterne era um dos detetives à paisana no local, e observava com as mãos nos bolsos do sobretudo enquanto o fotógrafo se ajoelhava para obter um *close*.

— Que diabo, quem é você? — perguntou um patrulheiro às minhas costas.

— Moro aqui.

Sterne olhou em minha direção, arregalando Os olhos sonolentos.

— Angel? — surpreendeu-se, sem acreditar no que via. — Este é o cara. Peguem-no.

Um tira agarrou-me por trás, sem que eu oferecesse resistência.

— Guardem o heroísmo para outra ocasião.

— Vejam se ele está armado — berrou Sterne, enquanto os outros me olhavam como se eu fosse um animal no zoológico.

Fui algemado e revistado.

— Artilharia pesada — disse um patrulheiro, entregando a Sterne o Colt Commander que encontrou em meu poder. Sterne olhou para a pistola, checkou a trava de segurança, e depositou-a sobre o criado-mudo.

— Por que voltou?

— Não tinha para onde ir.

— Quem é ela? — perguntou Sterne, apontando para o corpo de Epiphany com o polegar.

— Minha filha.

— Ridículo!

— Bem, bem, o que temos aqui? — Era o sargento Deimos, que acabava de entrar no quarto.

— Deimos, ligue para a chefatura e diga-lhes que temos o suspeito sob custódia.

— É pra já — disse o sargento, deixando o recinto sem demonstrar qualquer pressa em particular.

— Vamos começar de novo, Angel. Quem é a garota?

— Epiphany Proudfoot. Tem uma farmácia de ervas na Cento e Vinte e Três com a Lenox.

Um dos detetives tomou nota do que eu dissera. Sterne empurrou-me para a sala de estar, onde me acomodei no sofá.

— Há quanto tempo a conhece?

— Uns dias.

— Apenas o suficiente para matá-la, não? Veja o que encontramos na lareira — disse Sterne, pegando meu horóscopo chamuscado pela ponta que ainda não fora consumida pelo fogo. — O que me diz?

— Nada.

— Não faz diferença. A menos que não seja seu o trinta e oito lá no quarto.

— É meu.

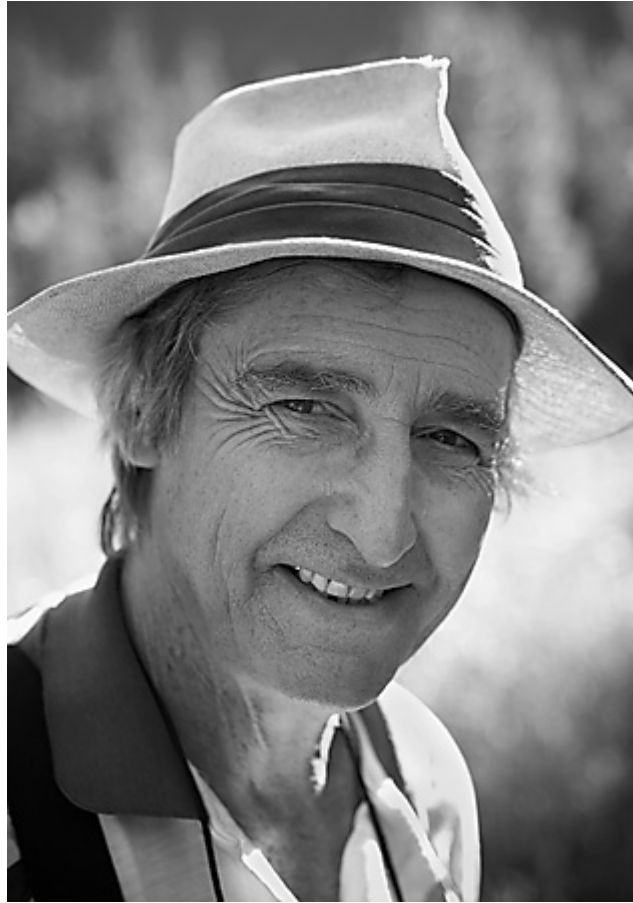
— Você está frito, Angel.

— Frito no fogo dos infernos.

— Talvez, mas já que pensa assim, faremos de tudo na delegacia para lhe oferecer uma boa mostra do que é o inferno. — A

boca estreita de Sterne se abriu num sorriso maldoso. Olhei para seus dentes amarelados e lembrei-me da cara risonha, cheia de malícia, do Parque Steeple Chase. Havia apenas um outro sorriso como aquele: o de Lúcifer. Eu quase podia ouvir sua gargalhada sonora encher a sala. Não era difícil adivinhar o motivo de tanto riso: eu mesmo.

No início do livro consta uma imagem, são assinaturas dos sete demônios, encontrados num pacto firmado entre Lúcifer e Urbain Grandier, vigário de São Pedro em Loudon, França, em 1616. Da esquerda para a direita e de cima para baixo: Lúcifer, Belzebu, Satã, Leviatã, Elimi e Baalberith.



WILLIAM HJORSTBERG é de Nova York, onde nasceu em 23 de fevereiro de 1941, Desde jovem interessado em literatura e teatro, completou curso universitário e fez pós-graduação na Yale Drama School, em 1962 e 1963. Mais tarde, frequentou a Stanford University e em 1969 publicou o primeiro livro, *Alp*, seguido de *Gray Matter*, *Symbiognphy*, e *Toro, Toro, Toro!*, que saiu em 1974. Quatro anos mais tarde, consagrou-se por este *Coração Satânico*. Em seguida, em 1985, escreveu *Tales & Fables*.

Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Citação](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[48](#)

[O Autor](#)

Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Citação](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[48](#)

[O Autor](#)